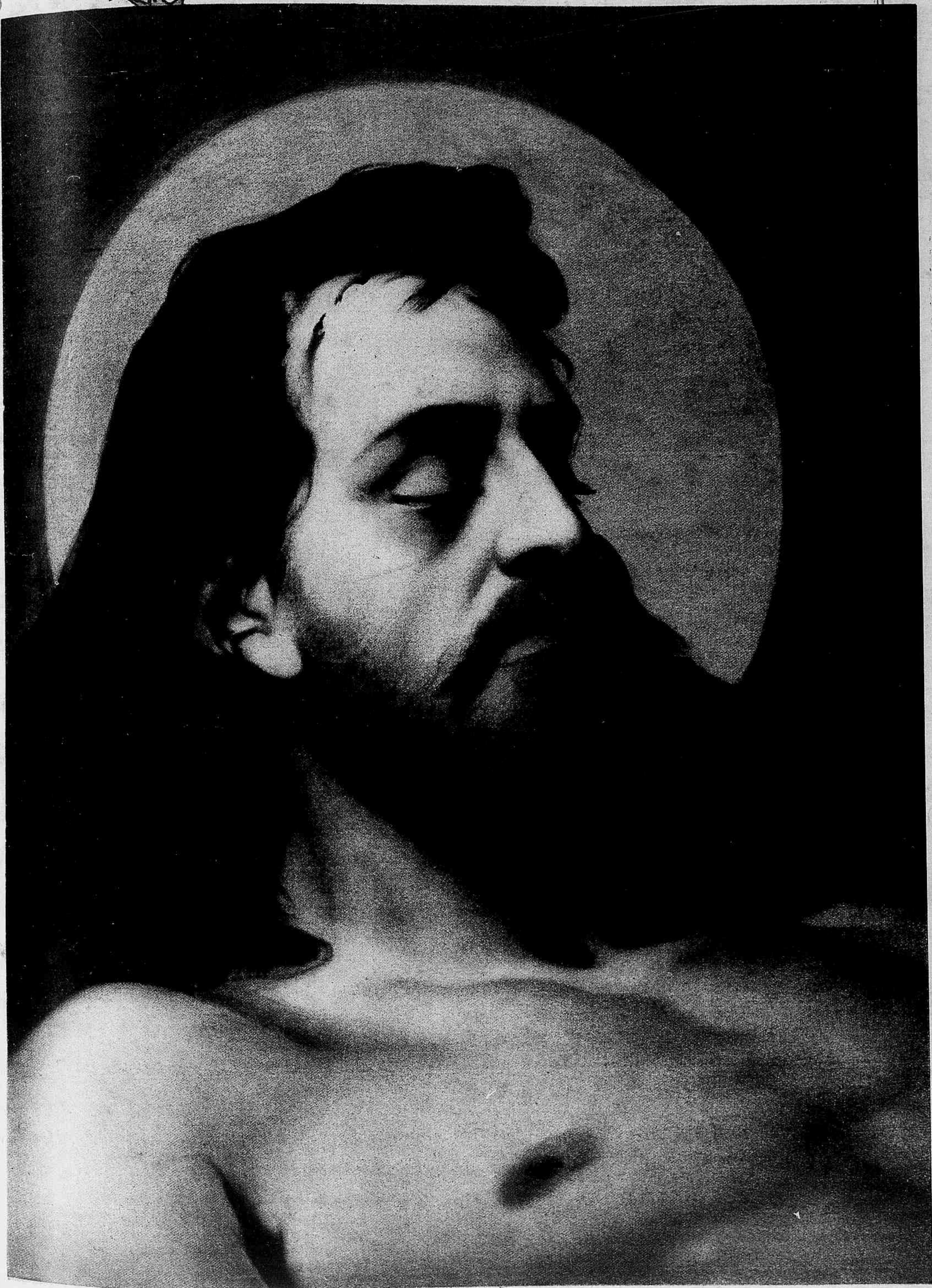


Revista da Semana

ANO XLIV -:- N.º 17 -:- 24 de Abril de 1943

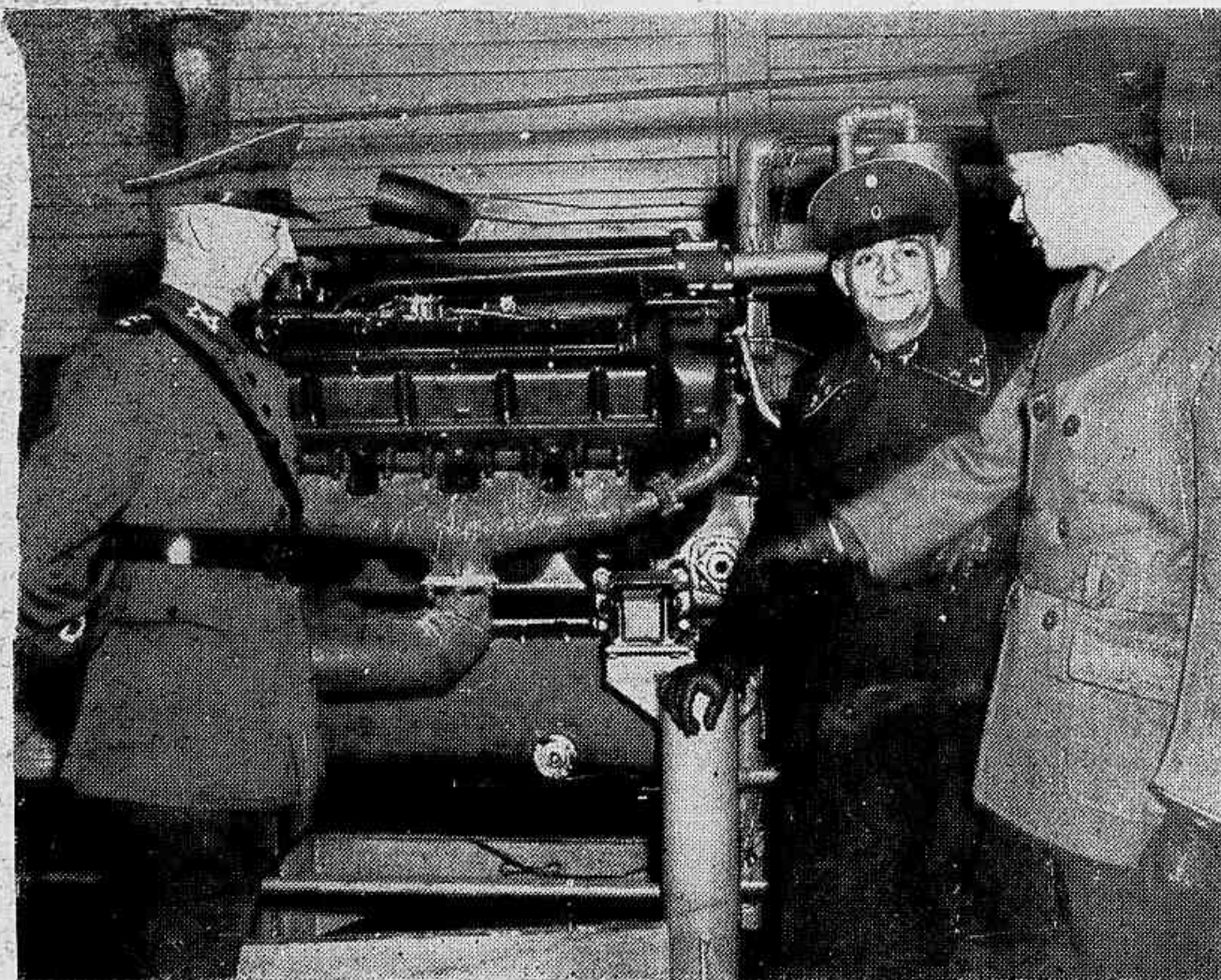
Cr\$ 1,50

em todo
o Brasil

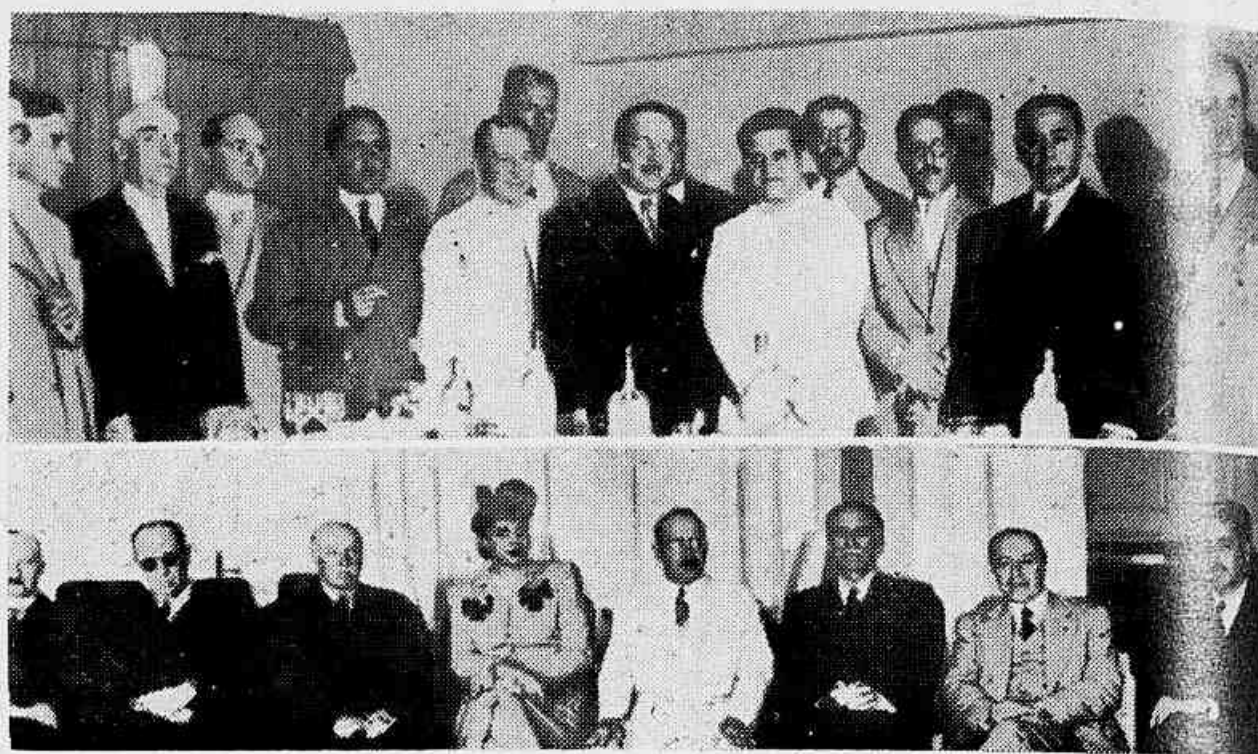


CENTENARIO DE PEDRO AMERICO

FIGURAS E FATOS



O major Theophilo de Arruda, á esquerda, e o major Paiva Chaves, das forças blindadas brasileiras, ouvem interessados a descrição que o 2º. tenente Richard G. Potter faz a respeito deste motor, durante sua visita á Escola de Mecanização do Exército, em Fort Knox. (Foto da Inter-Americana).



VISITA DE INTERCAMBIO CULTURAL DO PROFESSOR HAROLDO VALLADÃO AO CHILE E AO URUGUAI — Grupo tirado na Universidade de Concepción, estando o professor Valladão e Senhora ladeados pelo reitor, D. Enrique Molina, pelo decano D. Tomas Mora y Pinedo, pelo professor Silva Fuentes, diretor de "El Sur" e outros professores

Em cima:

No Colégio de Advogados do Uruguai após a recepção do professor Haroldo Valladão que se vê entre o embaixador Baptista Luzardo e o ministro Aguiar, da Suprema Corte, seguindo-se diretores daquela instituição, juizes e advogados uruguaios.



PEDRO BRANDO

Deixou ha dias o Hospital Central de Acidentados do Lloyd Industrial Sul Americano, onde se achava recolhido, o Sr. Pedro Brando, Superintendente da Organização Henrique Lage.

O Sr. Pedro Brando, que havia sido submetido a delicada intervenção cirurgica, recolheu-se á sua residência, onde passará a convalescência.

COLEGIO PAIVA E SOUZA — Aspecto da assistência á missa em ação de graças, realizada na Basílica de Sta. Terezinha, mandada celebrar pelo Colégio Paiva e Souza por motivo do brilhante resultado obtido por suas alunas no concurso para o Instituto de Educação.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO

PRINCEPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA



O almirante Durval de Oliveira Teixeira, comandante-chefe da Esquadra, ao desembarcar do avião da Panair, no aeroporto Santos Dumont, de regresso de sua viagem de inspeção ás diversas unidades da Esquadra Brasileira em operações no norte do país.

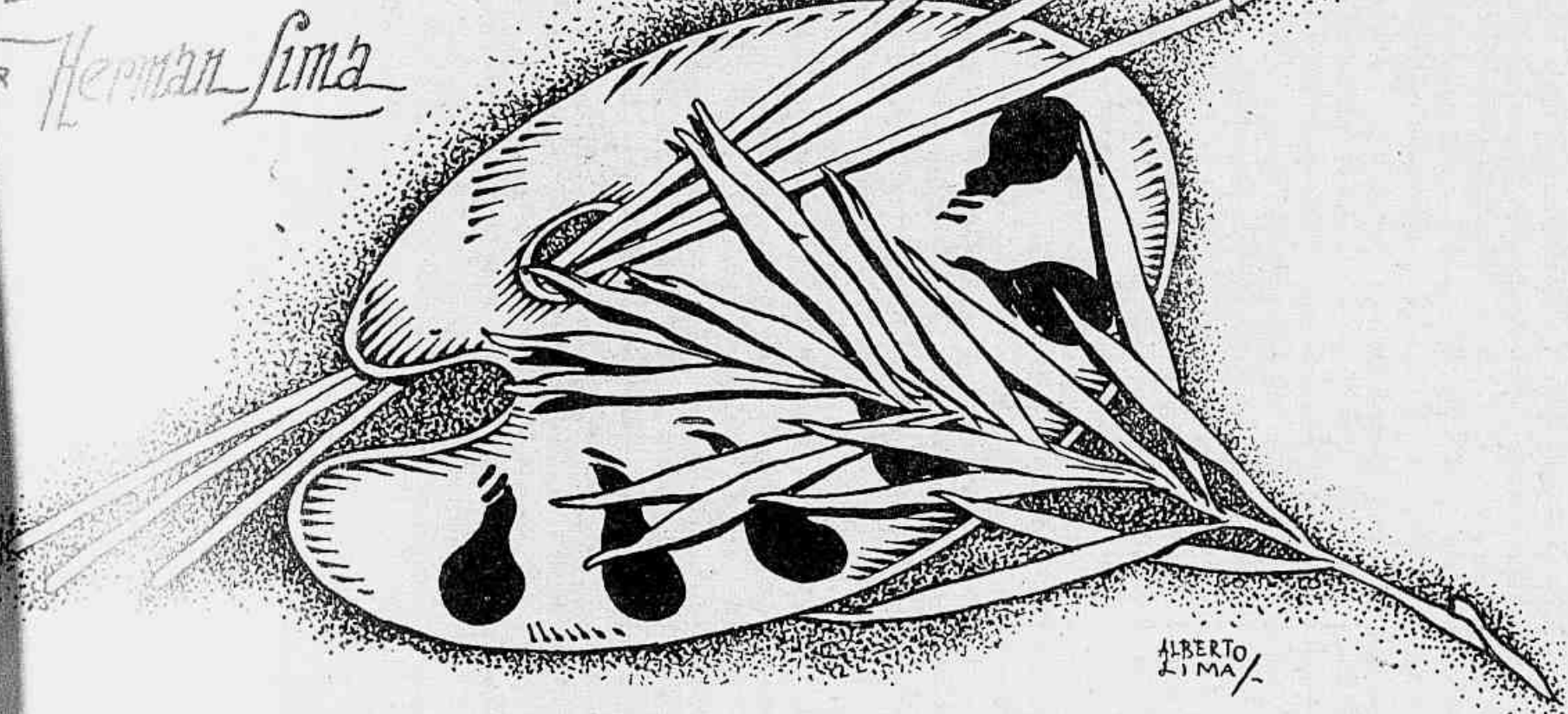
O Sr. Eurico Penteado, representante Departamento Nacional do Café nos Estados Unidos, que acaba de chegar ao Rio Janeiro, num flagrante quando desembarcava do "clipper", no aeroporto Santos Dumont, onde foi recebido pelo Sr. Jay Guedes, presidente do D. N. C.

PEDRO AMERICO

CIDADÃO DO BRASIL

PINTOR DO MUNDO

por *Herman Lima*



PEDRO AMERICO teria sido talvez o maior pintor do Brasil, como ficou sendo o brasileiro Almeida Junior, se o destino retardasse por uns dois ou três lustros pelo menos a chegada de certos sabios estrangeiros à sua cidadezinha paraibana.

Já o ilustre Gilberto Freyre, com a sua argúcia de sociólogo, remexedor das raízes abstrusas da nossa *gens*, marcou, com incisivo reparo, o mal que lhe fez á precocidade de nove anos a incumbencia tecnica de adido oficial á sisuda comissão científica do francês Brunet e do alemão Bindseil: "Ha alguma coisa de menino roubado pelos ciganos no caso de Pedro Americo, arrancado criança á familia e á loja do pai por dois bruxos europeus em viagem científica pelos sertões do Nordeste."

Pense-se de fato no que não seria essa aventura para a personalidade do pequenino artista que, na idade de andar com os moleques da cidade, jogando cangapé nas lagoas cheias ou em estrepolias pelos terreiros das fazendas, se via de repente encangado a dois sabios, correndo os sertões a copiar newuras de folhas e estruturas de fosseis, munido duma solene nomeação do presidente da provincia, ás voltas com um contrato de gente grande, que lhe tolheria as tendencias para o resto da vida.

Tão grande foi o estigma desse jugo na alma do futuro grande pintor que em toda a sua obra vasta nenhuma tela, por mais despresticiosa que seja, revela um impeto de rebeldia, um assomo de independencia artistica, uma explosão desaforada do "eu", que lembrasse de longe sequer o filho dos matutos nordestinos, de infancia embalada ao som das modinhas sertanejas, das toadas dos aboios e do zumbido mole dos desafios. "E" o que mais falta, a meu ver, á alma e á vida de Pedro Americo: alegria, inquietação, adolescencia.

Cá dê nunca mais, em quasi meia centena de quadros de tanto assunto variado, a mão do menino arteiro que espartava os patricios de pé no chão, rabiscando a carantonha do famoso frei Serafim ou traçava na parede caiada de casa um galo madrugador que só faltava cantar para ser de verdade? Que foi que fizeram do meninozinho pensativo, de carinha redonda e olhos coruscantes, como está no estuendo auto-retrato dos seus onze anos? Onde se meteu mesmo o rapagão que poderia ter sido ele, varejador das caatingas atrás do boi fujão, serenatista de voz saudosa para sacudir o coração das caboclas da beira da estrada, bonito e desempenado, com aqueles bigodes torcidos que Deus lhe deu, tão bom para bater o barro socado das casinhas de taipa, no furdunço do fandango, com aqueles pés viajeiros que iriam uma vez, por desfastio, de Paris ao condado de Baden?

Quando o pequenino desenhista da comissão Brunet tivesse seus vinte anos bem puxados, o corpo mordido pelo sol das varzeas nordestinas, duro do chouto dos cavalos de campo e das labutas do plantio, o ouvido remoendo como um busio o farfalho da mata e a cantilena do ribeirão que desce da serra, o olfato bem vivo para o cheiro dos engenhos e das madrugadas no curral (estrupe novo e leite espumando na caneca de flandres), o gosto de todas as frutas da mata na lingua, cajú, cajá, ubáia, mangaba, e agua de côco da baixada, misturada de sol e de luar fresquinho da boca da noite, os olhos ardendo de tanto azul, de tanta estrela, de tanto verde de folharedo e de mar bravo — e as mãos, os olhos, a boca, o olfato, o ouvido embebedados de todos os dengues da cabocla que se desfolha no samba ou nas aguas do rio como ninféia — então, sim, poderia enterrar-se nas aulas graves da imperial Escola de Belas Artes, poderia meter-se anos e anos nos salões dos museus de Florença e de Paris, sem risco mais de deixar por lá o umbigo, como deixou, desenraizado da paisagem natal, alheio para sempre ás coisas e ás gentes de sua terra, estranho entre os seus, a ponto de escrever aos 21 anos a seu amigo Victor Meirelles estas linhas desconsoladoras:

"Minha natureza é outra; não creio dobrar-me com facilidade ás exigencias passageiras dos *costumes* de cada época, que também são uma das fontes em que um talento como o seu pode achar perolas. A minha paixão só a historia sagrada sacia-a."

Não ha porém por que culpar em demasia a este jovem de multiplos rumos, simultaneamente panfletario, homem de gabinete, autor duma "*Hipoteses relativas á causa do fenomeno chamado luz zodiacal*", duma "*Memoria sobre a conjugação do Spirogira Quinina*", duma obra didactica sobre o ensino livre das ciencias naturais e duma refutação á *Vida de Jesus*, de Renan, politico e romancista, além de adjunto a universidades europeias por via de ruidosos concursos, professor de belas artes no Brasil, pintor da Biblia, pintor de batalhas.

Seu mal vinha em linha reta do officialismo de seus primordios artisticos, do ferrete técnico a que o cingira a malfada a expedição a que deveu a gloria e o martirio. Vinha

de mais complexas raízes ainda, pois era apenas o mal do homem do século XIX, devorado de cientificismo e de angustia intelectual, de alma "perpetuamente inquieta", como lembra Henri Focillon: "*Une tristesse l'obsède. Elle lui donne le nom de cet âge même — le mal du siècle — mélancolie non pas sèche ou malsaine, mais ivresse créatrice aussi. Toute mesure lui est étroite; sans cesse elle tend à illimité; le héros qu'elle s'est fait, le "penseur", n'est pas l'homme qui raisonne, mais le rêveur et le voyant*".

Perdido em pleno romantismo francês, ao contato dos grandes nomes que foram os ultimos lampejos da escola e da época, ao jeito de Ingres e de Flandrin, Pedro Americo engolfava-se no mesmo designio funesto dos pre-rafaelitas ingleses, encharcados de teorias e de principios, poetas e ensaistas acima de tudo, egressos do momento, que premeditadamente fugiam ao cotidiano, para a vida convencional de eras artisticamente exaustas, vindo daí toda essa prodigiosa serie de frigidias academias em que o seu genio artistico se dispersou, prodigamente, toda essa galeria de episodios anedoticos e literarios, brilhantes sem duvida muita vez, mas desprovidos de seiva atual, carentes de emoção — desvitaminados, como diria um critico rebarbativo de hoje — em vez de florir numa obra espontanea e impulsiva, que o teria levado ao mais alto cimo da arte brasileira, porque animada de verdade e de vida.

Desenhista prodigioso, a que falta apenas, como pintor, um certo dom de consistencia e de volume no modelado dos nús femininos — capaz de ser o nosso maior pintor de batalhas, sem que se preocupasse, em absoluto, com o genero, a levamos em conta suas proprias palavras citadas antes, era Pedro Americo acima de tudo um estupendo colorista, nutrido dos melhores ensinamentos da escola veneziana, como acentuava a proposito de *Carioca* o admiravel Gonzaga Duque: "*A cor é o seu tour de souplesse*". O pintor coadjuva especialmente o desenhista. A tinta é o seu segredo, é o poder criador das suas obras. É uma prodigiosa boceta de Pandora, essa palheta brilhante e opulenta. Assim o esboço, a figura, tal como ela se apresenta na sua imaginação, dá-lhe o movimento proprio, e depois reanima-a, isto é dá-lhe cor. Não é uma cor convencional, preparada, premeditada, escolhida, não; é a cor de que ela precisa para viver, que ela deve ter para mover-se."

No entanto, quando quer ser grandioso, como em *Judite e Holofernes*, é apenas declamatorio. Quando intenta transmitir o extase da pastorinha de Domremy, é somente um esgar de espanto *figé* numa mascara de modelo que se perpetua na tela.

Tudo isso por que? Porque, homem sem imaginação desprezando a pintura como expressão pura, como fixação do "momento" de eternidade que ha na vida e na coisa mais simples, seja na *nonchalance* do "*Caipira picando fumo*", de Almeida Junior, no jeitinho de gazela da *Gioventù* de Visconti, ou no fabuloso "*Boi escorchado*" de Rembrandt, Pedro Americo recorria ao puramente episodico da historia ou da literatura, dele podendo-se dizer perfeitamente o que dos mesmos pre-rafaelitas disse o grande critico de arte inglês, Clive Bell: "*ask an admirer of their pictures to tell you exactly what he finds in one of them, and you will notice that all he has to say might just as well be said of a book*".

Ora, pintura e literatura não se interpenetram. Pintura que pretende apenas *contar* é pintura falsa. Sua mensagem, por mais pura e sincera nas intenções, falhou por conseguinte por um erro de origem e principalmente de data, pois, entre David e Cézanne, o nosso insigne compatriota preferiu ficar com o romantismo, esquecido de que "a época termina, o mundo continua".

Todavia, que extraordinario pintor não foi o autor daquele turbilhão de cavalos e guerreiros, de fumo e sangue da *Batalha de Avaí* ou dessa maravilhosa trilogia de retratos — Almeida Reis, Fagundes Varela e o auto-retrato da coleção Cardoso de Oliveira — nos quais volta a ser ele mesmo, sem premeditação, sem calculismos, sem preparo, capaz de inquietações e de impetos adolescentes, como o pequenino rabiscador da longinqua Areia — capaz de novo de pintar com "seu sangue", para seguir o conceito universal a que alude Wollflin.

Revista
da
Semana

RINS?

- Dôres nas costas
- Dôres reumáticas
- Urina turva, escassa
- Pés inchados

Aos rins cabe a tarefa de eliminar as impurezas do organismo. Com os anos ela se torna mais árdua e nem sempre mantém plena eficiência provocando os sintomas acima que podem indicar uricemia, envenenamento do organismo pelo ácido úrico. Tome as PÍLULAS DE FOSTER e ajude a remover o excesso de ácido úrico prevenindo-se de graves enfermidades.

PÍLULAS DE FOSTER

Para os Rins e Bexiga

• Diuréticas e balsâmicas — desinfectam e ativam os rins. Combatem o ácido úrico e manifestações. Também para pielites, uretrites e cistites.

Aprov. pela D.N.S. sob n.º 233 em 15-4-42.

Agóra muitos usam

DENTADURA POSTIÇA com perfeita comodidade

Coma, fale, ria ou cante, sem medo de que sua dentadura postiza se desprenda ou caia da boca. FIXODENT conserva as dentaduras postizas mais firmes e torna-as mais cómodas na boca. Este pó de sabor agradável não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Não provoca náuseas. É alcalino (não ácido). Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

A vaidade é comum no genero humano. E aqueles que apregoam não a possuir são os mais vaidosos.

CHATEAUBRIAND

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



CABELLOS BRANCOS

CASPA

Queda dos Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuerpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00
O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerencia: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33, Avenida 9109 — Buenos Aires.

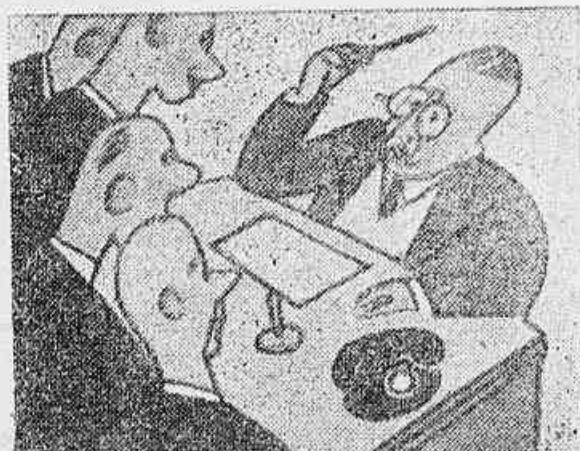
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 44 páginas

Outros riram...

Poucas palavras



O director duma "agência de publicidade" anunciou nos jornais que precisava dum bom empregado. Apareceram dose candidatos, a quem ele disse:

— Cada um dos senhores me trará amanhã um anuncio redigido de accordo com o lema do meu estabelecimento que é: "Concisão e mais concisão".



No dia seguinte, entre as provas apresentadas, escolheu a seguinte: "Participo aos meus freguezes e amigos o falecimento de minha esposa ao dar à luz um menino para o qual preciso de ama até encontrar nova com anheira, moça, com alguma ital para me ajudar a dirigir a minha loja de fazendas, cujo sortimento liquidarei quando me mudar para o prédio que tenciono com rar e no qual alugarei bons apartamentos a preço módico".



— O senhor é o homem que me convém! disse depois ao candidato em questão. Na sua prova ha num só, nove anuncios, a saber:

1.º Falecimento da esposa. — 2.º Nascimento do filho. — 3.º Pedido de ama. — 4.º Desejo de tornar a casar. — 5.º Condições exigidas na futura esposa. — 6.º Liquidação do sortimento. — 7.º Mudança do estabelecimento. — 8.º Compra de prédio. — 9.º Apartamentos a alugar.



— Joven amigo, estou disposto a dar-lhe a mão da minha filha; não diga-me: Sabe lavar, engomar, cosinhar?

— E por que me pergunta o senhor isso?

— Por que ela não sabe.

CUIDADO COM A LIMPEZA RADICAL quando se tratar do ESTÔMAGO!

Purgantes podem prejudicar o estômago; o que ele precisa é de um corretivo que normalize a digestão. Tenha sempre à mão FosteX, que não contém cáusticos nem laxantes.

• Combate acidez • Absorve a fermentação • Elimina gases • Estimula a função biliar • Auxilia o tratamento das úlceras

COMPRIMIDOS
FOSTEX

Fácil de tomar e dissolver



Produto FOSTER

A nossa capa

Neste numero da REVISTA, dedicado em grande parte a Pedro Américo, escolhemos de sua vasta e gloriosa bagagem artistica o maravilhoso "Cristo Morto" de nossa capa.

Pertencente á coleção do embaixador Cardoso de Oliveira, que é o biógrafo mais autorizado de Pedro Américo, é uma das mais belas execuções do imortal artista brasileiro, grande pelo motivo, pela emoção religiosa que dela se desprende, pelo admirável trabalho plástico — isso tudo que torna a nossa capa de hoje um verdadeiro presente de páscoa para os leitores da Revista da Semana.

Numeros atrasados desta Revista no Maranhão

Pedir a RAMOS D'ALMEIDA & CIA.

Praça João Lisboa, 114 — S. Luiz

PRISÃO de VENTRE?



REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS!

A mulher para sua formosura... á creança para a saúde e hygiene... a todo o mundo para a limpeza e conforto, deve aconselhar-se o **SABONETE DE REUTER**, como o melhor.

LSK

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de Alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, nutrir e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador á vista.

A pele que não respira resaca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite á pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia valia á imperar com o uso do Creme de Alface "Protetor".

Experimente-o

A SEMANA EM REVISTA

O DILUVIO PORVINDO

O homem do povo, quando desperta do seu sono de todas as noites, encontra o sol na janela do seu quarto e nem sequer admite, dentro de sua simplicidade, que essa luz forte proveniente das alturas, possa, um dia, extinguir-se. Tampouco vai pensar que ela aumente ainda mais, comunicando a ardência de sua chama aos campos da terra. A segurança do homem mediocre é absoluta, sobre a estabilidade do mundo físico que nos cerca.



Pois bem, senhores, esta segurança deve desaparecer, cair por terra. Um cientista americano fez, há pouco, uma grave declaração, perante um congresso reunido em Filadelfia. Segundo esse douto cidadão, o sol continuará brilhando ainda por muitos milhares de milhões de anos, mas depois... Depois as coisas ficarão cada vez mais quentes; quando a temperatura média da terra estiver em 57°, derreter-se-á o gelo dos polos, subindo de muitos metros o nível dos mares. Com isso, haverá uma verdadeira revolução no planeta. Nas metrópoles do litoral, em todos os continentes, veremos os grandes edifícios meio submersos. A humanidade viverá uma existência quase anfíbia. As atividades decrescerão. Sómente o super-industrialismo garantirá um máximo de conforto com um mínimo de trabalho. Nesse mundo paradisíaco, o amor será uma coisa banal, quase um esporte. Mais tarde, até as montanhas desaparecerão sob as águas e os homens, ou se adaptam definitivamente à vida aquática, criando escamas, etc. — ou, então, cumprirão o seu destino de fóssil.

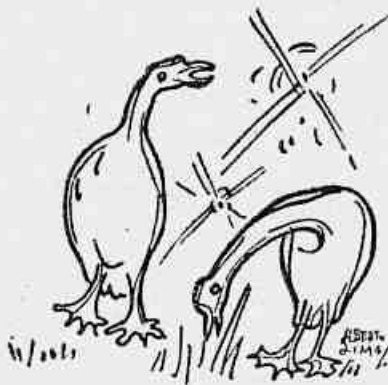
Entretanto, tudo isso não passa de mera fantasia. Os cálculos do mencionado cientista são para o ano 100.001.939! Enquanto esse ano não chegar, poderemos tomar, sem susto, o nosso banho, nas lindas praias da terra. Porque depois do 40º a sombra de cada verão haverá sempre um bom inverno.

O AVANÇO DOS PATOS

Esta guerra pôde ser a mais brutal de todas que já existiram sobre a face da terra; pôde ser a mais humana, no que diz respeito aos métodos usados no campo de batalha, às armas empregadas, mas não deixaremos de concordar que é divertida, sob certos aspectos. Tem o seu lado pitoresco.

Antigamente, a guerra era uma coisa que se desenvolvia longe das cidades, limitada a um choque de exércitos, a um embate de soldados. O civil não sofria, senão de maneira indireta, as consequências da luta. Agora, são bem numerosos os exemplos de soldados que morrem de tédio nas linhas de frente, enquanto seus compatriotas que permaneceram nas cidades passam verdadeiros horrores com os bombardeios continuos da aviação inimiga.

O fato de que vamos falar revela um aspecto da guerra. Na Tunísia, em virtude das ações belicas, os patos selvagens, que povoavam os extensos brejais do país, deslocam-se em massa de seu habitat, danificando os arrozais que se estendem ao longo do rio Júcar. Esses invasores estão sendo furiosamente combatidos pelos lavradores, com toda espécie de armas. Mas o esforço parece que está redundando no maior dos fracassos. É fácil compreender. Quem emigrou, enotado por canhões, não iria intimidar-se com uns tirosinhos de espingarda...



A FOME DAS DISTANCIAS

Se formos recapitular a história da locomoção humana, encontraremos coisas bem curiosas. Reveladoras, antes de tudo, das diferentes maneiras de conceber o conforto e aproveitar o tempo.

As irigações primitivas foram empreendidas, de um modo geral, a pé. Esse meio de deslocamento predominou, ainda que na invasão da Europa pelos bárbaros existissem cavalos e nas antigas marchas dos árabes pela Ásia houvesse camelos. Também a água viria sugerir, desde muito cedo, o barco a remo, frágil, inseguro, veloz. A vela surgiu muito depois e a sua idéia nasceu na primeira vez que o homem, de pé sobre o barco, constatou o auxílio que o vento trazia ao avanço do mesmo.



Nos últimos séculos, desenvolveram-se muito os meios de transporte terrestre. Primeiro a diligência, depois o trem, onibus, a bicicleta, o automóvel. Paralelamente, progrediu a navegação, transitando os homens através dos mares, com um conforto que faria inveja a um daqueles nautas do século XVI. Os navios passaram a dispor de serviço telefonico, piscina, casas de comércio, campos de esporte, etc. Verdadeiras cidades flutuantes.

Popularizou-se o hábito de viajar. Aquilo que deveria ter sido uma estopada séria para Marco Polo, tornou-se o mais requintado dos prazeres para o homem moderno. À viagem passou a ser uma libertação, buscada pelos portadores de dramas inteiros e um remédio receitado pelos médicos aos milionários. A época áurea desta mania de viajar situou-se no período intermediário entre o fim da guerra de 14 e o princípio desta.

Mas a grande finalidade do transporte continuava sendo conduzir o homem de um ponto a outro, sem considerar o fator tempo. O homem do século XIX,

Até o Gênio!

Uma Calamidade!



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar estes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador Gesteira**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

Regulador Gesteira é o Remédio de Confiança para

tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo pêso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **REGULADOR GESTEIRA**

que sobreviveu até há pouco, não tinha muita pressa. Tanto que ninguém acreditava na substituição do navio pelo avião. Aliás, a insegurança relativa da navegação aérea, os inúmeros perigos que o avião ainda encontrava numa travessia oceânica pareciam afastar para um futuro muito remoto a concretização dos sonhos de Julio Verne.

O mundo, porém, não dá voltas atoa. Hoje, em vista dos perigos da arma submarina, as viagens aéreas tornaram-se mais seguras do que as marítimas. No Brasil, por exemplo, é um problema conseguir passagem de avião. Mais de um mês antes de cada viagem, já estão reservados todos os lugares! Mulheres não podem mais voar para os EE. UU., a não ser em caso especial. Observa-se uma seleção nos passageiros, com a prioridade daqueles que estão mais de perto integrados nas atividades pelo esforço de guerra.

Nessa competição, sucedem-se fatos pitorescos. Há dias um casal brasileiro precisou viajar da América do Norte para cá e só foi possível em aviões diferentes. A mulher veio pela rota do Pacífico e o marido pela rota do Atlântico. Tudo isso constitui uma expressão do tempo, um sintoma da idade novíssima em que penetramos, caracterizada nessa fome assustadora das distancias.

REVIVENDO A ABOLIÇÃO

Não precisamos mergulhar nos estudos afro-brasileiros, nem conhecer a fundo a História Social do Nosso País, para avaliarmos a enorme contribuição africana ao patrimônio cultural da civilização africana brasileira. Desde o idioma que falamos, tão rico de palavras de origem africana, até a cozinha, o trabalho agrícola, a medicina popular, a música e a arte em geral, tudo está impregnado da influencia do negro. Principalmente a constituição mesma da etnia brasileira, o preto foi um material precioso que, unido aos outros dois, formou esse povo extraordinário de mestiços, do qual já saiu um Patrocínio, um Machado de Assis, um Cruz e Sousa...



Povo de artistas, entendendo-se "arte" no sentido de uma "vocaçao" para a harmonia e para o ritmo, o negro enriqueceu o nosso folclore com a beleza encantadora de sua musica e de suas tradições. Seus cultos vieram doutro lado, despertar no povo-creança a preocupação do sobrenatural, a obsessão do mistério, fatos fundamentais na formação de uma psicologia nacional.

Depois, chegou a abolição. Não poderemos entrar aqui em considerações sobre a sensatez ou a insensatez do ato da Princesa Isabel. Sob o ponto

de vista cristão, considerando-se que todos os homens são substancialmente iguais — foi um ato "justo".

Comemorando essa data, um grupo de intelectuais e artistas negros, tendo à frente a figura dinamica de Romão da Silva, pretende realizar, nesta Capital, um grande recital. Pela ribalta, desfilarão Grande Otelo, Biga e seu "Ritmo brasileiro"; Rida Jordão, Oliveira Filho, Renato de Almeida, Henricão, Mary Carmen, Moreira da Silva, J. Santos e outros.

Como tentativa de realização de um teatro de negros, entre nós, é um esforço louvável. E, destinando-se a comemorar o 13 de Maio, dizemos que é a mais bela comemoração que essa data jamais recebeu: o canto e a dança de uma gente livre, num gesto creador.

DURMA

feliz e
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado
de molas

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134
DECORAÇÕES: Seção dirigida por
GILBERT DE PARIS

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.



Temos sobre a mesa o último número desta revista, editada pelo corpo de alunos da Escola Naval. Com uma feitura gráfica em nada inferior à das melhores publicações do país, apresenta-se fartamente ilustrada, trazendo, entre outras coisas, uma reportagem completa sobre a ação de nossa Marinha de Guerra nas águas do Atlântico. Nas demais colaborações, assinadas por aspirantes, sentimos esse idealismo e essa cultura que caracterizam, hoje, a brava juventude militar brasileira. Assim, *A Galera* constitui uma brilhante afirmação de inteligência e de capacidade realizadora, por parte de seus redatores, a quem endereçamos nossas felicitações.



Q Q Q e oo Q Y Q

Mal nacmoo

Vê o q q q - ~ + s - o + a rigo,
E por iso q - mû a rsmoo
Cõ c (dama teatral) - ~ 1bigo.

1 eeecc

A gra ddtroe. Ha q q - ~ + s daqi
Q D. Ev-e+a e seus utôr 01º homem
Nacram 100 ãbigo na - l + ga.

O 1º pk sultou

D 1 ananás proibi, mto ens

Cõ q 01º homem c egou,

E o 1 kr - ~ ppe.

T a eeiñã r de Macau prom-e-inê aa,

E fila plaã vrtebrãã diiti stãã,

Q atra lham, e lartãã cõtig aa,

Põ s plaã cootãã...

A, o pirivélgio daa asôsõe,

Ovi 3 oo milutpoo cgre,

Dv - l + áá respiro + eeee:

Oo d

1 viv no - ~ + loo respiro k - ~ + s,

E aida vnoo ag 60 minutos

Mã kk, k d q q, q q - ~ oc 1943 s

Dddēvolũ mto q q por 60 minutos.

C a não é homem dzja fikr irmã do pãe,

C o omẽ prefd vivr - l,

A e a ria

Pod o r s r sa - e +

+ corre para o mar - o + jo q 1

z, tr, go!

Dpd 111 outroo, ooo rtãeeee,

Dd, d too tpooo mãe do pãe, s,

Ploo s so áeeee

am respiro ra somoo, to q q! Raci

O JUIZ DE COLMAR

Conto de ALPHONSE DAUDET

ANTES de o juiz Dollinger, do tribunal de Colmar, ter prestado juramento ao imperador Guilherme, não havia no mundo inteiro homem mais satisfeito da vida. Era vê-lo chegar à audiência, com o barrete à banda, barriga saliente, lábio rubicundo, e as três papeiras descendo sobre a gola de musselina... O semblante parecia dizer: "Que bela soneca eu vou gosar!" E era numa espécie de beatitude que ele se acomodava na poltrona, sobre a almofada de vento em forma de salva-vidas, à qual devia o bom humor e as boas cores de que se poderia gabar ao cabo de trinta anos de magistratura.

Pobre Dollinger!

Foi essa almofada de vento que o perdeu. Sentia-se nela tão confortavelmente, tão a gosto que preferiu tornar-se prussiano a abandoná-la. "Fique, senhor Dollinger", disse-lhe o imperador Guilherme. Dollinger ficou. E agora é Conselheiro da Corte, em Colmar, e honradamente exerce a justiça em nome de Sua Majestade berlinesa.

A sua volta, nada mudou. E' o mesmo tribunal baço e monótono; a mesma sala com os bancos lustrosos, as paredes nuas, o borborinho dos advogados, a meia luz caindo das altas janelas com cortinas, o mesmo Christo enorme, de cabeça pendente e braços estendidos. Passando a pertencer à Prússia, nem por isso o tribunal de Colmar se modificou. Ao fundo do pretório continua a estar um busto de imperador... Apesar disso, porém, Dollinger sente-se deslocado. Debalde se afunda na poltrona, procura a posição mais agradável; não consegue os bons cochilos de outrora; e se porventura ainda adormece na audiência tem pesadelos horroresos.

Dollinger vê-se ao alto de imensa montanha, semelhante ao Honeck ou ao "balão" da Alsácia. Que faz ali, sózinho, de toga, sentado na vasta poltrona e só avistando, de tais eminências, árvores ressequidas e turbilhões de moscas? Não sabe. Espera, fremente, sentindo o suor frio e a angústia do pesadelo. Do outro lado do Reno, por trás dos pinheiros da Floresta Negra, levanta-se um sol enorme e vermelho; e à medida que ele sobe vai se formando pelos vales de Thann, de Munster, dum extremo ao outro da Alsácia, um sussurro confuso, um rumor de passos, de carros em marcha... E aquilo cresce, vem se aproximando... E Dollinger sente o coração apertado. Em breve, pela longa estrada coleante que trepa pelo flanco da montanha, vê encaminhar-se para ele um cortejo interminável: todo o povo da Alsácia que combinou encontrar-se naquele ponto dos Vosges para emigrar solenemente.

A frente, sobem longos carros puxados a duas juntas de bois, aqueles carros que a gente encontra abarrotados, transbordantes de padeiras, pelo tempo das colheitas e agora vão carregados de moveis, trouxas de roupa, ferramentas. Vêm-se os vastos leitões, os altos armários, as massaias, os reposteiros de chita, as rocas, as cadeiras pequeninas das crianças, as poltronas dos anciãos, velhas relíquias tiradas dos cantos e ali amontoadas, dispersando ao vento do caminho o pó sagrado dos lares. Naqueles carros vão casas inteiras. Por isso eles avançam penosamente, gemendo, e os bois teem que os puxar como se o chão se agarrasse às rodas, como se os fragmentos de terra seca que ficaram nos arados, nas charruas, nos ancinhos tornassem a carga mais pesada ou fizessem daquela partida um desenraizamento. Atrás dos carros, apressura-se uma multidão silenciosa, feita de todas as classes e todas as idades, desde os velhotes de chapéu de três bicos, que se apoiam, trêmulos, aos cajados, até aos garotinhos de cabelos em caracóis, vestidos de calções de baeta com suspensórios; desde a avó paralítica levada aos ombros por soberbas rapagões, até às crianças de mama que as mães apertam ao peito, extremosamente; e todos, os robustos como os enfermos, os que no ano próximo serão soldados e os que fizeram a terrível campanha, couraceiros mutilados, amparando-se em muletas, artilheiros macilentos, extenuados, conservando ainda nos uniformes em farrapos o bolor das casacas de Spandau — tudo desfila altivamente pela estrada, à beira da qual o juiz de Colmar está sentado; e, ao passar por ele, não ha rosto que se não volte com uma expressão terrível, de cólera e de nojo...

Infelizmente Dollinger! Queria esconder-se, fugir... Impossível. A poltrona está incrustada na montanha, a almofada na poltrona e ele, Dollinger, na almofada. Compreende então que se encontra ali como num pelourinho e que o seu pelourinho foi colocado bem alto, para que o vissem de bem longe... E o desfile prossegue, aldeia por aldeia, as da fronteira suíça com imensos rebanhos, as do Saar empurrando os pesados utensílios em vagões de minas. Depois, veem as cidades, todo o pessoal das indústrias, os curtidores, os tecelões, os urdidores; e os burguezes, os padres, os rabinos, os magistrados, de toga negra uns, outros de toga vermelha... Agora o tribunal de Colmar, atrás do seu presidente... E Dollinger, morrendo de vergonha, tenta esconder o rosto, mas tem as mãos paralisadas, tenta fechar os olhos, mas as pálpebras não lhe obedecem. Tem forçosamente que ver e ser visto; e não perde um só dos olhares de desprezo que os colegas, ao passar, lhe vão lançando.

Um juiz no pelourinho, que coisa horrível! Ainda, porém, mais horrível é ele verificar que a multidão se juntam todos os seus e nenhum o

quer reconhecer. A esposa, os filhos passam adiante, de cabeça baixa. Dir-se-ia que também eles se sentem envergonhados. Até o caçula, Miguelzinho, a quem ele adora, segue sem o olhar. Só o velho presidente do Tribunal se detém um momento, para lhe dizer em voz baixa:

— Venha conosco, Dollinger... Não fique aí, meu amigo...

Mas Dollinger não se pode erguer. Agita-se, contorce-se, chama por socorro... O cortejo leva horas a passar. Quando se afasta, ao cair do dia, todos aqueles formosos vales, cheios de fábricas e de campanários, se cobrem de silêncio. Toda a Alsácia se foi embora. Só o juiz de Colmar ficou lá em cima, cravado no seu pelourinho — e inamovível.

De repente, mudança de cenário. Ciprestes, cruces negras, filas de sepulturas, multidão enlutada. E' o cemitério de Colmar em dia de grande enterro. Dobram todos os sinos da cidade. Morreu o conselheiro Dollinger. Aquilo que a honra não pudera fazer a morte o realizou. Arrancou da poltrona o magistrado inamovível; deitou ao comprido o homem que teimava em ficar sentado.

Não ha sensação mais pavorosa do que uma pessoa sonhar que faleceu e chorar-se a si mesma. Dollinger assiste aos seus próprios funerais; e o que sobretudo o desespera é verificar como, na multidão que o rodeia, não ha um amigo, um parente. Ninguém de Colmar, só Prussianos. Soldados prussianos formam a escolta, magistrados prussianos cercam o caixão; e prussianos são os discursos proferidos à beira da sepultura; e a terra que lhe deitam por cima e lhe dá a impressão de tão fria é, ai dele, terra prussiana!

De repente, a multidão se afasta respeitosamente. Aproxima-se um esplendido couraceiro branco, que esconde debaixo da capa alguma coisa do feitio duma corôa mortuária. Em volta diz-se:

(Continúa na página 42)

Sabonete

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

PARA a grande maioria dos brasileiros afeitos ao nome glorioso do animador da *Batalha de Arat* e do ardente colorista da *Carioca*, esta outra face do espírito de Pedro Americo — romancista — ha de ser uma completa surpresa.

A verdade, porém, é que o ilustre pintor brasileiro, homem de multiplas e insaciáveis curiosidades, não se contentou ainda em tentar somente esse difícil genero em que fracassaram tantos outros intelectuais só a ele dedicados.

E' de fato o seu biografo mais autorizado, Cardoso de Oliveira, quem nos esclarece que a 21 de Julho de 1868 "recebia ele na Universidade de Bruxelas o grau de doutor em ciencias naturais, depois de ter sido aprovado com grande distincão em exame publico que durou seis horas"; no dia 13 de Janeiro de 1869, "em seguida a felicissima defesa de brilhante tese, recebeu o grau de lente adjunto" á mesma Universidade, depois do que realiza "em companhia do Sr. Glorieux, aeronauta francês, uma ascensão aerostatica, com o fim de certificar-se pessoalmente de certos fenomenos atmosfericos" á maneira do nosso contemporaneo Professor Picard. Ainda mais, tendo aparecido em Paris *A vida de Jesus*, de Renan, escreveu-lhe Pedro Americo uma *Refutação* que, segundo outro biografo seu, o poeta Luiz Guimarães Junior, "não é um devancio literario nem uma visita de leigo á terra santa; é um escrito substancial e tão bem firmado na Historia como na Logica".

Fica-se deste modo sabendo que os longos anos vi-

PEDRO AMERICO,

vidos no estrangeiro, principalmente na Italia e na França, não foram dedicados inteiramente á pintura, como seria de acreditar. O campo de suas atividades intellectuais era bem mais vasto e é assim que vamos encontrar-lhe uma verdadeira bibliografia, com as coisas mais dispaes, como sejam:

Estudos filosoficos sobre as belas artes na antiguidade; Memoria sobre a conjugação do Spyrográ Quinina; Coleção de discursos academicos; De l'enseignement libre des sciences naturelles e afinal uma trilogia de romances — *Holocausto* "romance filosofico de carater e costumes" (Florença, 1882); *Amor d'esposo* (Florença, 1883) e *O Foragido* (Paris, 1889).

O que nos interessa, nesta reportagem, é precisamente essa atividade de Pedro Americo ficcionista. Dos seus tres romances, no de mais ambições, *O Holocausto*, procurou ele vasar muito de sua vida nômade. O romance, porém, como realização literaria deixa muito a desejar, como acentuou Gonzaga Duque, sempre tão sereno e tão elevado na sua critica, ao dizer que "para estudá-lo (ao autor) vale; para ser meditado, é por de-

mais mediocre; talvez consiga apenas distrair os espíritos frivolos".

Ele teria seguramente feito obra duradoura se aproveitasse o imenso material humano de sua propria vida sob a forma de Memorias, pois para tanto lhe sobravam cultura e dotes de estilo. Perdendo-se, porém, nas asas duma fantasia rocambolesca, o resultado foi esse livro inviavel, de que é possível salvar apenas algumas paginas, justamente aquelas em que pinta os costumes da sua epoca e as paisagens da terra natal, diluidas aliás pelo tempo e pela distancia. Nesse particular são bem vivas e curiosas, pela visão pejorativa que nos dão do Rio do meado do seculo passado, as paginas do capitulo XIX, *O Vagabundo*, nas quais não é possível, ocultar-se o indistigavel despeito do jovem brasileiro, familiar ás gloriosas cidades europeias, deante da Côte de D. Pedro II. Vejamos, pois, como lhe aparecem as nossas coisas, nesta verdadeira tela a ocre e cinza:

"Ao cabo de nove dias de viagem chegou o nosso viajante á capital do Imperio, cujo aspecto causou-lhe um grande desanimo. Com efeito, o panorama que se desdobrava diante dos seus olhos, composto de aproximação otica ou re l de montes escaldados e pequenos edificios de disparatados contornos e absurda arquitetura, e tendo por fundo as sombrias montanhas da Tijuca, a grande quantidade de gaivotas da mais desgraçada especie, que adejavam em torno dos navios, ou pousavam na superficie turva do mar, onde boiavam as fezes dos mercados e as impurezas de uma cidade privada de esgotos; o inumeravel cardume de pequenas embarcações, que rodeavam o vapor, tripuladas de negros estarrapados e homens brancos falando a branda lingua dos Brasileiros com um acento estranho; as broncas falúas, com sua marúja de escravos cobertos apenas com a tanga e remando ao som do azorrague do contramestre; aquelas praias esqualidas e despidas de qualquer artefacto hidraulico, das quais os estrangeiros se compriziam em tirar a fotografia, para zombarem do nosso pouco asseio; a multidão de gente maltrapilha e asquerosa, que se via em cima das rusticas pontes de desembarque; tudo isto junto a um calor superior ao dos sertões, a um horizonte cor de barro, a uma atmosfera humida, pesada e impregnada dos mais ambiguos erfumes e ás noticias que por toda parte soavam de febres, carestia, crises comerciais, e calamidades de todo o género, impressionou Agavino de modo bem diverso do que esperava sê-lo, mormente depois de ouvir as historias contadas a bordo pelo presidente — em cujo conceito era o Rio de Janeiro uma capital digna do reino das utopias, — e de admirar a costa desde Cabo Frio até a Gavea, a grandiosa entrada da barra, a vasta e pitoresca baía, que se encurva até a base da incomparavel serra de Petropolis, em uma palavra, o espetaculo de uma natureza opulenta, e prodiga dos mais augustos esplendores; natureza digna, por consequencia, de inspirar os legisladores e arquitetos Brasileiros, assim como as pompas fluminenses inspiravam o presidente em seus sublimados arrojados oratorios.

Porque, na sua desculpavel ignorancia de provinciano, julgára que, no todo, a populosa cidade se aproximava mais de um certo ideal, que não saberia bem definir, mas que era a um tempo magnifico e nobre, como esse formoso país de que, de algum modo, ela devia sêr a imagem, e como lo vasto e riquissimo imperio de que era capital. Além disto, fôra ali que ele collocara finalmente, todas as suas esperanças, e essa grata ilusão ainda mais lhe iriára a convicção de que encontraria uma cidade suntuosa e alegre.

Desembarcando, e indo da Prainha ao largo do Paço — aonde o chamava a curiosidade de ver a residencia imperial, o sertanejo sentiu confranger-se-lhe ainda mais o coração e como que de todo escurecer a luz interna de confiança e esperança, que lhe acendêra na alma, o vigario da Lagôa Grande.

Aqueles que desde muito conhecem o Rio de Janeiro, e se recordam do que ainda era quinze e mesmo dez anos antes da guerra do Paraguai, avaliarão a legitimidade de semelhante desanimo; porque o verdadeiro calcamento das ruas, a edificação dos mais elegantes palacetes, o aformoseamento e ajardinamento das praças, a construção dos esgotos, da grandiosa alameda, a ereção das memorias de bronze, que immortalizam a heroidade e o génio, tudo ou quasi tudo do quanto vai prestando á nossa capital uma feição menos discorde com a dignidade de uma grande nação, foi obra destes ultimos vinte anos; e entretanto, considerada na sua exterioridade quer arquitetônica quer higienica, a famigerada Côte ainda está bem longe de corresponder ás necessidades e, principalmente, ao ideal da vida civilizada.

Todavia era preciso não se deixar aviltar pelo simples aspecto das cousas; e ao contrario tentar, no ao ministro, e esquecer a fisionomia, por toda parte a mesma, de uma cidade sem architétos, sem hygiene e sem policia, e só digna de um povo mentecapto, até convencer-se que a justiça podia sêr, como muitas vezes a virtude, aparentemente mesquinha e desprezível.

Agavino voltou por onde viera, até a célebre rua do Ouvidor, que ouvira decantar lá na provincia pelos deputados que regressavam da Côte, como uma rua monumental e fecunda em maravilhas de todo o género. Ia porém chegando á rua dos Ourives, quando viu-se obrigado a retroceder e entrar em uma loja francesa, para escapar á furia de uma alcateia de "capoeiras" que vinham ferindo de navalha a quantos encontravam. Atrás dos capoeiras, mas a uma respeitavel distancia, ia um bando de pedestres, quasi tão andrajosos como eles, e após uma multidão de gente, em cuja fisionomia



TRABALHE, brinque, divirta-se... mas alimente-se bem! Alimente-se bem tomando às refeições Malzbier da Brahma. Fabricada à base de puro malte, Malzbier da Brahma completa o valor nutritivo dos alimentos, proporcionando vigor e disposição. Seu sabor, levemente adocicado, constitui um presente para o paladar. Aumente o poder nutritivo dos alimentos tomando, hoje, a saborosa Malzbier da Brahma!



Malzbier DA BRAHMA
CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

ROMANCISTA

Por
Peri Jurema

lia-se menos a compaixão causada pelos feridos que caíam do que a curiosidade de observar as novas façanhas dos malvados que iam na frente. Admirado daquele sucesso — para ele sem precedente — perguntou a um velho que passava, o que significava.

“São as eleições para vereadores”, — respondeu-lhe o homem mirando-o de cima a baixo.

“Uns lacíniosos perpetrando pelas ruas crimes capitais, e as eleições para vereadores!” disse entre si o recém-chegado. — “Este homem não entendeu a minha pergunta.” — Ele porém é que, na sua seráfica simpleza de sertanejo, não compreendia o quanto havia íntimo de essencial entre objetos na aparência tão dessemelhantes, e, por consequência, a profunda justiça da explicação metonímica que lhe dera o velho.

A uns duzentos passos mais adiante, e sempre de baixo de impressões idênticas, perguntou a um homem gordo e barbado, que em mangas de camisa e calçado de tamancos palitava os dentes à porta de uma loja de sapatos, onde era a melhor hospedaria do Rio de Janeiro.

— Vá à casa do Zé Carqueja — respondeu-lhe o homem pondo o palito atrás da orelha, — que é melhor que quanta casa francesa e brasileira ha por aí assim. Está vendo ali aquela esquina? É a rua da Quitanda: Siga por ela, e em lhe chegando ao fim pergunte, que qualquer o encaminhará.

O provinciano retrocedeu de novo, dobrou à esquina indigida, percorreu a rua da Quitanda, e depois desta mais duas ou três, antes de avistar o seguinte letreiro, que estava escrito com tintas vivas em uma grande chapa de ferro batido:

JUZE' CRAQUEJA

em casa de orel e espe-

DARIA

DE CUMER CUM ASSEIO

e Sabão

e também se dá pois

ADA PARTICULAR A NOITE PEDINDO

(e tem retiro)

CUM BOA PETISQUEIRA

Dobrada de grande galla-

e

BaTaTas do nôvo sistêma.

Sem ponderar demasiado a sinceridade do homem que reputava aquela estalagem a melhor do Rio de Janeiro, entrou nela, alojou-se no melhor quarto devoluto que achou, depois de se entender com o tal José Carqueja.

Era este um homem dos seus 40 anos, da ilha do Corvo, antes curto do que baixo, de olhos claros, e apenas separa os um do outro pela grossura de um nariz quase reduzido a uma hipótese anatômica, excetuadas as ventas, que eram assás grandes para dar idéia — sujas de tabaco como sempre estavam — de dois formigueiros no meio de uma cara humana. Além disto tinha o nosso homem o queixo largo, grandíssimas as orelhas, e tão rasgada a boca, que quem pela primeira vez o visse bocejar, teria como problemático se estava ou não fazendo esforços sobrenaturais para se mostrar pelo avesso.

Essas qualidades de fixação de aspectos típicos estariam evidentemente em boa harmonia com os dotes do pintor que era capaz de apreender na tela, em cores magistrais, tanto a paisagem de Marrocos como a do Chaco paraguaiense ou os ceus de Florença.

Todas essas qualidades aproveitáveis, indiscutivelmente no nosso setor que não fosse uma obra de ficção, se desvaneciam quando o autor se entrega á fantasia ou ás terríveis locubrações científicas, ao sabor da moda, como em tantas páginas de seu outro romance *O Foragido*, publicado também em Florença, em 1899. São desse livro as seguintes passagens, descrevendo os efeitos do curare num suicida, capítulo que traz logo á lembrança, inevitavelmente, a *Carne* de Julio Ribeiro:

“E’ que, apesar de diluido, o curari (como está no original) o havia fulminado parcialmente, agindo sobre o sistema nervo-muscular; ao passo que o espirito assistia aterrado áquela espécie de laceração angustiosa da vida. Nada de quanto se havia passado desde que ingerira o veneno, e ainda com a lâmina de um canivete o introduzira no sangue pelas gengivas, lhe escapara. Dir-se-ia mesmo que a lucidez mental redobrava com a resolução ou a atonia momentânea dos nervos motores. Essa particularidade do letal mixto de alcaloides, tão bem evidenciada nas experiências de Watterton, Brodie, de Bonaud e Claude Bernard, era-lhe de conhecida; e eis porque, seguindo a crença geral em uma ação instantânea sobre os centros vitais, ele o havia preferido”.

Dentro pouco, saltam-lhe da pena coisas deste teor: “A’s vezes cria-se objeto de misteriosas perseguições, de imaginários envenenamentos... Outras as palpitações assustadoras, durante as quais o coração, semelhante a uma bomba hidráulica, parecia querer arrebentar as paredes do peito. Eram os efeitos do que os especialistas das moléstias alcoolicas chamam *ateroma* cardíaco e vascular, e que interessam a vida inteira do organismo”.

Quando, para evocar uma figura de curandeira dos sertões paratibetanos, sai-lhe esta avantesma, sem qualquer substrato fático:

“Era um cabocla de seus quarenta anos, mas cuja pele incrustada, rugosa, amarela como uma cucurbitácea madura, e enfiada na testa, em torno dos lábios e nos braços de um tom de cor azul e r xa, parecia indicar sessenta. De baixa estatura, sem ombros, volumosa e roliça até a base do tronco, era daí para baixo magra, seca e como ligada sobre os pequeninos pés, dos quais um tinha quatro dedos, e o outro apenas tres. Ajuntasse-lhe um rosto deprimido, fortes zigomaticos, nariz

quasi hipotético, maxilares enormes, dentes alvos a saírem-lhe da boca, e uns pequenos olhos vivíssimos e sem esclerótica, porque recobertos dos babados e das bordas de saco a que ficaram reduzidas as antigas palmas tumefactas e os tegumentos infra-orbitarios, e teremos uma fraca imagem da figura tuberosa, achavascada e quasi prehistorica desse novo Hipocrates de cabeção e saíote”.

E’ ainda nesse romance que se encontra um topico espantoso no correr de um romance e verdadeiramente decisivo quanto á celebrada vaidade de Pedro Americo. Descrevendo a cidade de Florença, por onde passeia o casal Erminia — Dr. Della Lega, ele proprio nos leva á basilica da *Santissima Annunziata*, “ilustrada pelo pincel de Andrea del Sarto, e em cujas dependencias foi começado e concluido o vasto painel da *Batalha de Avai*, obra capital de Pedro Americo, da qual se ocuparam os criticos d’arte de quasi todo o mundo civilizado, enquanto a multidão corria a vê-la, formando pelas praças e ruas adjacentes uma como procissão ininterrupta durante vinte dias consecutivos. Ali perto,

na sala apelidada *dos colossos* de um não menos insigne edificio — onde se acha o celebre David do grande escultor italiano — expôs o pintor brasileiro a tela comemorativa da *Independencia do Brasil*, orando em diversas linguas na presença do imperador Dom Pedro, que pela segunda vez viera á Florença inaugurar os trabalhos de seu compatriota e seu amigo, a quem, nessa ocasião felicitaram outros seis soberanos e quinze principes estrangeiros, acompanhados das autoridades locais, e dos mais illustres representantes da aristocracia intelectual, naquele lugar congregados por um concurso excepcional de circunstancias”.

A historia celebra os artistas imortais de genio onimodo, capazes, como Miguel Angelo, de encher, pela eternidade afora, a pintura, a escultura, a arquitetura, a poesia, ou Leonardo da Vinci, aforista, sofista, descobridor de leis de estetica e de balística, infernal e divino ao mesmo tempo.

Mas a estirpe desses gigantes do pensamento e da arte, crucificados no martirio das supremas criações, não é de todas as latitudes nem de qualquer epoca.

Foi preciso um Rodin, quatrocentos anos depois, para renovar os canones da escultura d Miguel Angelo e animar os sutis “entratiens” com Paul Gsell.

O evocador imortal da *Batalha de Avai* esqueceu este pormenor. Dai a literatura que deveria ser apenas o seu violino de Ingres, para as horas vagas de intimidade, ter assumido, aos seus olhos cegados pelos proprios clarões, o lugar de relevo que ele ingenuamente queria dar-lhe, no conjunto de sua obra artistica.



PARA conservar os dentes brancos e fortes, as gengivas perfeitas, o hálito sadio e agradável, use PYOTYL, o dentífrico que preenche todas as exigências de uma higiene bucal completa.

PYOTYL

“O CRIADOR DE SORRISOS”

o dentífrico mais completo
— creme dental e líquido

EM TODAS AS BOAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

A Quinta da Boa Vista

No Março estival de 1808, o Rio de Janeiro recebeu inesperada visita grande. Incômoda também para a cidade visita de roldão, a do Príncipe Regente, a de sua família, a de sua Corte. Numerosíssima transmigração punha-se a salvo do Lobis-homem Corso, leia-se Napoleão, que de tão celebre e unico dispensa numeral dinastico.

Não era nova a idéa de trazer a corôa portuguesa aos seus dominios americanos. O Norte, por Belem do Pará, esteve a pique de séde da monarquia lusitana, afinal o Sul obtendo o privilegio muito ambicionado.

A chegada do Príncipe Regente a Guanabara, passando antes por aguas da Bahia, causou transtorno ao Rio de Janeiro "pequeno como um ovo", assim dizia o Príncipe Regente de Portugal. A vinda de sopetão provocou crise de habitações, crise nos tempos atuais ainda bem conhecida.

D. João teve primeira residencia no edificio onde hoje funciona repartição telegrafica-postal na praça Quinze. A fabrica vinha do tempo do governador Gomes Freire e d-ra tétó aos vice-reis que de 1763 a 1808 regeram o Estado do Brasil, com alta patente de capitães-generais. Apesar do posto comportar quero e mando, os detentores de tanto eram chamados a contas e a reprehensões por parte do soberano em Lisboa.

Não aprouve muito a D. João a moradia na casa dos antigos delegados régios. A posição do edificio era central, de prospeto ao mar batendo-lhe quasi ás portas. Mas o Príncipe se não agradou da casa pensando em mudança, sobretudo quando lhe enfermou um filho, e D. João, bom filho, era bom pai.

Após busca e hesitação o Príncipe Regente encontrou casa em S. Cristovão. Quem quizer saber muito deste bairro carioca recorra ao probó saber de Antonio Gonçalves Pereira da Silva, cronista que conheceu a palmas a freguesia nativa.

O Príncipe Regente era um logrado pela sorte, na convocação ao trono pela morte. O desaparecer prematuro de irmão primogenito o tornara herdeiro presum-tivo da corôa; a perturbação mental da mãe lhe entregara o governo em época tormentosa.

D. João amava a natureza, enlevado pela do Brasil; prezava a musica, sobretudo sacra, e príncipe tinha gosto pela caça, prazer de reis e nobres. As tapadas de caça da ilha do Governador o souberam.

Em busca de casa, D. João encontrou quem lhe cedesse uma. Foi cedente Elias Antonio Lopes, dono de casa de campo em S. Cristovão, o obsequiador recebendo titulos e honras.

O Príncipe Regente achou na Quinta da Boa Vista a casa de campo de seus sonhos de tranqüilo votado ao bulício. Desenho Debret conserva a primitiva imagem da Quinta com boa exposição para o Norte, precedida de varanda cheia de colunas. Era mais ou menos uma casa de fazenda a Quinta da Boa Vista quando aboletou D. João. O nome da propriedade justificava-se pela vastidão de panorama, da quinta a vista abrangendo o casario da cidade e o imenso da Guanabara.

D. João remodelou a casa. De uma de suas remodelações dá noticia Pereira da Silva lembrando a Sala dos Ventos, no lado norte do edificio. O príncipe mandou colocar na cobertura da sala o aparelho conhecido como Rosa dos Ventos, corrasj on-dendo o aparelho a mostrador posto no tétó da sala. O mostrador indicava ao príncipe a direção e sobretudo os saltos dos ventos. Temia-os D. João por motivo de tremendas trovoadas. Entre descargas de raios e artilharia de trovões, desabavam sobre o Rio de Janeiro, alagando-o depois de assustal-o.

No medo ás trovoadas cariocas, bem inferiores ao estrepito fragoroso de outras nas montanhas de Minas, D. João se equiparava a muita gente do seu tempo e da quadra de agora. Mesmo hoje não ha ninguém para rir de todos rindo por ultimo. Segundo Suetonio, ao menor indicio de grande tempestade, Augusto buscava um refugio profundo e abobadado pelo medo que tinha de raios e trovões.

O refugio de D. João durante as trovoadas era o oratorio, refugio ainda dos temerosos das faiscas e ribombos na invocação do amparo de santos, mormente o de Santa Barbara.

Antes de remigrado foi D. João VI soberano no Brasil, monarca de frouxo Re'no declarado Unido de Portugal, Brasil e Algarves. D. Pedro I, ao ser imperador pouco depois, continuou a remodelação da Quinta da Boa Vista no que poude fazer por ela no curto e movimentado periodo de seu governo regencial e imperial.

A Quinta da Boa Vista trocou então nome, ficou sendo Palacio de S. Cristovão. No periodo entre o embarque do pae em 1821 e o seu abdicatorio Sete de Abril em 1831, não precisaria D. Pedro olhar muito para o mostrador da Sala dos Ventos pois o seu reinado já os tinha favoraveis ou de sopro violento, favônios ou de Boreas.

Conforme Pereira da Silva, D. João chamára ao serviço das primeiras modificações da Quinta um arquiteto inglês, o qual modificando a fachada da casa construiu-lhe dous pavilhões de estilo gótico.

Ao inglês sucedeu um português pintor e decorador, Manuel da Costa. Morrendo em 1826, teve por substituto o arquiteto francês Pézerat, saído do Brasil em 1831 com D. Pedro I, já então se julgando dono de vez da antiga Quinta. Por que? Informa Pereira da Silva que o capitão, depois conselheiro, Elias Lopes, no proprio tempo do Príncipe Regente, requerera a entrega da cedida Quinta. No curso da reclamação Elias Lopes faleceu, vítima de insulto apoplectico. Por alvará, D. João mandou arrecadar-lhe os bens e liquidou-os nomeando para isso uma comissão. Dividiram-se os bens de Elias Lopes entre sobrinho residente no Rio de Janeiro e sobrinhos em Portugal. Tal a informação dada a Pereira da Silva por um sobrinho-neto de Elias Lopes.

D. João, para custear primeiras obras da remodelação da Quinta da Boa Vista, mandára entregar doze contos de réis a Elias Lopes, negociante abastado, armador de navios para a India, secretario da Real Junta de Comercio e Navegação. Contribuira, pois, o Príncipe Regente com aquela quantia, custeando outras despesas com as benfeitorias da Quinta.

A questão da reinvidicação da mesma por Elias Lopes e seus herdeiros deve ser estudada por miudo nos escritos de Pereira da Silva sobre S. Cristovão, escritos espalhados pela imprensa, e dignos de reunião para complemento das *Antiquilhas* de Vieira Fazenda.

A' historia dos litigios referentes á Quinta da Boa Vista e de seus terrenos adjacentes possuidos por Teodoro Lopes, irmão de Elias Lopes, se liga a tradição de originalissimo pagamento de quarenta contos satisfeitos em parte por pesadas moe-

das de cobre de quarenta réis postas em sacos e transportados em carroças. Embirração de vendedor e comprador.

D. João VI e D. Pedro I tiveram residencia limitada na Quinta-Palacio da Boa Vista. Para ambos cla se assinalou por acontecimentos domesticos ou publicos. Os personagens têm sucessos domesticos, bisbilhotados pelos de casa e pelos de fóra, aqueles servindo estes.

Cada um em sua residencia mostra dileção por certa parte de lar. D. Pedro I preferiu no palacio de S. Cristovão o pavilhão sul do edificio e seu prolongamento, obra de Pézerat. No primeiro andar D. Pedro I instalou escritorio e sala de espera, no segundo pavimento dispoz dormitorio no prolongamento do edificio. A' vista da varanda e jardim, arranjou sala de jantar com pinturas a oleo. Em sala de refeições cumpre existir alegria de tons, ar e luz. Entretanto, informa Pereira da Silva, num dos cantos da parede da sala imperial haviam pintado uma coruja, de presença compensada pela representação de graciosas aves aquaticas e de cegonhas no seu habito pernaltá de quietude e imobilidade.

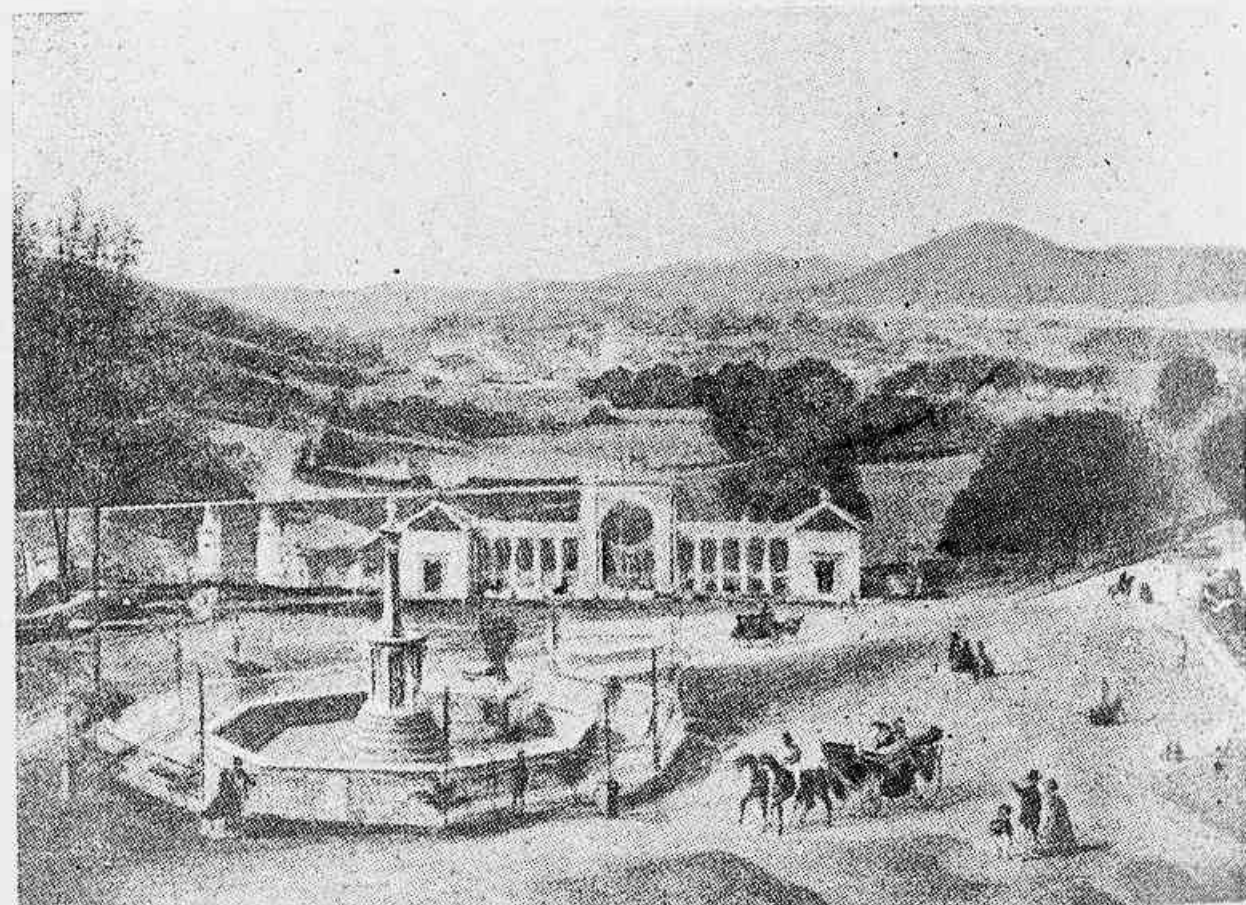
D. Pedro II zelou sempre pela conservação da antiga sala de jantar paterna, no reinado do filho sala de visitas da imperatriz D. Tereza Cristina.

A sala da frente do pavilhão sul do palacio poderia ser chamada sem exagero a Sala dos Berços. No aposento nasceram varios principes e princezas bragantinas. No aposento D. Pedro II vio a primeira luz de sua vida, a 2 de Dezembro de 1825.

No palacio de S. Cristovão, ex-Quinta da Boa Vista, D. Pedro II não deu cuidados apenas á sala de jantar arranjada pelo pae. Pugnou pela conservação de um presente feito ao avô, esse D. João VI para quem o deputado paulista Eloy Chaves, na antiga Camara dos Deputados, propoz o levantamento de estatua em atenção aos serviços prestados ao Brasil. São serviços não negados por quantos os verificam na Historia com a probidade serena por ela exigida na investigação e no julgamento.

Tornando ao presente recebido por D. João Príncipe Regente e oferecido por outro Príncipe Regente da Inglaterra, o depois Jorge IV, seja mencionada a dadiwa como bastante original e nada portatil. Consistia o mimo num trabalhado portico de ordem corintia colocado em praça fronteira á Quinta.

Araujo Vianna descreveu o monumento, quando na Republica retirado do seu primitivo logar. Entretanto ao ser retificada a entrada do palacio por ordem de D. Pedro II o monumento ficou onde determinára D. João VI.



A QUINTA DA BOA VISTA
(Seu antigo aspecto e sua entrada)

Quem compreende palacio sem parque? O de S. Cristovão, por ultimo confiado a Glaziou, esplende em belas alamedas e verduras tropicais, tanto vale sabel-as exuberantes. O botanico francês não só traçava lindas aleas como dispunha arvores e arvoredos com olhos de paisagista.

De S. Cristovão para o exilio partio D. Pedro I em 1831, aos raios da manhã, seguindo-lhe o carro escravos em pranto. Para o exilio de S. Cristovão não sairia D. Pedro II banido cinquenta e oito anos depois do pae. Como este, D. Pedro 2.º se foi á Europa, entre poucas despedidas e ao sequito de alguns fieis. Sahio do Paço da Cidade, em cujo saguão recebeu a ultima continencia da guarda formada ao abaixar de espada do seu comandante a cuja vóz de apresentar armas os soldados obedeceram.

Deserto, descurado, cheio de écos, ficou o palacio de S. Cristovão. Depois lhe veio turma de operarios na faina de dispôr o edificio para a reunião da Assembléa Constituinte de 1890 incumbida de substituir a Constituição de 1824, elegendo o primeiro presidente da Republica. Da cena da eleição Machado de Assis deu relato precioso.

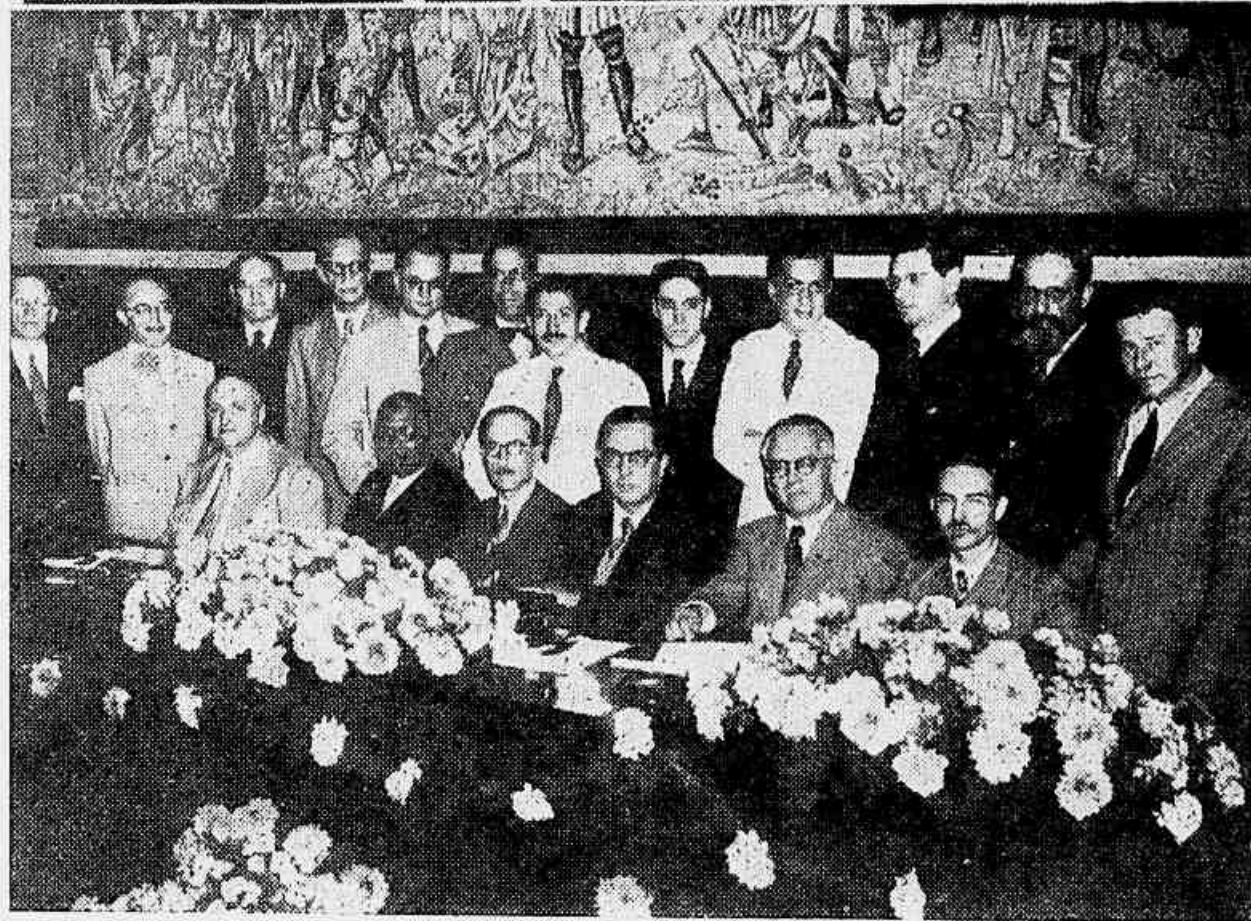
A posse do presidente e vice-presidente da Republica, Deodoro e Floriano, realizou-se a 25 de Fevereiro de 1891, um dia depois de pronta a Constituição. Vendo pela primeira e unica vez o palacio de S. Cristovão, Machado de Assis testemunhou a posse. "Pouca gente, mais nas tribunas que no recinto, e no recinto mais cadeiras que occupantes". E a pagina do prosador extrema bem as naturezas de Deodoro e Floriano.

O palacio tornou a deserto, a silencio, a desleixo após a Constituinte. Resuscitou mais tarde, ora séde do Museu Nacional o edificio onde tanta gente viveu e tanta cousa se passou, a Historia Patria substituida pela Historia Natural com os seus reinos tão diferentes dos da Historia Universal.

DE SÃO PAULO



Comissão julgadora dos trabalhos de conclusão do curso necessário á obtenção do diploma de assistente social, na Escola do Serviço Social de S. Paulo.



Aspectos apanhados por ocasião da posse do novo Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, em S. Paulo, realizada no Palácio da Justiça, com grande solenidade. Na foto de cima vemos o dr. Benedito Costa Netto, procurador geral do Estado, quando agradecia a homenagem prestada pelos advogados á magistratura, e ao Ministério Público e a mesa emposada.

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA Succesora de MAPPIN STORES P. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

INSTITUTO ROENTGEN

Radioterapia superficial e profunda

DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.

Rua Barão de Irapetininga, 139

Salas 10, 11, 12 e 14 - Tel. 4-0394

— SÃO PAULO —

SANTA CATARINA



Nas fotos de cima vemos os cordões da S. C. "Cordões Pretos" — cognominada a "Preta" — que apre-sentou, nos dias de Carnaval, um desfile com as unidades de Lagunen-se, dois blocos e as originalíssimas fan-fanias, chamadas em primeiro lugar.

Em baixo, o C. C. "Bola Branca", de Laguna, numa fotografia tirada durante os folguedos carnavalescos de 1943. Bloco constituído por elementos de destaque da sociedade local o "Bola Branca" brilhou este ano, como aliás vem fazendo desde 1935, dando a nota máxima de animação ao Carnaval de Laguna.

Quadros

por Sebastião Fernandes

Desenhos de R. Severo

MILICIANOS

Vespera da Páscoa!

Dirigindo-se ao burgo da Betania em busca do Monte das Oliveiras, Jesus procura um recanto do jardim chamado Getsemani para orar; e o faz tão fervorosamente que da fronte gotas de sangue brotam como prenuncio de martirio.

Judas havia preparado tudo para indicar o Mestre às autoridades do Sanhedrim, sem que a população suspeitasse e interviesse, chamando os soldados romanos para proteger o carpinteiro.

Dentro da noite, na serenidade dum céu calmo, por entre arvorêdos sons estranhos pouco a pouco denunciavam os fariseus orientados por Iscariotes,

Para junto do Mestre chegam-se os discípulos, temendo outra investida como a de sua entrada em Jerusalém. Mas a um gesto seu, os companheiros se afastam; só um se aproxima e lhe beija a face.

Diante da escolta, sereno, com a serenidade dum puro, Ele indaga:

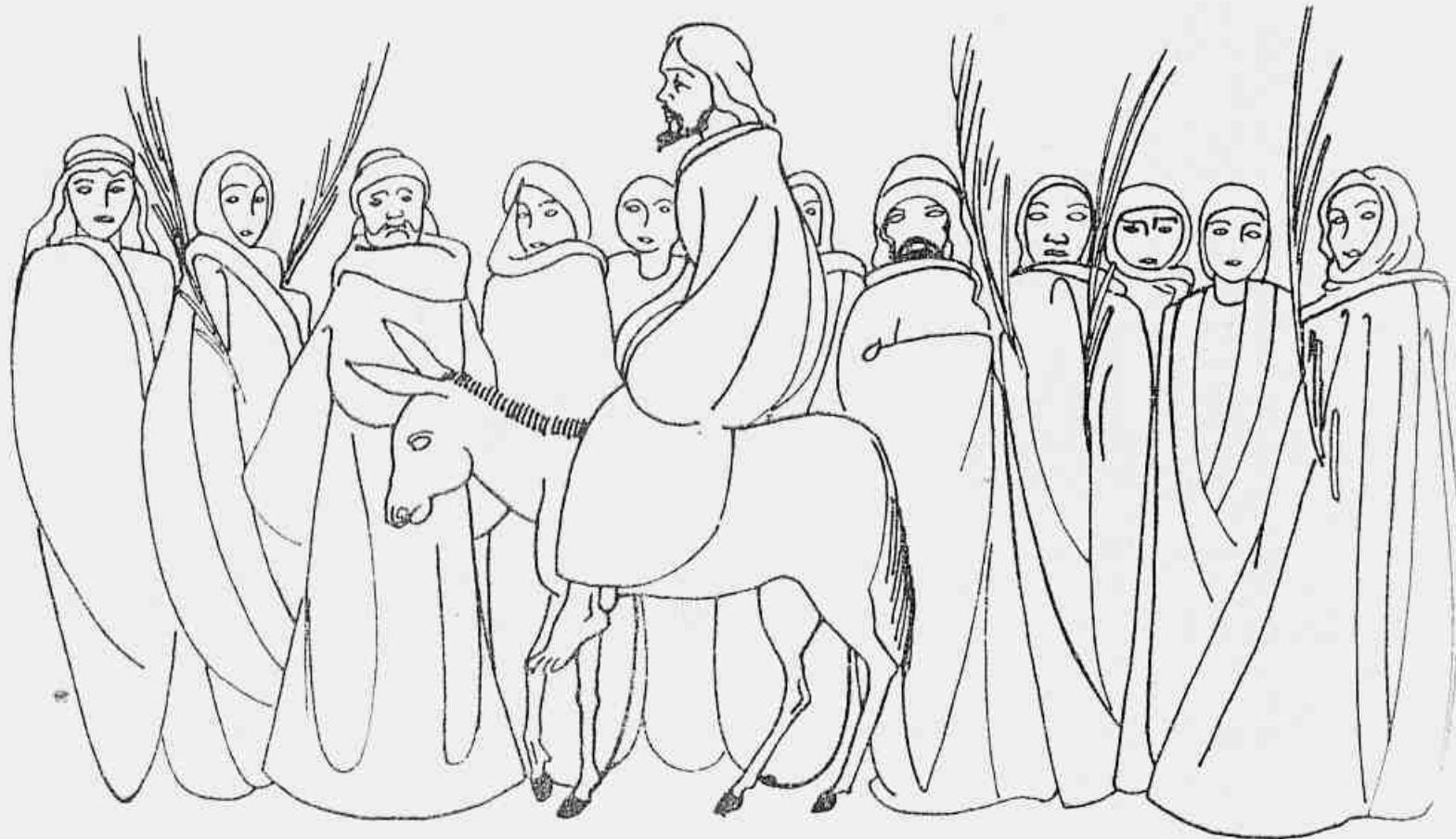
- A quem procurais?
- A Jesus de Nazaré.
- Sou eu.

Os soldados, armados, poderosos, invasores, perturbam-se diante do Homem louro. E lá está no Evangelho:

...“recuaram e caíram por terra.”

A MULTIDÃO

Mesmo expulso duas vezes de Jerusalém, o carpinteiro ali voltou. Voltou num domingo alegre, cheio de sol. E sua volta foi triunfal.



Tinha percorrido outras terras da Judéa, e notícias de sua caridade circulavam toda a Galiléa. De todos os bens da terra a caridade é o que mais eleva a alma e o coração, mesmo o coração mais rustico. E nas terras inhospitas onde o invasor

romano não tinha compaixão, os atos de benevolência ainda mais convenceram os judeus de ser aquele o Filho de Deus. Se as ordens do invasor eram proferidas aos gritos, as palavras do Nazareno tinham tonalidades de oração e brandura de irmão. Em vez de editais dizia parábolas. Narrações alegóricas, simples, bonitas. Em vez de armas, andava com as criancinhas. O milagre da ressurreição de Lázaro foi comentado em todas as estradas: os viajantes espalhavam aos quatro ventos a volta dum morto. O Bem, a Caridade, feitos com um traço de modestia e uma simplicidade pura tão suas, contrastavam com o aceitar cantos flores, às portas de Jerusalém, naquele domingo.

Por que permitir as palmas verdes agitadas pelos filhos dos hebreus quando Ele só pregava a modestia? A sua prédica não exaltava os humildes e fracos? Por que consentia que a multidão cantasse?

Chamavam-no o profeta surgido de Israel. Pelo caminho havia um rio de flores. Todos cantavam e riam: só Ele estava triste.

Os galhardetes Ele os permitiu como também os cantos e risadas.

O Homem de trinta e tres anos, que estava montado no jumento, conhecia o mundo, sabia da força do odio e da inveja, sabia muito bem que aquela plebe, tão fácil no atirar flores, a se-

guir atiraria pedras. E sabia também da Fé vacilante dos discípulos.

O Homem louro, cheio de saúde e sempre comunicativo, estava triste, naquele domingo de sol, em Jerusalém, porque conhecia a multidão...

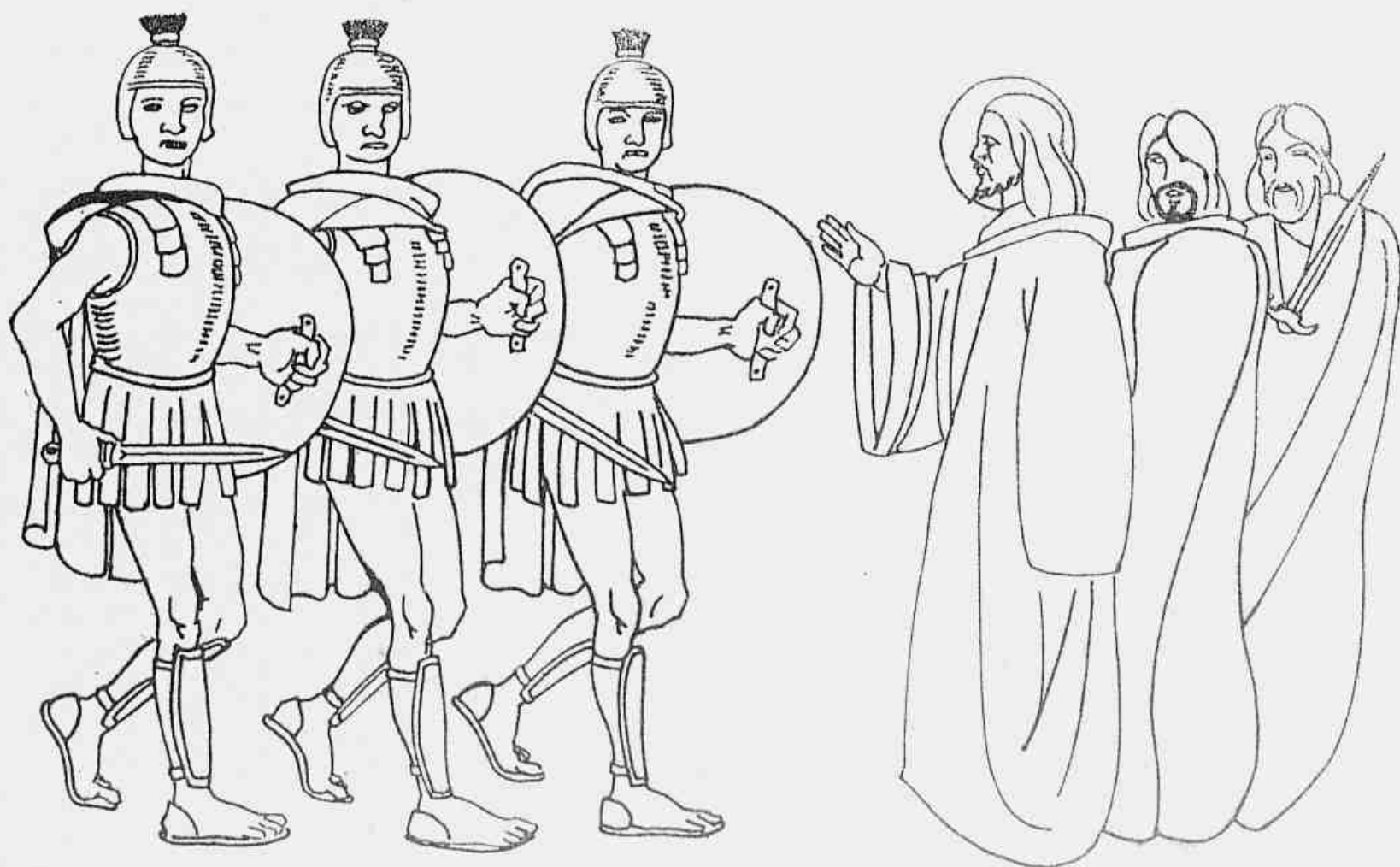
NÃO HOUVE MILAGRE!

Quando Pilatos ficou com medo de sozinho julgar o carpinteiro, lembrou que Ele era galileu e devia ser julgado pelo Tetrarca da Galiléa. Herodes Antipas tinha vindo a Jerusalém para celebrar a Páscoa, comer bem e gozar melhor com sua corte de mulheres bonitas. Quando soube do nazareno quis conhecer-lhe o passado.

— Ah! E' então um feiticeiro? E' profeta? Anda dizendo que faz milagre?

E houve risadas na mēsa farta. O festim foi interrompido.

Algumas mulheres deixaram de beber para rodear Herodes e espiar o julgamento. Não seria criminoso vulgar. As mundanas são astutas. Fosse um simples ladrão e não interessaria à corte das mais lindas mulheres da Galiléa. E pressurosas todas se agruparam na sala porque, pelo menos, seria divertido. Estava ali uma coisa



nunca vista. Todos falavam em feiticeiros, mágicos, mas pessoalmente nada tinham visto de suas mágicas: seria ótimo o espetáculo; a festa teria um grande momento.

E dentro da noite fria, quando até os soldados esfregavam as mãos perto do fogo, entrou no salão do palácio um homem que mais parecia um louco, com uma túnica rota, levado aos empurrões. Diante do libertino e sua corte, Jesus desvencilhado dos braços fortes dos milicianos ficou calmo, sereno, impávido, cerrou os olhos e ficou silencioso.

A todas as perguntas de Herodes, o prêso manteve o mesmo semblante. O Tetrarca fica inquieto, indaga mais, se Ele não é feiticeiro, se não faz prodígios; que mostrasse ali. Onde estavam as suas mágicas?

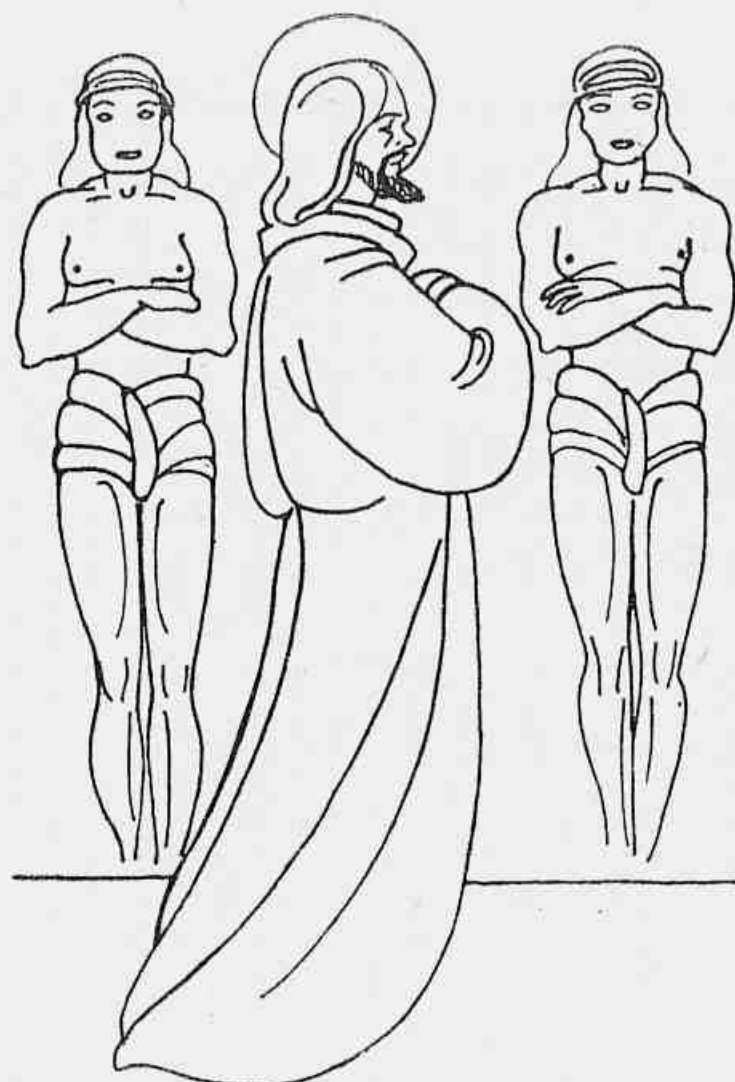
Então houve o movimento de ansia e curiosidade, todos queriam vê-lo, era uma distração diferente, um milagre.

E o Tetrarca enfurecido:

Faça um milagre. Mostre seus truques de feiticeiro.

E o Homem continuava sereno de olhos cerrados.

Pouco a pouco os risos foram cedendo ao espanto e silêncio, desiludidos quando esperavam



quanto havia de erro na religião que exploravam. Ele apanhou um chicote e expulsou do Templo os traficantes.

Foi com um chicote.

A CRUZ

A cruz pôde ser um símbolo de redenção. Depois do Gólgota.

Antes, ali, no alto do monte foi símbolo de barbaria. Nada humilharia mais do que aquela cruz. Era a prova dos vencedores, dos poderosos e a evidência de algum fracasso. Era um emblema de vitória para os judeus da sinagoga, aliados dos invasores romanos; era a força que empunha a alegoria da águia dominadora das terras da Palestina. Os pequenos, os fracos, os humildes, por qualquer transgressão receberiam o último vilipêndio. Só os escravos morreriam na tortura do lenho.

Naquela tarde do mês de Nissam os judeus esqueceram a Páscoa, esqueceram que também eram dominados, para glorificarem um simples carpinteiro de Nazaré, que sofreu tormentos e arrastou pelas areias do caminho sua túnica inconsultil como prêmio de ter ensinado o amor do próximo.

Dir-se-ia a vitória do materialismo, porque todos duvidavam dos milagres, entretanto a cruz lá no alto do Gólgota triunfava.



Não lhe perdoaram as lições, porque as palavras eram bem claras e fortes; o odio ao carpinteiro culminou quando passou a mostrar



CHICOTE

A terra da Judéa era estéril. O comércio vivia numa luta constante. As levas de pobres eram grandes dada a falência da lavoura pelo areal inhóspito. A religião era um meio de vida mais fácil, por isso os poderosos formaram o monopólio. E fizeram de Jerusalém o centro onde os peregrinos tinham que orar, pois só ali existia Deus. Havia grande interesse entre os estrangeiros, pois traziam animais para os sacrifícios e oferendas para o culto. Os sacerdotes judeus tinham em volta do templo um rendoso comércio. E esse comércio acabou por penetrar templo a dentro. Rende ao altar se mercadejava tudo que os peregrinos precisassem para o culto, ou para as longas jornadas ao sol.

O carpinteiro da Galiléa viu tudo aquilo e mostrou os erros dos que fazem da religião um meio de vida. Que Deus não estava só ali, porque Deus em toda parte está, Deus é dos grandes e dos pequeninos, Deus, sendo a salvação, estava em todos os lares onde houvesse Fé.

a representação do ator imortal que não quis nem ao menos abrir os olhos á platéia cretina.

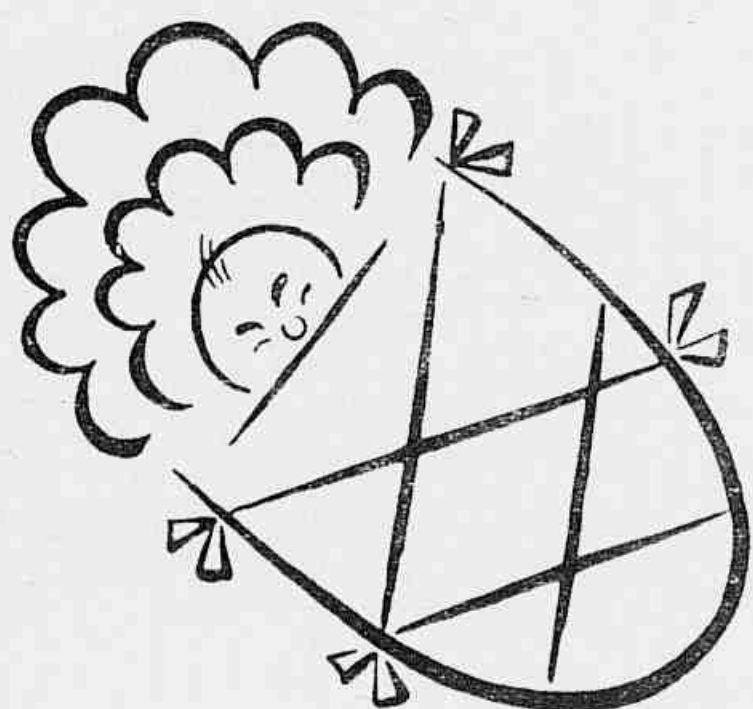
Herodes Antipas, tão poderoso, não pode divertir seus convivas devassos com um simples prisioneiro.

Naquela noite fria, não houve milagre.

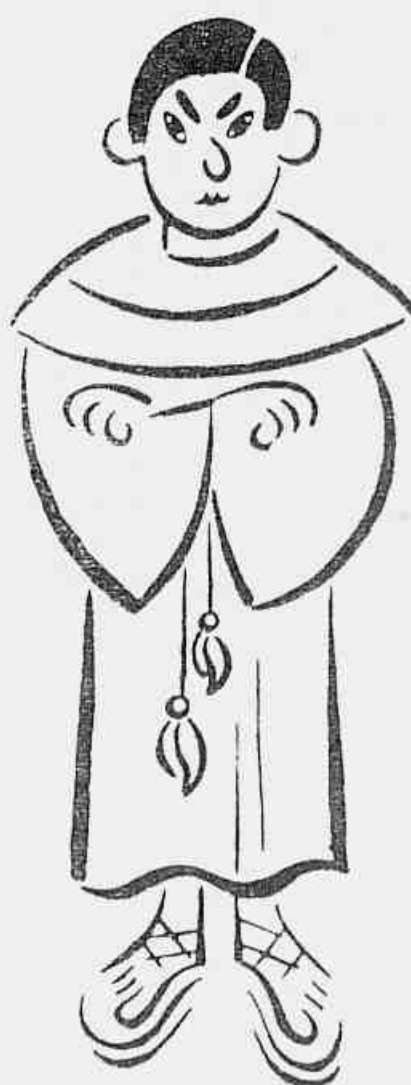
UMA CURTA BIOGRAFIA DE STALIN

Por OSCAR BERGER

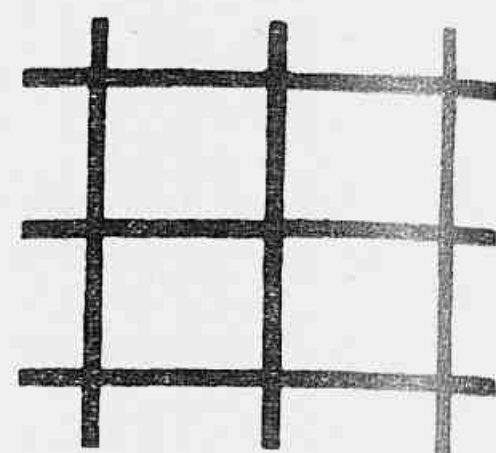
Ha poucas semanas, publicamos a biografia do Presidente Roosevelt, devida ao famoso caricaturista americano, Oscar Berger. Hoje reproduzimos, com a devida venia, de "The New Times", a vida de Stalin, segundo o lapis subtil do grande artista.



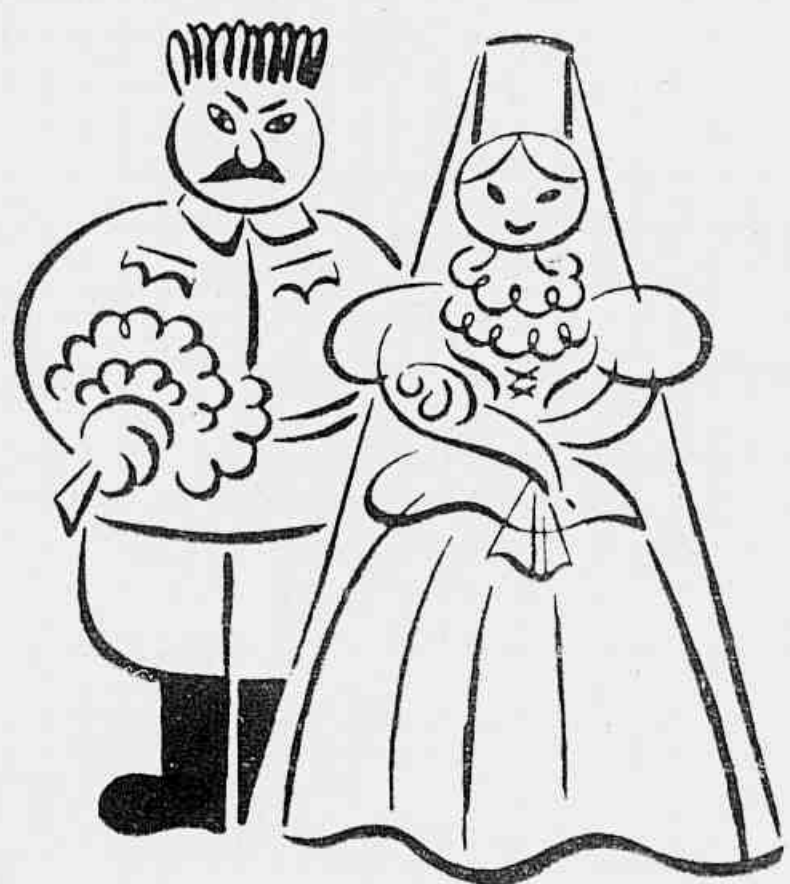
1 — O bebê Nissarionovitch Djughashvili Stalin, nascido em Gori, Georgia. (Dezembro, 21, 1879).



2 — Aos 19 anos, expulso do Seminario Teologico de Tiflis, por estar lendo *O Capital*, de Marx (1898).



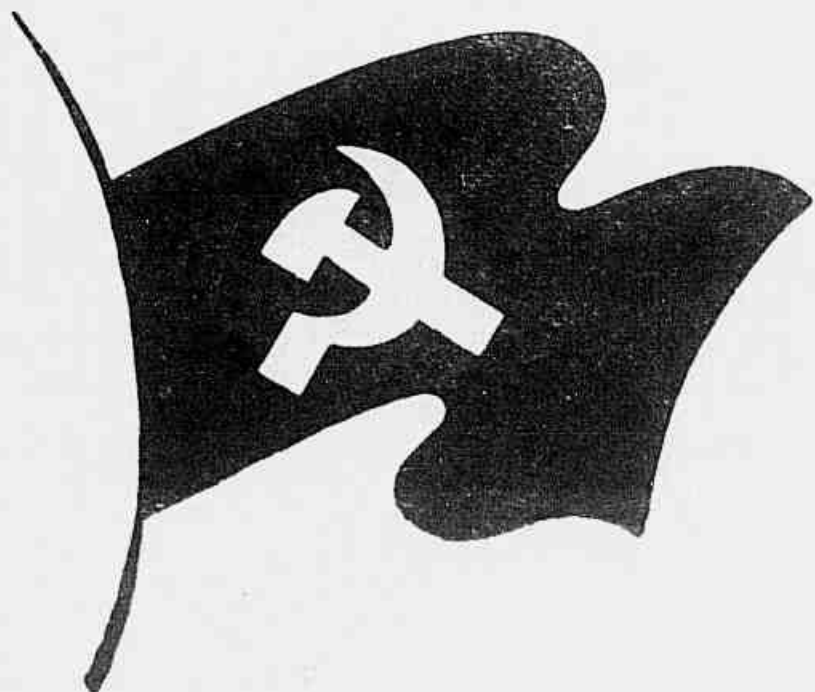
3 — Seis prisões, cinco fugas, ultimo exilio perto do circulo arctico (1902 — 1917).



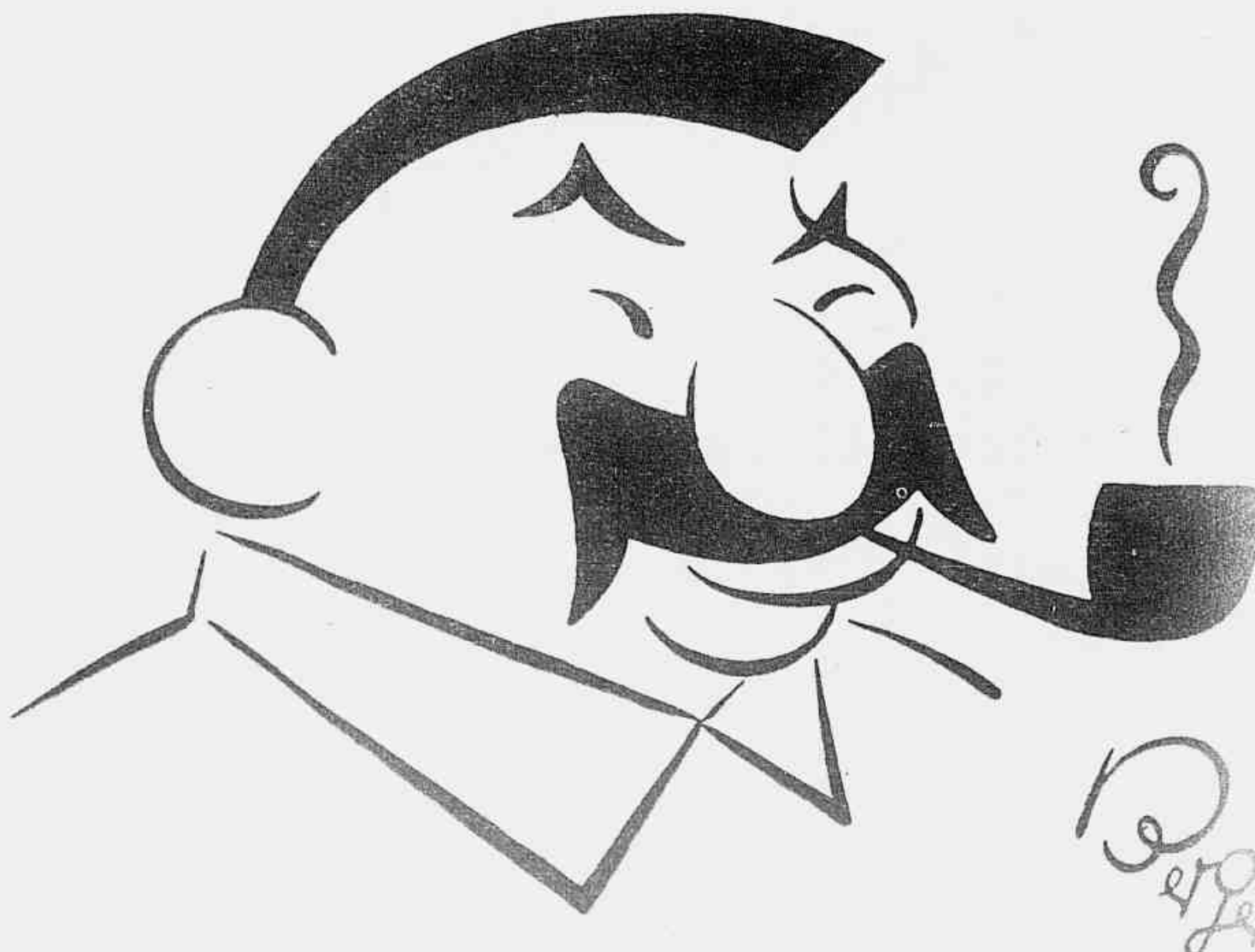
4 — Casado com Nadejda Alleluja (1917), que morreu 15 anos depois, deixando-lhe dois filhos.



5 — Tomou parte saliente na guerra civil, depois da revolução russa (1918 — 20).



6 — Depois da morte de Lenin, tornou-se secretario do partido comunista (1924).



7 — Leader supremo da U. R. S. S., fez 65 anos em Dezembro ultimo

O PASSADO VEIU DO MAR

De SONIA REGINA

O vagabundo sentou-se na rocha ulcerada pelos mariscos e, durante muito tempo, seus olhos assimilaram a cor e a inquietude do oceano. Naquela tarde o vento soprou rijo do nordeste. Os pescadores deixaram de lançar o arrastão e adormeceram, á sesta, nos braços das esposas enquanto as ondas gritavam forte a sua impotência de delimitar horizontes. Somente mestre João aventurara-se a arrostar a cólera das águas. Mas não chegou longe. Voltou molhado, carrancudo, cuspiendo pra um lado, praguejando em voz alta: "Eta, mar grosso... Diabo de vento..." E foi "aquecer-se por dentro" com a saborosa pinga do Samuel Catraeiro.

O vagabundo sentiu aquela dor fina no lado esquerdo do peito, estirou-se na rocha, acendeu uma ponta de cigarro e esperou tranquilamente que a noite viesse. Estrelada ou tenebrosa, que importava? de qualquer maneira seria doce, negra e profunda como o olhar misterioso de Jovinha. Jovinha! A sua lembrança e aquele destino de barco sem timoneiro eram tudo que lhe restava. E era muito. A medida justa do que pedira a Deus. Para ele a medida justa significava a sensação do infinito e a libertação do Tempo. E para Deus também, tinha certeza. Jogou o cigarro fóra, mergulhou novamente o olhar no oceano e percebeu que, na orla branca das ondas, o seu passado se corporificava. Fôra há tanto tempo (quantos anos?); ela chegara de Rio Bonito, suja de pó, moída de cansaço. Viera esmolando pela estrada e o vestidinho de algodão justo e rasgado desenhava-lhe o corpo adolescente. (O corpo de Jovinha, nem mesmo depois que se tornara mãe, nunca passou da idade de 15 anos). Era menina ainda mas sua boca perfeita, de sorriso triste, desmentia a ingenuidade de certos gestos e tinha um sabor amargo de fatalidade. Vira-a ali mesmo, naquela ponta de rocha, prestes a lançar-se ao mar. Nossa Senhora dos Navegantes protegera-a e seu barco chegou no momento exato de salvá-la. Vendo-a tão bonita, balbuciou num deslumbramento:

— Como é que você se chama?

— Jovinha.

Sorriu-lhe humilde:

— Meu nome é Tião.

— Que me importa? (E tiritava de frio no fundo do barco enquanto gotas de água, na sua pele, assemelhavam-se a pérolas diluídas). Durante algum tempo olhou-o feroz, obstinando-se no mais completo silêncio. Até que as sombras esparsas se juntaram e a tranquilidade substituiu docemente a inquietude que lhe ia n'alma. Como o frio aumentasse, tirou o casaco remendado e cobriu-lhe o corpo franzino.

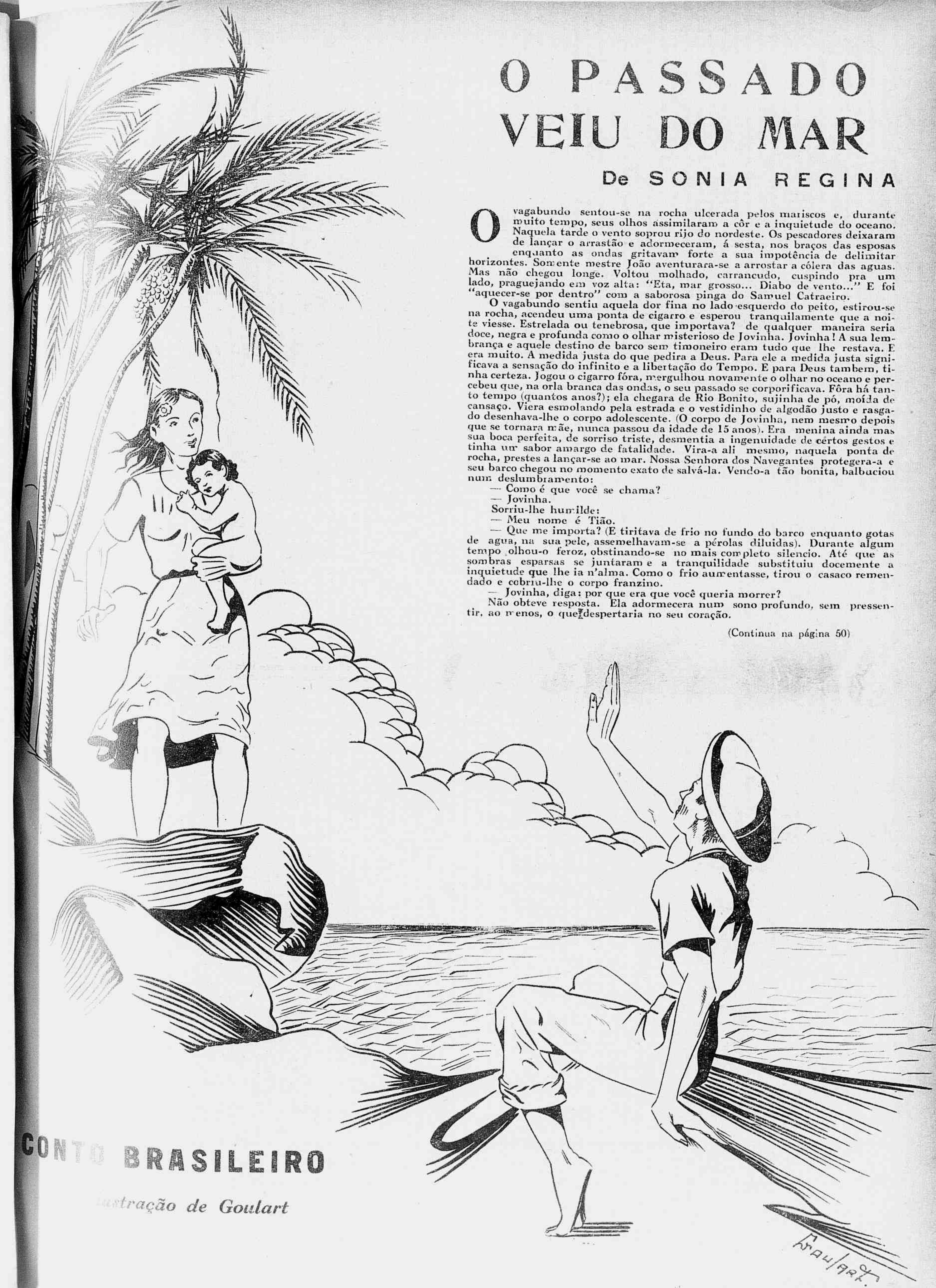
— Jovinha, diga: por que era que você queria morrer?

Não obteve resposta. Ela adormecera num sono profundo, sem pressentir, ao menos, o que despertaria no seu coração.

(Continua na página 50)

CONTO BRASILEIRO

Ilustração de Goulart

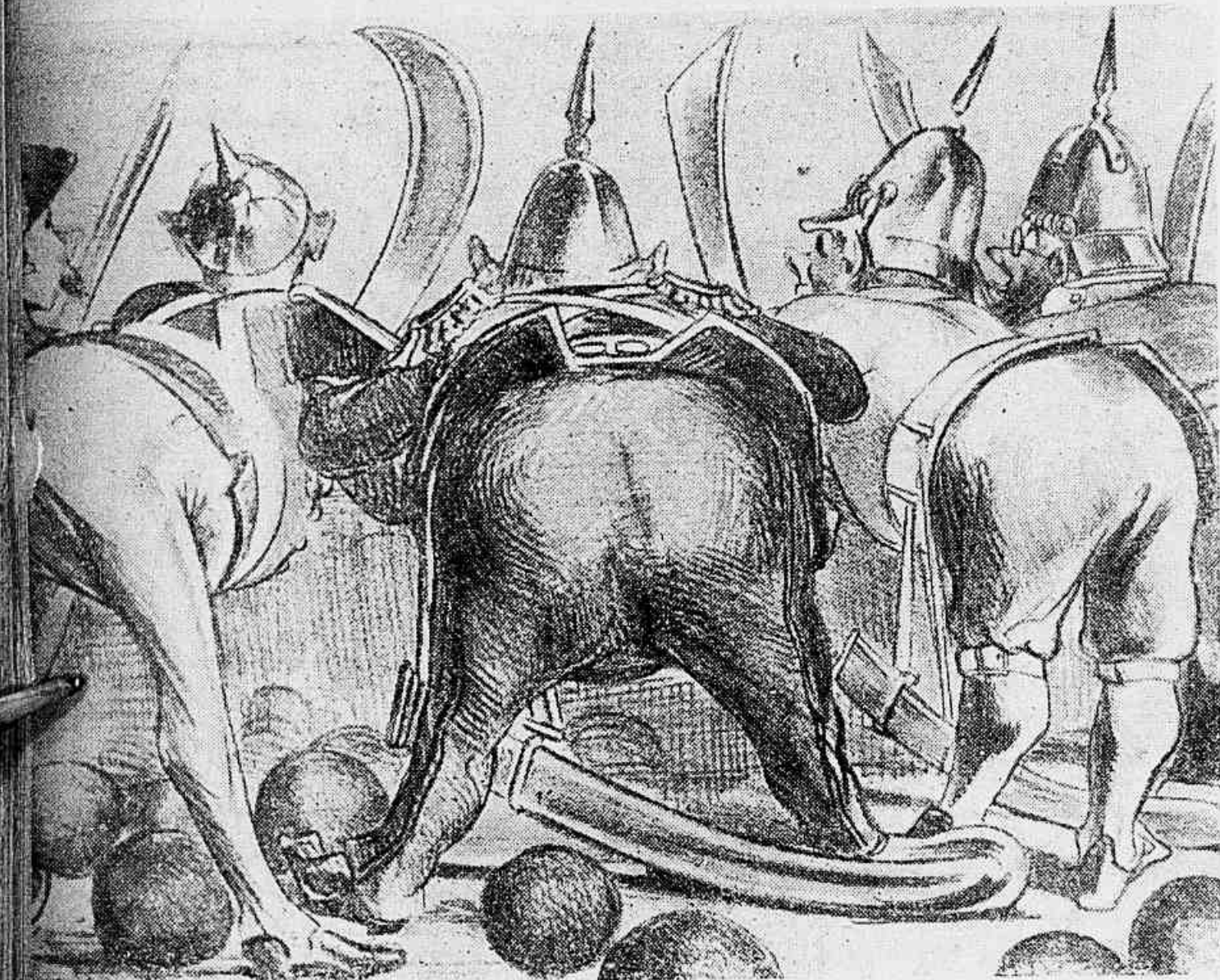




A raça latina sendo afinal afogada num mar de sangue! (n. 73, de 22-6-71).

Fotografia duma trincheira prussiana.

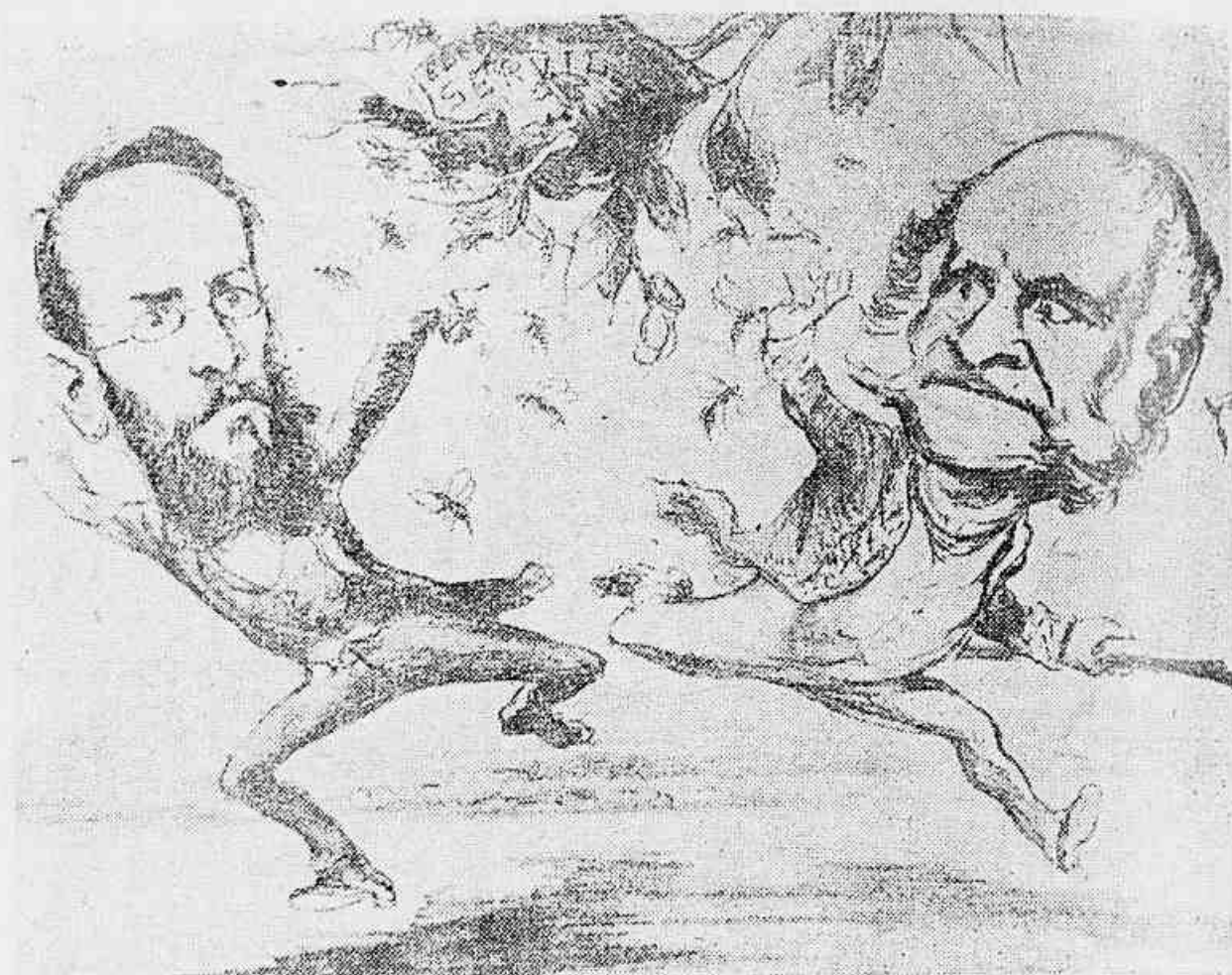
— Endão, Magistrate, quanto começamos o pomparteamento?
— Saberlode! que dizes du? Se os Barisienses nos oufem são cabazes de vazer se-
gunta sordita!!! (n. 51, de 19-1-1871).



A Europa e a sua carga.
Europa — Esta situação é insuportável, mas enfim é necessário não contrariar as
"aspirações da Alemanha"... (n. 42, de 17-11-1870).



O caricaturista



A Maribombeida (elemento servil)
"O maribondo é um bicho
Que perturba a f'licidade
Desta pobre humanidade".

"Dizem uns que é mau não tê-lo
Outros que é bom matá-lo
Devagar, p'ra não irá-lo."

"Mas ninguém se fia
No ferrão de tal inseto
E' talvez bom tê-lo quieto".

(n. 23, de 22-6-71)

Foi numa nota de Amadeu Amaral Junior, esse espirito irrequeto e brilhante — tão brilhante quanto dispersivo — que surgiu modernamente a primeira referencia a um aspecto da personalidade de Pedro Americo inteiramente desconhecido do grande publico: Pedro Americo caricaturista.

E' verdade que uma consulta a seus biografos antigos confirmaria logo essa descoberta. Mas tais biografias são hoje puras raridades bibliograficas e assim as primicias do achado, nesta fase, devem em verdade caber ao arguto jornalista, para quem todo assunto é campo largo para curiosas e fecundas incursões.

Na referida nota, publicada ha tempos em "Vamos ler", vinha sua indicação a certa revista carioca de 1870, a "Comedia Social", de que Pedro Americo fôra assiduo colaborador.

Uma busca nas revistas da nossa Biblioteca faculta, na verdade, uma colheita realmente preciosa, como a destas tres paginas que oferecemos a nossos leitores. Salteada aqui e ali a coleção do pequeno magazine, existe contudo assim mesmo a maioria dos numeros que vão do 39, de 20 de outubro de 1870, ao 78, de 12 de janeiro de 1871.

Não ha, porém, em qualquer dos desenhos, esplendidas ilustrações de preferencia a caricaturas propriamente ditas, um só indício da autoria do evocador da "Batalha de Avaí".

Sabemos entretanto que nessa epoca Pedro Americo estava já de volta duma segunda estada na Europa onde estudara sob a direção de Ingres Flandrin, Horace Vernet e Coignet, adquirindo na pintura os caracteris-



A politica e a mocidade:

— E não será possível, Exma., promover-se o verdadeiro progresso sem se atender a mesquinhas questões de interesse puramente individual?
— Utopias, histórias menina; tudo isso se desvanee diante do... Não te feijoadas de cabeça de porco e um copinho de cachaça... Hein? Não te faz vir agua à bôca? (n. 78, de 27-7-71)

Pedro Americo



Aviso às moreninhas:
Toda senhora de meia cor, que quiser passar por branca, case-se com um crioulo escuro: o contraste fará o resto.

ticos que haveriam de prevalecer em toda a sua obra artística. O mesmo caráter de estilo marcadamente francês assinala também essas "charges", dum desenho admirável, seguro e elegante, digno de figurar entre o que de mais belo se fizera no Brasil até aquela época, inclusive a vasta colaboração de Henrique Fleiuss na "Semana Ilustrada" e a de Angelo Agostini, na "Vida Fluminense" e na "Revista Ilustrada".

Falando a esse respeito, seu contemporâneo Luiz Guimarães Filho, numa biografia publicada ao tempo (1871), assim se refere: Não nos esqueçamos de que Pedro Americo é um espirituoso e admirável caricaturista. Ao lapis de Meissonier, na correção do perfil, e á graça superabundante de Henri Monier nada tem a desejar a veia rica, chistosa, original e espontânea de Pedro Americo. Ainda não ha muito que ele desenhou um jornal ilustrado ("Comedia Social") com incontestável pericia e espirito".

Igualmente, outro biografo, esse o mais autorizado, porque seu genro e amigo de longos anos, o ilustre embaixador Cardoso de Oliveira, tratando de sua atividade por volta de 1870, conta que Pedro Americo "ao mesmo tempo colaborava com a pena e o lapis na "Comedia Social", espirituoso hebdomadario que ali (no Rio) se publicava. Pela defesa que nesse periodico fazia constantemente da França durante a guerra desta com a Alemanha, recebeu da colonia francesa uma rica pena de ouro e diamantes."

Serão porém devidas a seu lapis todas essas caricaturas? Sabemos que seu irmão Aurelio de Figueiredo, também pintor de renome, trabalhava na mesma época na revista. O estilo dos desenhos é porém o mesmo, quer se trate das "charges" truculentas á Prussia, nas quais não é difícil ver o mesmo traço habitual a um admirador não de Meissonier ou de Monier, como entendia Luiz Guimarães, mas de Gastave Doré e de proprio Dau-



Auto caricatura de Pedro Américo, datada de 1867, pertencente ao Museu Nacional de Belas Artes.

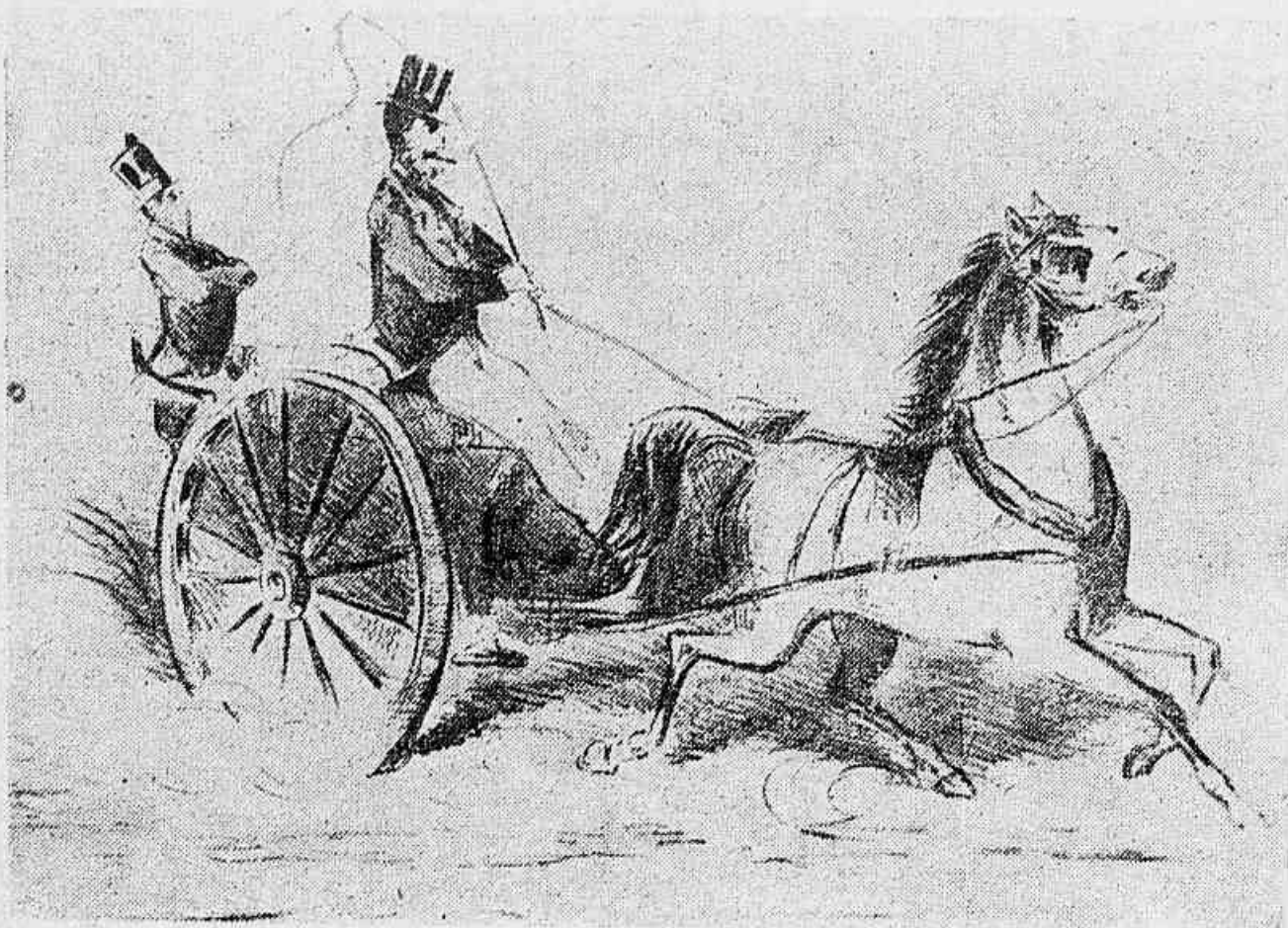
mier (especialmente nessa Paz Europeia) como na evocação de deliciosas figurinhas femininas duma elegancia tão sutil como as do proprio Gavarni e Constantin Guys, a quem pertence, inegavelmente, a leveza e a classe daquele cavalo levipede de Vento e Poeira. No particular, temos de reconhecer que nessas caricaturas sociais falta o cunho do clima brasileiro do tempo, parecendo antes, em tudo e por tudo, recortes de jornais parisienses, transplantados com um brilho incomparavel para as nossas plagas.



Chiquinha, a senhora que é moça da moda me explica o que é essa história entre livre?
Ora, dizer que os moleques que forem vindo vão ficando fôrros.
E os purgantes d'agora fazem a gente pôr moleques? (n. 59, de 16-3-1871)



Jovem comunista meditando o incêndio de algum coração endinheirado.
(n. 74, de 29-6-71)



Vento e poeira.
(n. 78, de 27.7.1871).



Na Praia de Botafogo (entre o V. de A. e a Baroneza de S.)

"Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso de alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor".

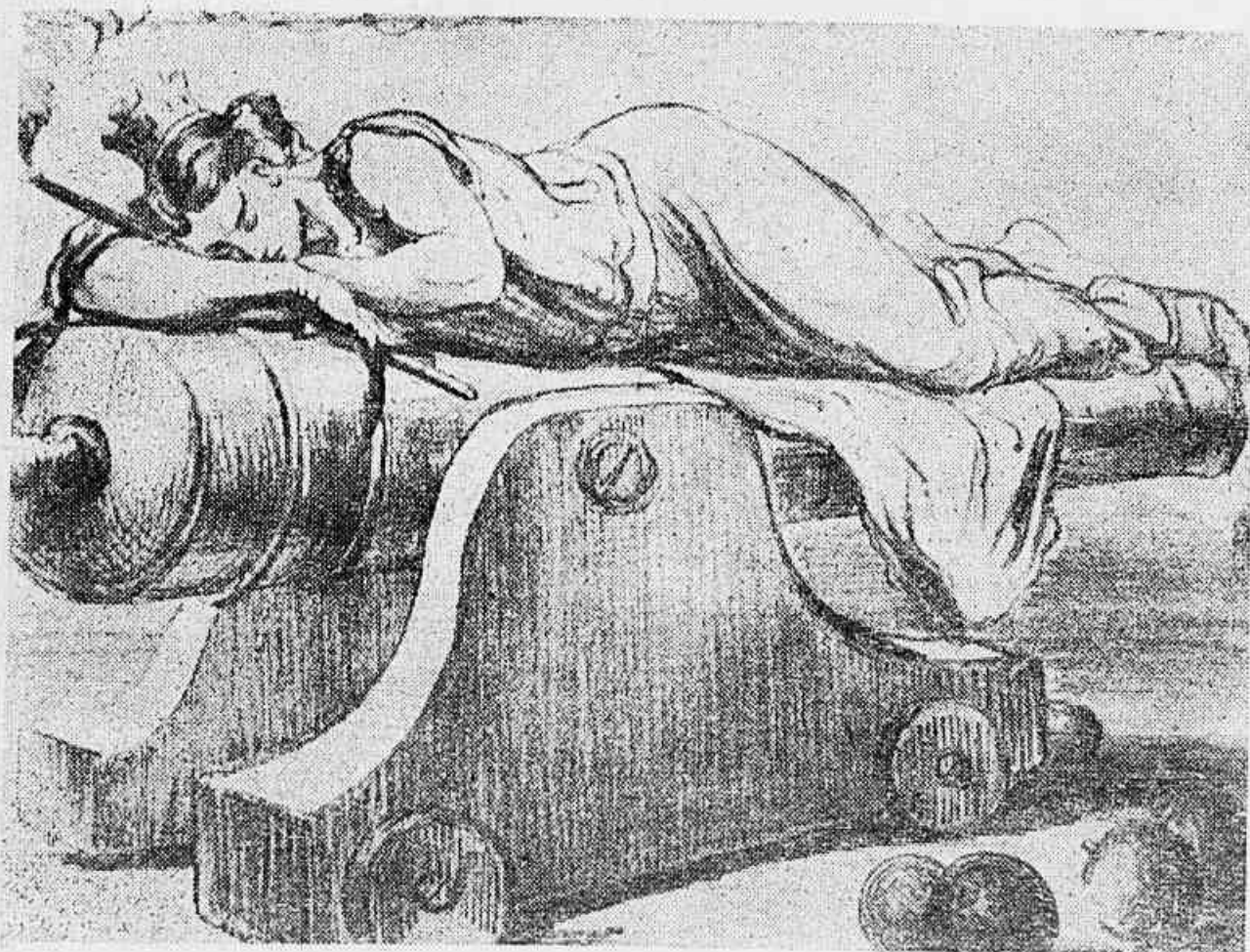
Camões, Lus. canto IX). (n. 63, de 1.4.1871).

I — Cara que fez a Inglaterra, ao saber
dos primeiros desastres da França.

II — Cara que fez a mesma quando
soube que Mr. Thiers lhe batia
à porta.

III — Cara que fez a Inglaterra quando
começou a sentir a falta da França.

(n. 45, de 24-11-70).



A próxima Paz Européia
(n. 59, d. 16.3.1871).

Nem por isso, todavia, por toda essa vinculação parisiense do melhor quilate, ha que deprimir o alto valor artistico dessas illustrações de primeira plana, confirmadoras, pela elegancia da composição e pelo instantaneo da feitura, dos prodigiosos recursos de desenhista que possuia, em todos os setores, Pedro Americo — tal qual está — ainda revelado, de maneira absolutamente autentica desta vez, na esplendida autocaricatura da coleção do nosso Museu de Belas Artes, aqui tambem reproduzida.

H. L.



No teatro.

— Ainda está pondo o binoculo para ti, está namorado. Conserva o teu ar de donzela e não olhes para ele senão na saída do teatro, sem fazeres ar de riso; sómente no fim põe-lhe uns olhos bem languerosos...Olha bem o que te digo!

(n. 66, de 4.5.71).

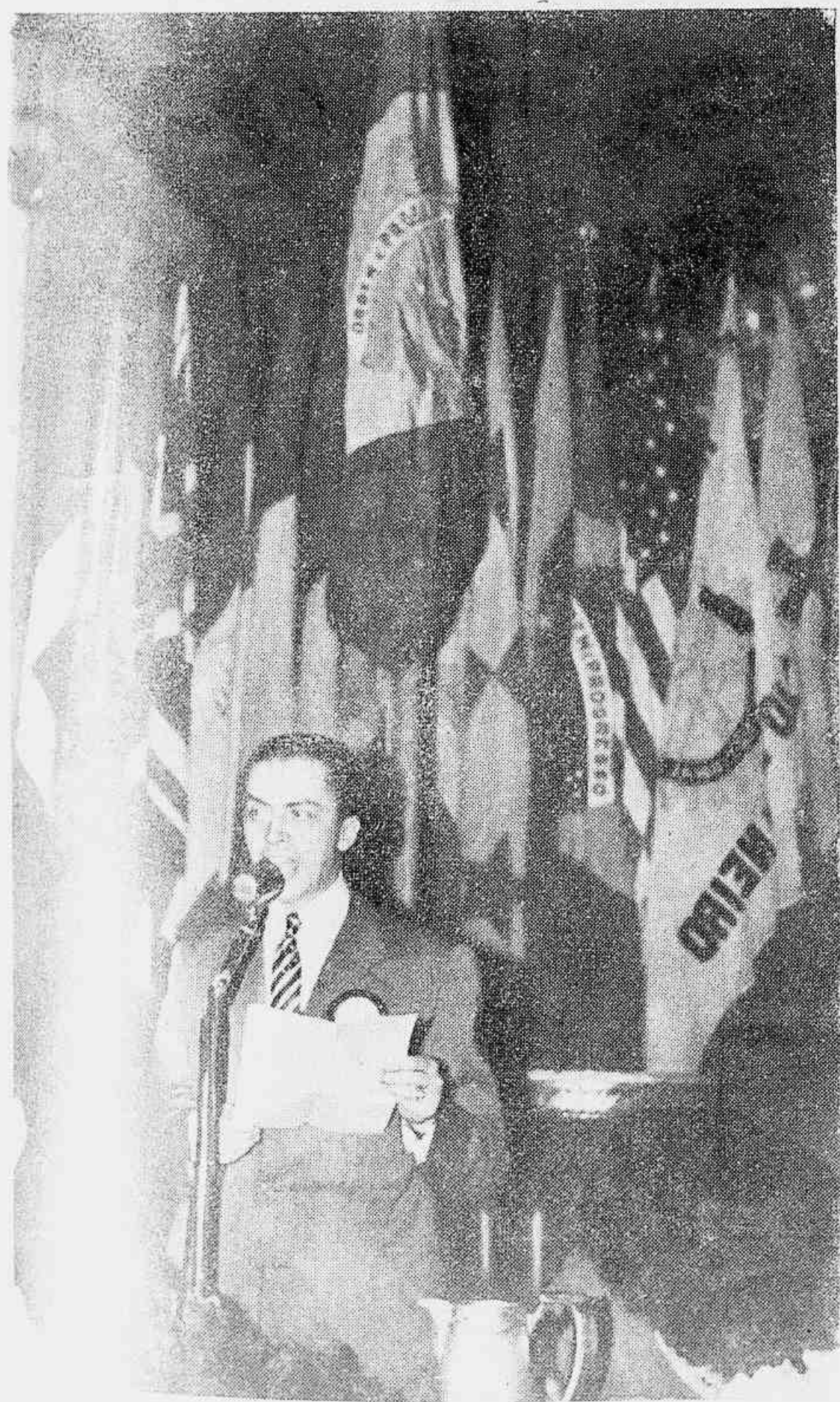


O invicto general da pena disfarçado em Rio.
(n. 70, de 1-6-71).

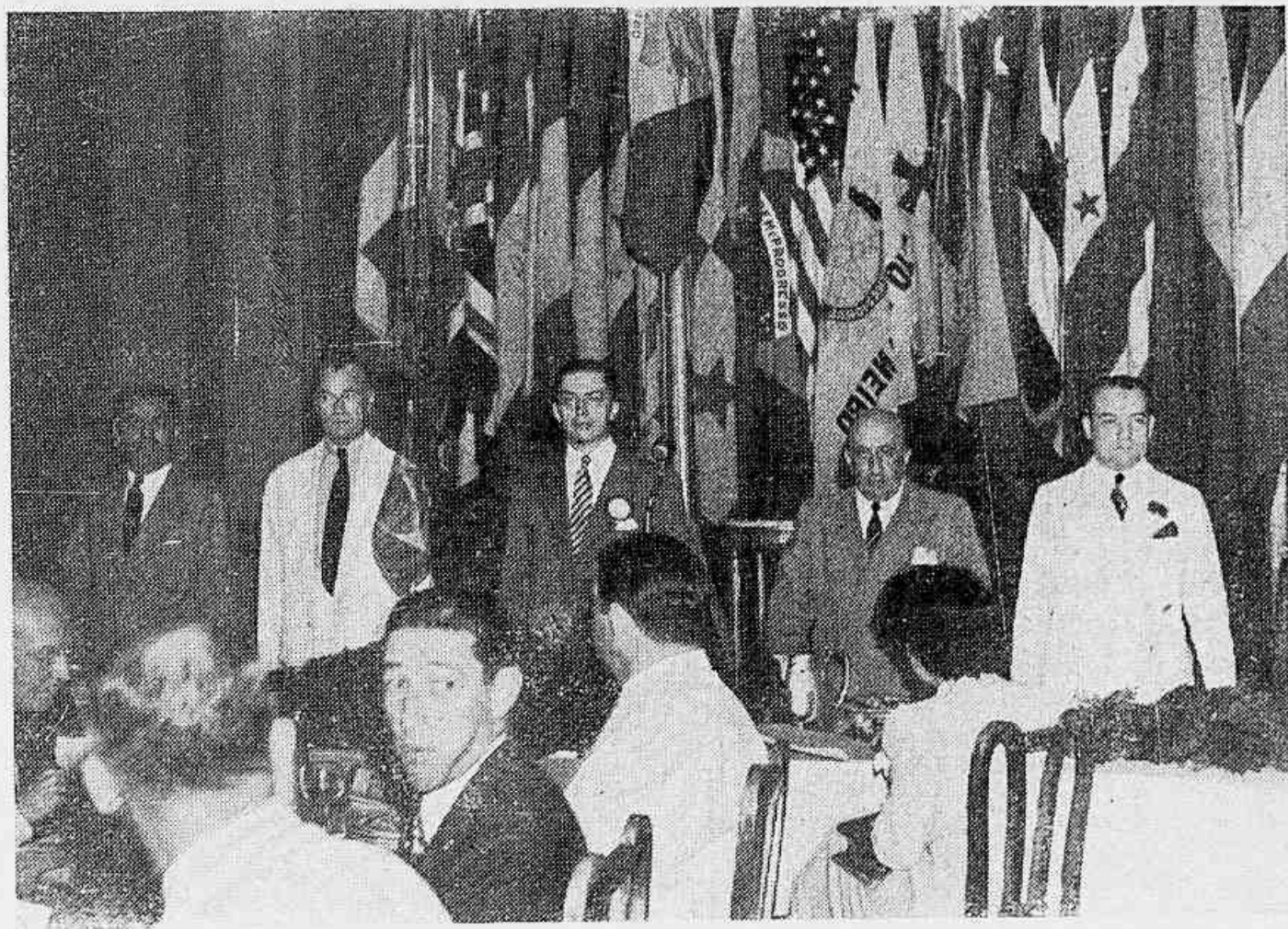
Colégio PAIVA E SOUZA



Grupo de alunas do Colégio Paiva e Souza, que ingressaram no Instituto de Educação. (Das 452 candidatas aprovadas nos exames de admissão ao Instituto de Educação, 226 pertenceram ao Colégio Paiva e Souza.)



ROTARY CLUB DO RIO DE JANEIRO



A reunião do Rotary Club realizada a 16 do corrente foi levada a efeito em homenagem às nações da América e em comemoração ao Dia Panamericano.

Compareceram a esta festa de confraternização inter-americana, o dr. Carlos Luz, Presidente em exercício do Rotary Brasileiro, embaixador Jefferson Caffery, dr. Pedro Leão Veloso, representando o ministro Oswaldo Aranha, dr. Armando Arruda Pereira, diretor do Rotary de São Paulo e ex-Presidente do Rotary Internacional, além de representantes diplomáticos de todas as repúblicas das três américas.

A convite do Presidente Carlos Luz, o embaixador Jefferson Caffery hasteou o Pavilhão Nacional sob vivos aplausos dos presentes. Usaram em seguida da palavra diversos oradores, terminando a reunião com ligeiro discurso pronunciado pelo Dr. Carlos Luz, lembrando a data natalícia de Paul Harris, fundador do Rotary e seu presidente emérito, que transcorreu a 19 do corrente. O Pavilhão Brasileiro foi após descido pelo embaixador Pedro Leão Veloso.

Nas fotografias o Sr. Carlos Luz quando proferia o seu discurso; e a mesa que presidiu a reunião, aparecendo o Dr. Carlos Luz, embaixador Caffery e diplomatas latino-americanos; em ambas as gravuras notam-se as bandeiras americanas armadas na panoplia ao fundo.

A vida cinematográfica



PEDRO AMÉRICO — 1888

Foto de G. Brogi.

Aos nove anos de idade, empresário teatral — Guilherme I gostou da "Carrion" — Duelo em Bruxelas — Um idílio em Lisboa — Ideais e amarguras do artista.

Hoje, quando pousamos o olhar em alguma dessas mil reproduções dos grandes quadros de Pedro Américo, espalhadas em todo o País, nas revistas, nos albums, nos compêndios de história, não imaginamos a soma de sacrifícios que custou cada um deles. Essas obras representam parcelas do próprio sangue, da própria vida do artista. Porque não é só o ator teatral, o musicista que consegue vibrar. Também o artista do pincel participa intensamente de sua criação, vivendo-a com todas as energias interiores. De resto, um quadro define um pintor. Nele, encontramos as idéas, o espírito, a personalidade, enfim, daquele que o concebeu.

Assim, descobriremos em Pedro Américo, à primeira vista, um acendrado amor aos temas patrióticos, uma quase exaltação pelo Brasil. *Pavão da Pátria, A Batalha do Avaí, Independência ou Morte, Tiradentes Esquartejado* e alguns outros trabalhos, fixam momentos cruciais de nossa história, com um tal realismo de cores que só uma identificação entre o Autor e o tema poderia explicar.

A Batalha do Avaí, por exemplo, surpreendeu até aos protagonistas da própria Batalha, sobreviventes ainda, em grande número, naquela época. Expressivo, como demonstração dessa fidelidade, um episódio ocorrido quando o Imperador e a Imperatriz visitaram o quadro; os monarcas reconheceram imediatamente a figura do major Correia Lima, que o Pintor só conhecia através de descrições, pois, não conseguira nenhuma fotografia dele!

A confecção dessa tela obedeceu a um trabalho beneditino de preparação, circunstância que revela a honestidade absoluta do seu idealizador. Não se

trata de uma alegoria. De um desses quadros fantasmagóricos, alusivos a um fato histórico, tão ao gosto mesmo dos maiores vultos da pintura — *A Batalha do Avaí*, é uma reconstituição escrupulosa da epopéia; reconstituição, entretanto — é bom frisar — que não impressiona, apenas, pelas proporções, pela monumentalidade do conjunto. Impressiona, porque sentimos na multidão de figuras, o vestígio mágico do movimento, da dor, do ódio, do entusiasmo. Dir-se-ia um tapete mágico, onde podemos contemplar a história — em si mesma. Só um gênio, reparem bem, levaria ao término tal maravilha.

Empregou quatro anos nesse quadro. Nos dois primeiros, entretive-se com estudos e indagações de toda ordem; depois, munido do material indispensável, partiu para Florença, a meiga Florença das belezas renascentistas, e dispôs-se ao trabalho. O que ele desejava fazer pedia recursos especiais, instalações adequadas. O *atelier* precisava ter as proporções de um hangar... A tela quase onze metros de comprimento e seis de altura. Contando com a boa vontade das autoridades locais, sempre fidalgas com quaisquer artistas que aportassem ali, conseguiu a sala da biblioteca do convento da Santissima Annunziata, de onde foram removidos 40.000 volumes! Após 26 meses, o quadro foi exposto ao público, naquela cidade, com a presença de D. Pedro II que se encontrava na Europa, a passeio. Em 78 dias foi visitado por mais de cem mil pessoas, contando-se neste número, personalidades da mais alta jerarquia. Pedro Américo recebeu uma das maiores apoteoses já tributadas a um artista. A imprensa de todo o Velho Continente teceu comentários sobre o caso, tendo sido o Pintor comparado a Miguel Angelo e cognominado o "chefe atual da escola idealista na Europa."

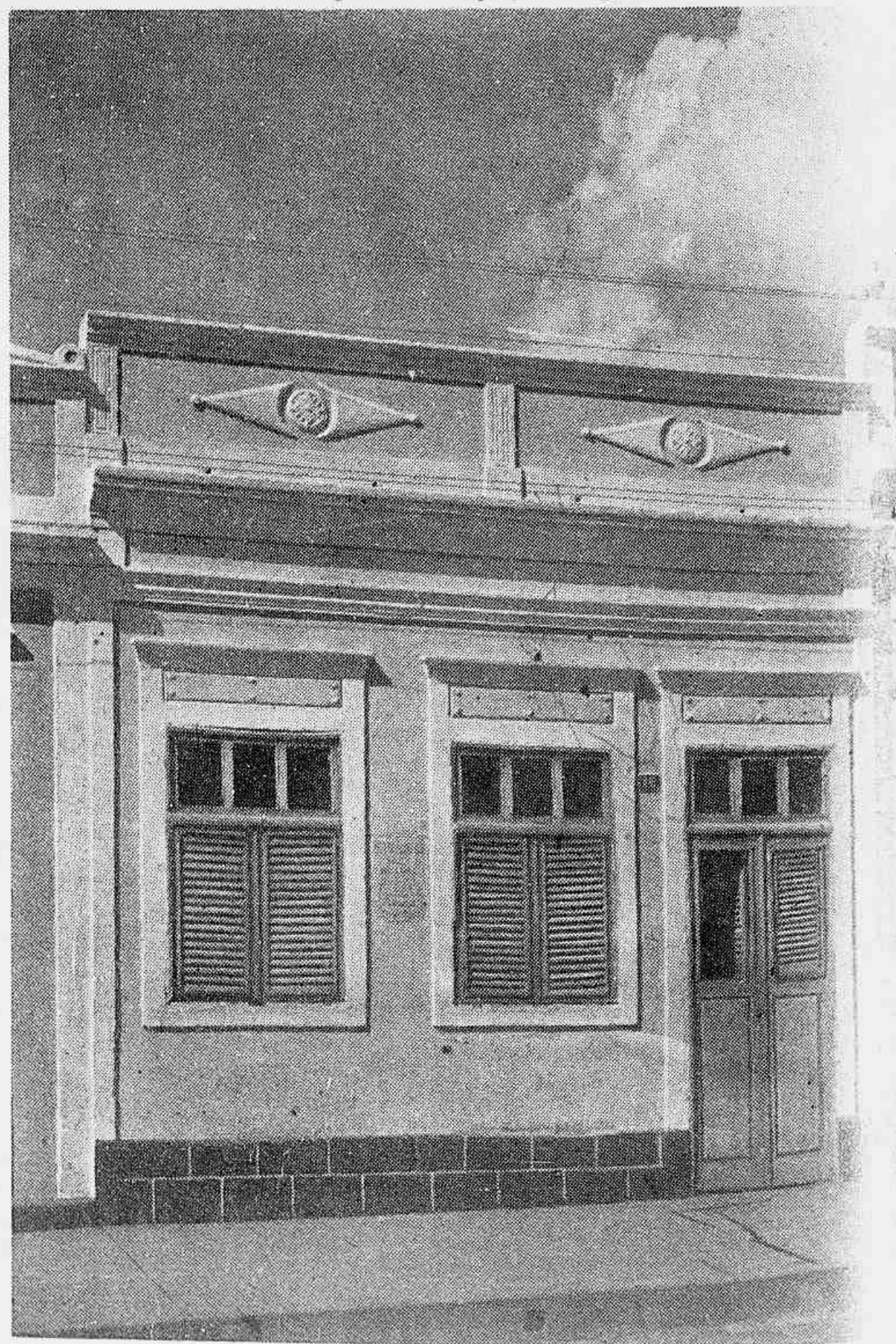
Um artista de tais qualidades não poderia ser um produto exclusivo de academias e de mestres. Sim, uma vocação indiscutível que se evidenciou desde a infância e que se torna de fácil compreensão, uma vez que se conheça a existência de diversos artistas em sua família. Seu avô paterno, Manuel de Cristo Grangeiro de Melo, considerado, no seu tempo, o maior compositor de músicas sacras no norte do Brasil. Teve um tio regente de banda de música e o pai gostava de distrair-se ao violino. Seria perfeitamente normal, pois, que o rapaz nascesse com harmonia nas veias e beleza no coração. Assim aconteceu. Muito creança cantou com o avô, no côro da igreja. E o tempo que lhe sobrava das atividades de balcão, na loja do pai, dedicava à modelagem de bonequinhos, ao desenho e à pintura elementar. Organizou um pequeno teatro no qual desempenhava todas as funções, desde as de diretor, ator, cenógrafo, até a de impressor dos bilhetes de entrada, em aparelho de sua construção, com tipos de pau.

Tudo isso bastou para que o menino adquirisse popularidade na cidadezinha natal. Chegou a Areia, lugar a que estamos nos referindo, uma comissão de cientistas, que demandava o sertão. Cedo chegou aos ouvidos dos sábios, a fama do menino-prodígio. Submeteram-no a uma prova e ficaram estupefatos com a facilidade com que traçava aquilo que lhe pediam. O dirigente da expedição, naturalista francês Jacques Brunet dirigiu ao presidente da Pro-

víncia uma carta, através da qual apelava para que aquele talento merecesse o amparo conveniente; documentando o que afirmara, enviou dois desenhos do artista precoce. Em seguida, convenceram os pais do garoto e deixá-lo seguir em companhia dele, pelos caminhos hinterlândicos. Lá para as montanhas, adoece o desenhista oficial da expedição, o alemão Bindseil, e Pedro Américo passa a desempenhar as funções do mesmo. Isso aos dez anos de idade! Esse peregrinar, ainda que extraordinariamente fatigante para a criança, foi muito útil ao artista. Aprendeu os primeiros rudimentos de história natural, aprimorou sua arte.

Retornando, esperava-o uma agradável surpresa. A carta lograra obter resultado. O Governo Imperial tomava a si o encargo de educa-lo. Matriculou-se no Colégio Pedro II, em 1854 e, dois anos depois, era aluno da Academia de Belas Artes. Em pouco tempo tinha 15 medalhas e alguns outros títulos brilhantes — prêmios — ao mérito. Porto Alegre, diretor da Escola, considerava-o a maior esperança da arte brasileira. Cedo vieram-lhe os anseios de viajar, de admirar cenários novos, talvez de descobrir essa paisagem que não sabemos qual seja mas, bem viva no sonho de cada um. A dele parece que foi Florença, a pátria de Celine e das belas estátuas pagãs...

Durante essa estadia, que se estendeu até 1864, o artista evidenciou sua espantosa capacidade de trabalho, metendo-se em diversas empresas a um tempo só.



A casa onde nasceu Pedro Américo, em Areia.

PEDRO AMERICO

Obtendo prêmios na Academia de Belas Artes de Paris, bacharelou-se em Letras pela Sorbonne, esteve em arqueologia de Beulé, ouviu o apel; viajou, conheceu pai-a a emoção de um naufrágio, e pintou.

Com a assistência com que produziu durante toda sua vida. Por sua notação à *Vida de Jesus*, recebeu, do Papa, as insígnias de cavaleiro do Santo Sepulcro. As obras mais importantes, datadas dessa época, são: *Moisés sobre o monte Sinaí* (tesboço alegórico); *Rapto de Helena* (cópia do quadro célebre de Géricault); *Naufrágio da fragata Héro* (cópia de Géricault); *Pio VII* (retrato) e a famosa *Carioca*. Esta última não teve ingresso no Palácio Imperial de São Cristóvam, destino dos demais, porque foi considerado licencioso.

Não satisfeito em que ângulo se colocou o crítico para emitir esse conceito; a verdade é que a tela, vista depois por Guilherme I, da Alemanha, despertou um verdadeiro entusiasmo de parte do soberano, sendo a ele apresentada.

Chegando ao Rio de Janeiro, depois de uma longa permanência na Paraíba, concorreu a cadeira de desenho da Academia de Belas Artes, ocorrendo, então, um episódio muito significativo. Contemplando a tela com que ele iria concorrer, *Sócrates afastando Alcibiades dos braços do vinho*, o outro concorrente Le Chamel declarou-se vencido.

A Europa chamava-o de novo e o resto de sua vida passou-o assim, cruzando os mares e pintando, vivendo apenas de sua arte. Demonstrava uma confiança absoluta no seu talento, em aventuras dignas de um Gauguin. Pena que não havia surgido um Maugan para

imortalizá-las. Em certa ocasião, tendo urgente necessidade de dinheiro, vendeu o seu copioso patrimônio de medalhas.

Em Julho de 1868, doutorou-se em ciências naturais pela Universidade de Bruxelas, depois de um exame que teve a duração de seis horas.

Por aí, bateu-se em duelo, por um motivo jamais esclarecido pelos seus biógrafos.

Na mesma ocasião alcançou um dos seus maiores triunfos concorrendo à cadeira de lente adjunto da Faculdade de Ciências. "...o candidato deu provas de um talento muito notável que lhe valeu por muitas vezes os aplausos do auditório" disse o *Diário Oficial Belga*. Foi aprovado com distinção.

Quando regressava à Patria, hospedou-se, de passagem, na residência de Porto Alegre, em Lisboa, onde estava desempenhando as funções de consul geral do Brasil. Dêste contato com o velho mestre resultou o seu casamento com uma filha dele, D. Carlota, com a qual partiu para o Rio de Janeiro.

Pintor, romancista, jornalista militante, professor, cientista, político — até deputado na República! — Pedro Américo foi uma personalidade fora do comum. Natural, por isso, que ganhasse antipatias, hostilidades.

Aliás, em certa época, suas decepções foram preditas por Quintino Bocaiuva: "a um homem de real merecimento que se eleva tão alto a mediocridade não perdôa." O próprio Imperador que, oficialmente o prestigiava de todos os modos, comparecendo às exposições de seus quadros, assistindo-lhe às aulas, permitia que ele sofresse algumas injustiças verdadeiramente incompreensíveis para nós, hoje.

Nascido na cidade de Areia, Província



A famosa gameleira de Areia, visível desde a cidade de Campina Grande, a 54 ks. Pedro Américo, que a viu menino, descreveu-a "semelhante a torre antiga vestida de musgo, ou denegrida pelo roçar dos séculos" (*O Holocausto*, pag. 2).

da Paraíba, a 29 de Abril de 1843, faleceu em Florença, a 7 de Outubro de 1905. Do berço humilde nunca se esqueceu. E o ultimo desejo foi repousar naquela terra onde estavam suas raízes, onde se derramava a sombra boa daquela gameleira de trezentos anos, lembrada por ele nas páginas de *O Holocausto*.

Entretanto, o destino ainda lhe reservava surpresas. Seu corpo seria despachado do Rio para o Norte como carga, num ataude grosseiramente envolvido em estôpa! E, em vez de conduzi-lo à

cidade natal, sepultaram-no, com muitas homenagens, é verdade, no cemitério da Capital, agora cidade de João Pessoa.

No momento em que erguemos o templo dos heróis e dos gigantes da nacionalidade, quando empreendemos a mais séria revisão de valores de que ha notícia em nossa história, elevemos de uma vez a figura de Pedro Américo à luz meridiana da glória, essa glória que só é verdadeira quando é creada pelos corações em fogo.



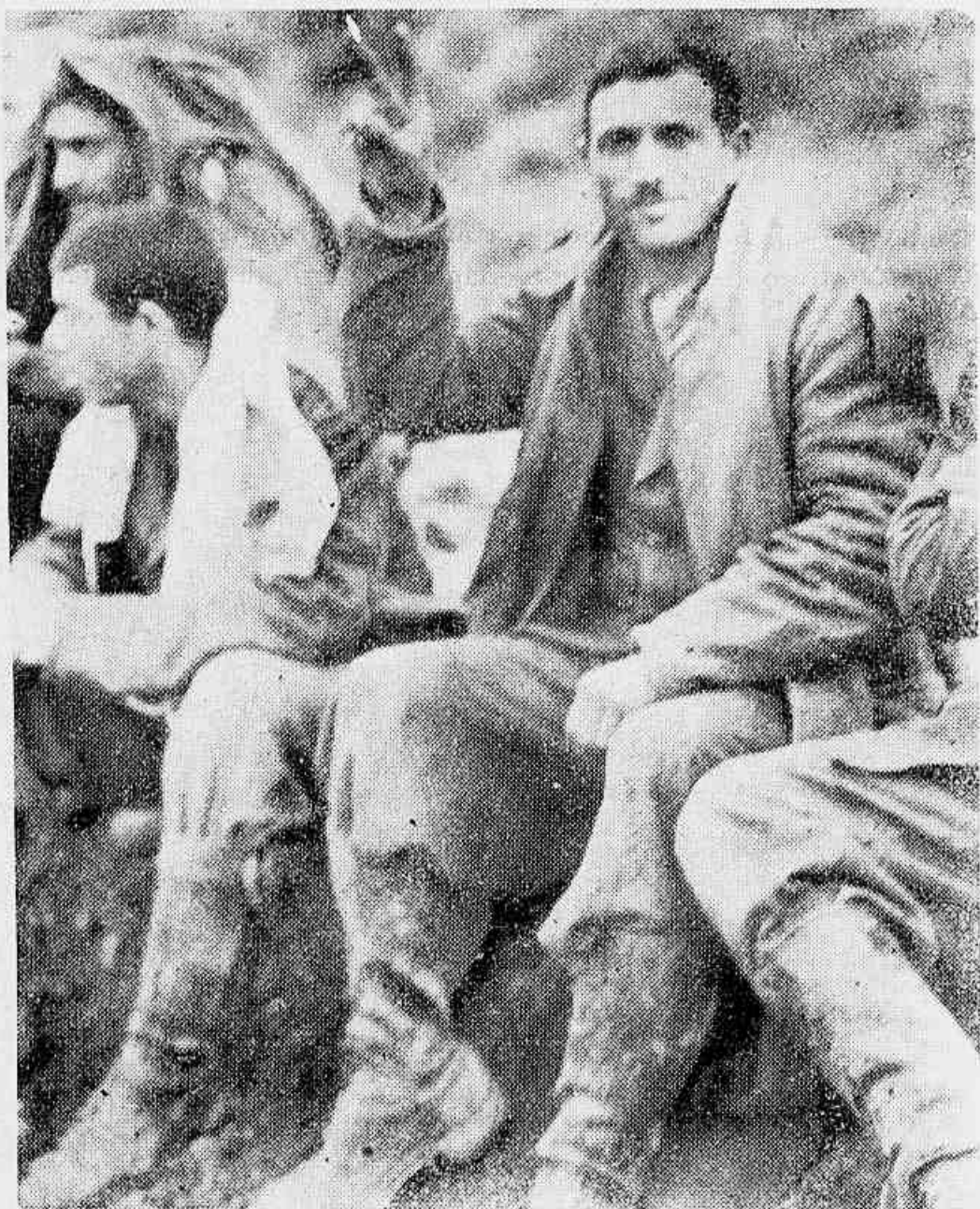
Rua Pedro Américo. A casa em que nasceu o pintor está assinalada por uma seta.

VITORIA DOS ALIADOS NA TUNISIA

(Fotos da INTER-AMERICANA)



Vemos, na gravura, unidades blindadas americanas quando entravam em formação de batalha, afim de ser desfechada a ofensiva final contra os exércitos do Eixo.



Este soldado italiano, capturado pelas tropas dos Estados Unidos na Tunisia, sauda seus captores com o "V" da vitória, demonstrando seu contentamento porque para ele a guerra já terminou.

O notável êxito obtido pelos aliados na Batalha da Tunisia demonstrou, mais uma vez, a superioridade dos soldados britânicos e americanos, quando lutam com armas iguais às do inimigo. Ruiu por terra o mito dos exércitos invencíveis. Os soldados das Nações Unidas demonstraram que, homem por homem, são melhores do que os soldados do Eixo, porque os anima, acima de tudo, o ideal de um mundo melhor. Nesta série de fotografias, vemos alguns interessantes aspectos da luta na Tunisia.



Num gesto humanitário, soldados do Corpo Médico do exército dos Estados Unidos retiram de um caminhão destruído o cadáver de um motorista italiano, afim de lhe dar sepultura. Empregados como cobertura para proteger a retirada do Afrika Korps, as forças italianas sofreram pesadas baixas.

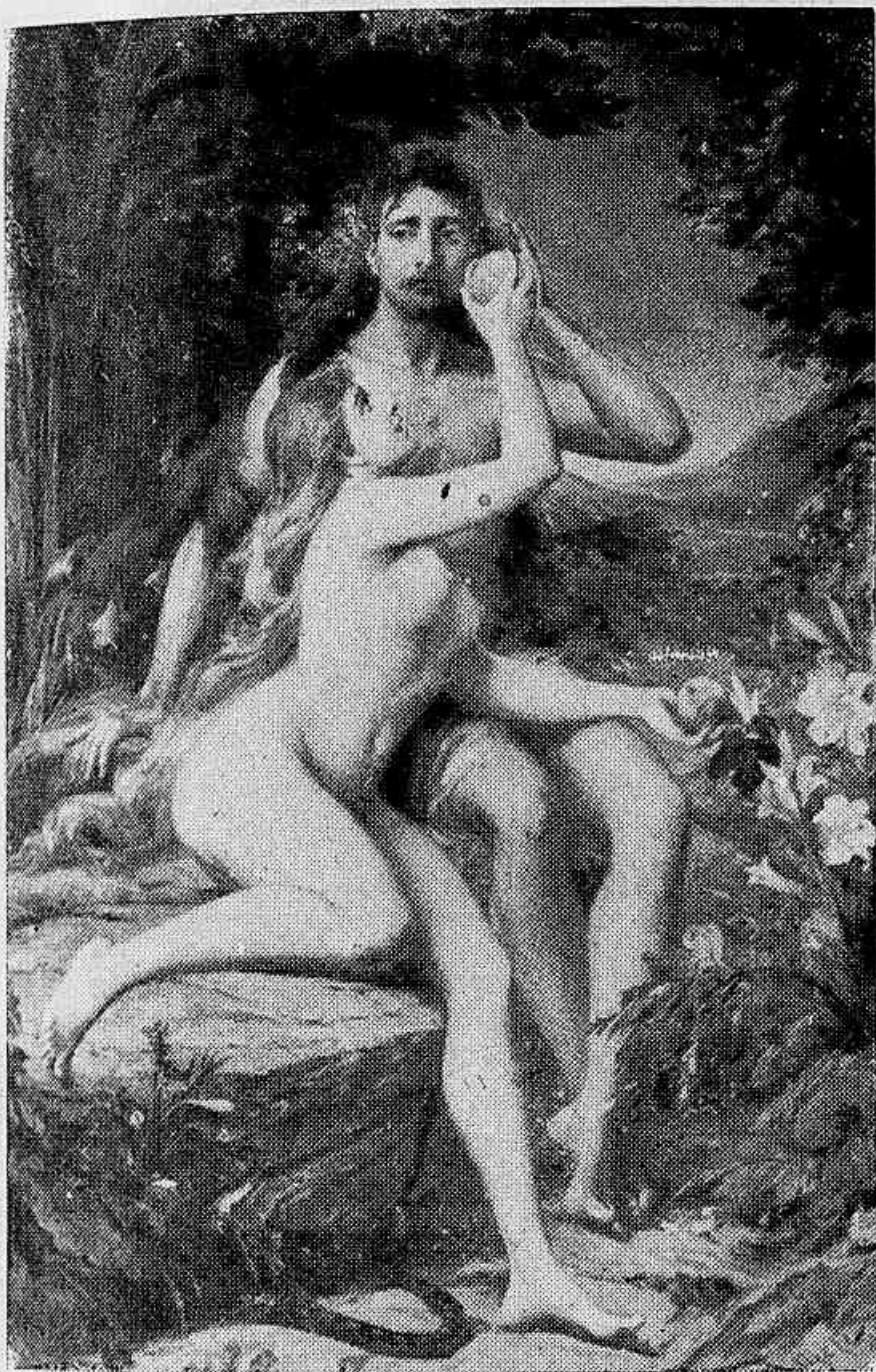


Tanques do Eixo desmantelados pela artilharia americana atestam a precisão de tiro e a potência de fogo dos canhões anti-tanques dos soldados de Tio.

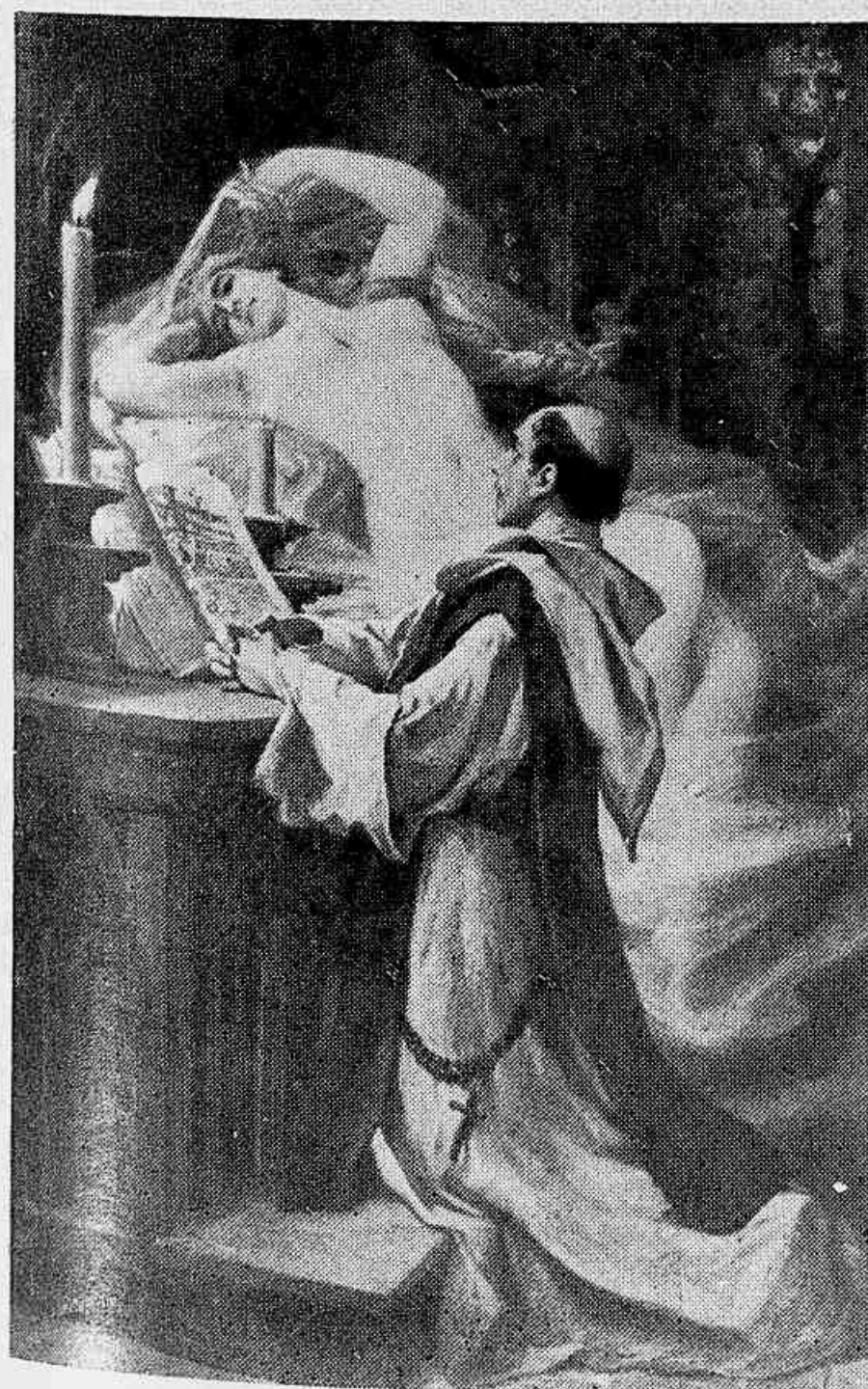
NOTAS SOBRE PEDRO AMERICO

Por
JOSE' LINS DO REGO

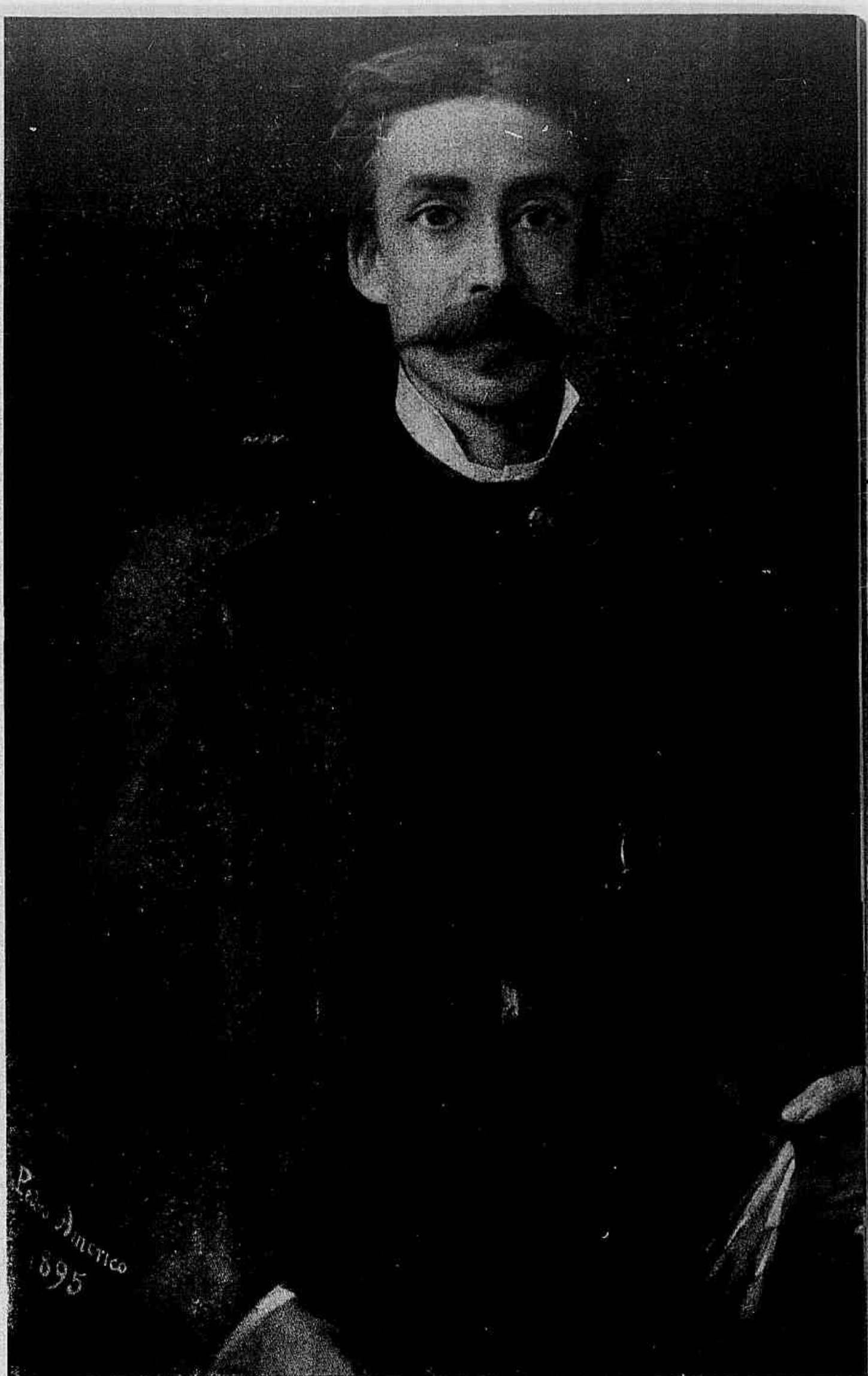
(Especial para a
REVISTA DA SEMANA)



A PRIMEIRA CULPA



NOVICIADO



AUTO RETRATO

QUANDO Pedro Americo era menino, os restos da revolução de 48 perturbavam a vida pacata de sua cidade natal. Caçavam os rebeldes de Borges da Fonseca como a cangaçeiros perigosos. A cidade de Areia sempre fôra foco de rebelião. O menino teria ouvido o rumor das batalhas que o major Quincas, o velho Santos Leal, sustentara contra as tropas imperiais. Seis horas de fogo cerrado contra a cidade liberal. E depois a derrota, os maiores da terra arrancados de suas casas para as prisões de Recife.

Depois vieram os franceses e levaram o menino pelo sertão a dentro. O menino era um prodígio no desenho, os cientistas que o tomaram para cartografo viam nele uma força a aproveitar. Esses homens andavam estudando a geologia paraibana. Em vez de ouro, pegaram Pedro Americo.

Os soldados do Imperador vieram para esmagar a cidade rebelada. O Imperador, pouco tempo depois, tomava conta de um menino dessa cidade, para fazer dele o grande pintor do seu imperio.

Os criticos de arte analisam a grande obra de Pedro Americo, ou com uma exaltação de basbaques, ou com sumitricaria de unhas de fome. Que ele foi um grande pintor, não ha quem duvide. E' verdade que lhe faltou o Brasil, em sua obra, como faltaria á musica de Carlos Gomes, embora um pintasse batalhas brasileiras e outro cantasse indios e florestas nativas. Pedro Americo e Carlos Gomes muito se parecem.

A diferença que ha entre Pedro Americo e Portinari é a mesma que existe entre Villa Lobos e Carlos Gomes.

O pintor do Imperio fôra um mestre na sua arte. Pintar ele sabia, como os grandes. A cien-

cia do desenho e do colorido, o poder de ver, ele soube como poucos manobrar.

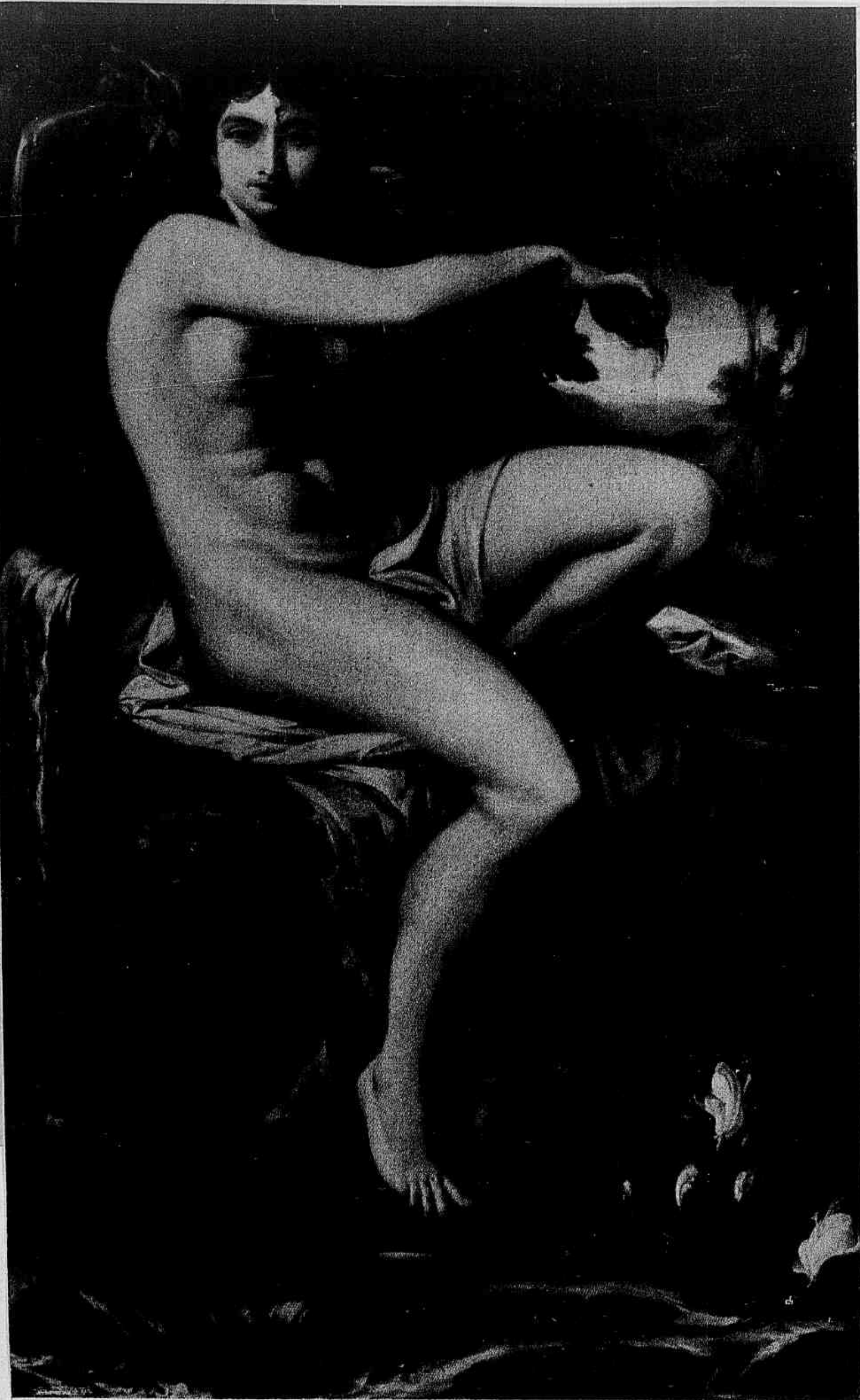
Uma vez Delacroix disse que a natureza era como um dicionario. Aqueles que não têm imaginação copiam o dicionario que é só as palavras. E copiam tanto que se esquecem de pensar e de sentir. A pintura de Pedro Americo, por mais que ele procurasse as alegorias, os temas literarios, sofre do vicio do dicionario de que falava Delacroix. Tenho a impressão que o menino, que arrastaram de Areia, tivesse sofrido uma mutilação em sua personalidade. Pedro Americo seria um pintor cerebral, uma especie de laminador a frio.

A pintura do seu tempo sofria da crise do excesso de realismo. Baudelaire diria — do vicio da banalidade. Só mais tarde, com o brasileiro já homem feito, com trinta anos, é que Manet trazia a côr para a grandeza que a côr merecia. O impressionismo não existiu mais para Pedro Americo.

O Imperio era assim como ele, uma comunidade sem o verdor da imaginação. Tudo o que era possivel fazer para não pintar com a nossa luz, Pedro Americo fez. No entanto, o francês Manet, dez anos mais velho que ele, tiraria da luz que viu na Guanabara grandes motivos para a estetica do impressionismo.

O filho da cidade que pegara em armas contra o Imperio daria ao Imperio o seu pintor mais caracteristico. Isto não diminue nem abafa a grandeza de Pedro Americo. Apenas nos orienta para julgá-lo melhor, com mais exatidão.

Quem pintou aquele retrato do escultor Almeida Reis não precisa da tolerancia de ninguem para ser grande de verdade. E' uma obra prima que vale por todas as batalhas e por todas as deusas e santos que Pedro Americo pintou com mão de mestre.



Carioca — Museu de Belas Artes.

PEDRO

ESTUDANDO A PERSONALIDADE DE PEDRO AMERICO, MONTEIRO LOBATO TEVE HA TEMPOS OCASIÃO DE EXALTAR-LHE A MEMORIA, NA BELISSIMA EVOCAÇÃO DESTA PAGINA COLORIDA, PELO SEU ESTILO PESSOALÍSSIMO, INTERPRETANDO OS TRAÇOS PREDOMINANTES DA ARTE DO GRANDE PINTOR BRASILEIRO, COM UMA AGUDEZA NA VERDADE DIGNA DE RELEVO. NADA MAIS OPORTUNO DO QUE A REPRODUÇÃO DESTES CONCEITOS DO ADMIRÁVEL ESCRITOR PAULISTA O QUE, DATA VENIA, FAZEMOS NESTE NUMERO DE HOMENAGEM DE NOSSA REVISTA.

Chegados, e explicados os fins da visita, o pai de Pedrinho confirmou os encomios do boticario e exibiu documentalmente uma serie de desenhos infantis. Examinou-os Brunet um por um e, ao cabo, indagou a idade do artistazinho.

— Dez anos, por fazer.

— E... ninguém o ajuda? Ninguém corrige estes desenhos?

Sorriu-se o pai.

— Quem ajudaria ao menino? Ninguém aqui entende disto. Eu sou musico, toco violino. Há o Zeca pintor, mas esse só pinta paredes. E' graça natural que Deus lhe deu.

O francês continuava d'olhos postos nos desenhos, examinando ora um, ora outro, de perto e de longe, sob varias luzes. Em seguida perguntou:

— Está em casa o pequeno? Poderei vê-lo?

— Pedrinho! — gritou para dentro o pai.

Imediatamente um rosto moreno de criança assomou à porta. Puderal! Todo o tempo não saíra da fresta, d'ouvido alerta, como percebesse que falavam dele.

Era um menino de poucas carnes, palido, d'olhos escuros, ressumbrando nos traços o tipo medio do nortista. Vexado a principio, desacanhou-se logo ante as carinhosas perguntas do estrangeiro, o qual, após gabos e louvores, o interpelou à queimabucha:

— E' capaz de desenhar à minha vista este chapéu e esta espingarda?

— Desenho, pois não.

E ligeiro como um serelepe, sem vacilar, esboça os modelos com mão lesta e visão segura, enquanto Luiz Brunet, de pé, lhe espia por sobre os ombros o trabalhinho agil dos dedos. Minutos após:

— Basta, acenou o francês, não é preciso mais.

E voltando-se para o pai, com gravidade ponderada:

— Eu tenho necessidade de um desenhista na minha expedição. Autoriza o seu filho a ocupar esse lugar?

Daniel arregalou os olhos, abrindo uma das maiores bocas da sua vida, e gaguejou, emocionado, após uns instantes de atarantação:

— Mas... é uma criança! Nove anos...

— E' uma criança mas desenha assim! — obtemperou o naturalista, antepondo aos olhos do emparvecido pai o último trabalho do filho. — Que importam os anos, se já é um artista?

Dias depois o presidente da provincia contratava Pedro Americo de Figueiredo para desenhista da expedição.

Aos nove anos, pois, idade em que, pelo comum, os meninos descadeiraram a pedradas os gatos da rua, começou Pedro Americo a desfiar as contas de um ininterrupto rosario de triunfos, como não há exemplo de outro no país.

Durante dois anos peregrinou por montes e vales da sua provincia natal e das convizinhas, dando desempenho de "gente grande" à tarefa ardua de desenhista.

Um estagio destes, realizado em anos verdes no coração do país, era de molde a lhe assentar nalma os silhares de uma estetica de funda conso-

nancia com o ambiente.

Não foi assim.

Pedro Americo não era brasileiro, ou melhor — brasilico.

Tinha a alma condoreira daqueles para quem a patria é o mundo. Dessa feição psiquica resultou tornar-se o maior dos pintores brasileiros e o menos brasileiro dos nossos pintores.

Inda não o arguíram de tal.

Fazê-lo a voz desautorizada de um *ninguém*; seria deslavado topete se ao asserto não prestasse pulso forte a propria obra do artista.

Mas não antecipemos.

Findos os trabalhos da missão Brunet veio o menino à Corte para o Colegio D. Pedro Segundo, e logo transpôs os umbrais da Academia de Belas Artes, com onze anos apenas. Aí, sucessivas victorias escolares sobrepuseram louros em sua cabeça: victorias no campo mental, onde asombrou aos mestres a precoce agudeza de seu engenho, e no campo artistico, onde venciu rapido as maiores dificuldades de tecnica. Quinze medalhas prefulgem nesse tirocinio como atestados insuspeitos da afirmativa.

Infelizmente a orientação da Academia era nesse tempo absurda, no sentido de tolher o surto duma arte abeberado nas fontes raciais, para gloria maior de um classicismo caquetico.

Estava em moda o biblicismo.

Não se compreendia a alta pintura fóra do quadro revelho da Biblia. Temas de concurso, teses de exame, inspiração, sugestões, tudo sata da historia dos hebreus.



Cabeça de Cristo — Museu Nacional de Belas Artes.

EM fins de 1852 reinava o alvoroço na pequena Areia, humilina cidadezinha, perdida nos recessos da Paraíba.

O povilêu, com espiadelas pelas esquinas e o — "quem será?" — em todas as bocas, trazia d'olho um grupo de homens de fóra, chefiados por estrangeiro louro que descavalgára no largo da Matriz, com muita bagagem exquisita à cola a não menos exquisitos modos de *reparar* em todas as coisas.

Não tardou corresse voz tratar-se d'um francês, Luiz Brunet, em missão científica pelos sertões de Cristo a fóra.

Pura charada. Falar em missão científica àqueles povos segregados do mundo, ou contar a historia do quadrado da hipotenusa a um tabaréu mazorro, é tudo um.

Não obstante, as pessoas gradas foram visitar os recémvindos, com rigida cerimonia, em obediencia às boas normas da hospitalidade. Ressabiadas a principio, o ar prazenteiro do naturalista pô-las sem tardança nos eixos da familiaridade, e logo nos da vaidade local quando o sabio, com amavel sombra, entrou a gabar a *bela* natureza, a *bela* agua, o *belo* ar, o *belo* clima e todas as mais belezas de consolação dos lugares pobres.

Dessas generalidades meteorologicas escorregou a palestra para o comento de fatos e pessoas locais; e então o boticario, chupado Eusebio Macario, que com misturar os produtos terapeuticos dos tres reinos da natureza olhava como a colega para o sabio que os vinha estudar, disse, cuspiendo o pigarro, para exemplificação das capacidades esteticas dos seus conterraneos:

— Há aqui um menino que só vendo! Pinta um homem a cavalo, ou um carro puxando lenha, com os boizinhos, a canga, os fueiros e o mais que até parece um cromo do Tricofero.

— O Pedrinho do Daniel? — bedelhou o presidente da Camara, para dizer qualquer coisa, pois sabia ele melhor que ninguém não existir em Areia, afora esse Pedrinho, criatura capaz de pintar cara de homem que não lembrasse logo uma castanha de cajú.

— Pois é! — confirmou, ancho, o dos tres reinos.

Interessou-se o francês pelo caso e pediu pormenores, que todos, à uma, grulharam com a lorpipe suficiente para deixar o interpelante na mesma, isto é sem distinguir tratar-se duma criança acasuladora dalgum grande artista futuro ou de um *curioso* precoce, cujos gatafunhos boquiabrem boticarios mas não revelam sinal de verdadeira estesia a olhos mais bem educados.

Como a tarde corresse amena, e já o maçassem aqueles secantes paredros rurais, mostrou o sabio desejos de conhecer pessoalmente o menino, inda naquele dia. Prontificou-se o galeno a conduzi-lo à casa de Daniel Eduardo de Figueiredo, e para lá se foram.

AMERICICO

• POR
MONTEIRO LOBATO

Se era caso de uma nudez feminina, saltavam logo as Suzanas, as Abizags, as Salomês. Reclamava-se um caçador? Surgia Nemrod. Um lavrador? Booz. Um guerreiro? um mendigo? um mau filho? David, Job, Absalão. Um burro de carroça? A besta de Balaão.

Esqueciam os nossos avós que a grande bíblia é a Natureza, e só é capaz de frutos ótimos a arte que olha em derredor de si e toma homens e coisas como os vê e os sente, dando de ombros aos sobrecechos carregados e aos ares de desprezo dos bonzos empoados do passado morto.

Pedro Americo — haja a coragem deste juízo duro — Pedro Americo malbaratou o seu génio nesse interregno, pintando o repintadíssimo *Cristo da Cana*, o mil vezes espatulado *S. Miguel*, o arquibrotado *S. Pedro resuscitando a filha de Tabira*, e tantos outros quadros cujo sopor classico os inibe de falar lingua inteligivel a ouvidos modernos.

O esto racial do seu temperamento, se balbuciou algumas vezes, não resistiu à atrofiante orientação estetica dos corifeus da epoca — e nada deu de si. Reinava Pedro Segundo.

A casa de Bragança redimiu suas taras mentais e morais cumulando no grande monarca virtudes que raro soem concorrer num homem só, e nas republicas ao molde da nossa nem numa groza de paredros supremos.

Pensionado por ele, de seu bolso, seguiu Pedro Americo para o Velho Mundo e lá cursou a Escola de Belas Artes de Paris, de par com a herpetica Sorbona e o Instituto de Fisica de Ganot. Teve por mestres varios pintores de nomeada mundial. Ingres, Flandrin, Vernet, Coignet, classicos todos, quando não românticos de pelo hirsuto; viajou o que pôde e voltou ao Rio em 1864 para disputar e obter com desempeno, debaixo de um côro de louvores, a cadeira de desenho da Academia.

Socrates afastando Alcebiades dos braços do vicio foi a sua tela de concurso.

Pobre Brasil! Já se diluira de todo a imagem dele no coração do artista, que do hebraismo inculcado em primeira mão se alargava ao helenismo caro a todos os espíritos despegados do torrão natal. Não obstante, o vinco hebraico voltou logo à tona e acentuou-se como feição dominante de toda a sua obra.

Nesse periodo letivo há que assinalar o primeiro assomo nacionalista do seu pincel: entre o *Petrus ad Vincula* e outros santos menores lucilou a carnadura dourada da *Carioca*.

Arte nova? Primeiro vagido duma escola nacional?

Infelizmente não. A discutidissima *Carioca* só o é no titulo. Fóra daí, um simples nú, uma ninfa, uma banhista, uma fonte tão carioca como as mil co-irmãs que abarrotam todas as pinacotecas européias. Com alguma boa vontade achareis em seus olhos negros um vislumbre do olhar morno das guanabarrinas.

Rompia a guerra do Paraguai quando Pedro Americo empreendeu segunda viagem à Europa onde pintou *S. Marcos*, *S. Jeronimo*, *Visão de S. Paulo*, e mais varões beatificados. Por essas alturas defendeu teses em Bruxelas, doutorou-se, na Universidade, em ciências naturais, regressando à patria em 70.

A convulsão belica dos cinco anos de campanha crispará de energias novas a feição pacata do país e abriu aos artistas o campo virgem da pintura heroica.

Ganho pela febre ambiente, Pedro Americo pôs de parte a palheta agiologica e tomou, por instigações de Pedro II, a que o havia de immortalizar.

Um parentesis.

A teoria dos tres fatores de Taine, pela qual o artista é um produto conjugado do homem, do meio e do momento, sofre no Imperio a interpolação anomala de um quarto fator. Todos os grandes artistas, poetas, estadistas, sabios e tecnicos daquele venturoso periodo são o produto do homem, do meio, do momento e de Pedro Segundo. A desaparição deste augusto agente explica muito da chinfrineira posterior ao baniamento.

Por influência do monarca, Pedro Americo inicia uma serie de batalhas, entre as quais espelnde a de Avahi, grandiosa tela, tumida de vida, movimentadissima, verdadeira obra prima equiparavel ao que mundialmente melhor se pintou no genero. Por ela se vê com que garbo Pedro Americo enfrentaria a pintura historica, desentranhando do nosso passado o muito que nele se amontoa esquecido e pede a glorificação da tela, se por falsa compreensão artistica não emperrasse em acampar nos areais da Palestina. Desse periodo, sobre todos fecundo, datam a *Batalla do Campo Grande*, *Ataque à ilha do Carvalho*, *Passo da Patria*, e outros.

Um novo excuro pelo velho mundo rompe em 78 a sugestão do imperante, reconduz o artista à Biblia, donde extrai *Judith* e *Jacobed levando Moysés ao Nilo*, e indú-lo a desferir vôo pelos céus da universidade.

Perdo Americo penetra na historia.

Em a nossa? Não. Na da Inglaterra, com *Os filhos de Eduardo IV*; na portuguesa, com *Inês de Castro*, *Catarina de Ataíde* e *D. João IV*; na de França, com *Joana D'Arc*.

A patria mereceu-lhe um só minuto de atenção: — *Moema*, quadro noturno em que sob os reflexos da lua boia na onda um cadaver de mulher, enquanto se alonga mar a fora uma caravela. Mas, como na *Carioca*, a *Moema* de Moema só tem o titulo.

Entrementes se lhe contempla a evolução da mentalidade, plenamente maturada, com um desgarrar para o filosofismo pictural. O muito estudo de ciencias e filosofias, que Pedro Americo levava de par com a pintura, empresta-lhe um fim de carreira de feição germanica.

O culto exagerado da ideia mata o sensualismo. Ao envez de sentir, o pintor, eivado de sobrecarga filosofica, pensa.

Em Pedro Americo as telas desse periodo são alegorias, compendios, sumulas exposições figuradas de ideias, onde a linha e a côr substituem as palavras.

Uma clareira, entretanto, se abre nesse meio: Pedro Americo, a instancias do Governo de S. Paulo, pinta o soberbo quadro que enriquece o

museu do Ipiranga, e aí culmina. Raras vezes a arte da pintura atinge tal vertice. Pelo equilibrio sobrio da composição, pelo rigor do desenho, pelo colorido magistral, pelo sopro epico que insufla a cena mais significativa da nossa historia, o artista guinda-se a uma altitude onde permaneceria só — se Almeida Junior não levasse para lá a *Partida da Monção*. Uma tela dessas é mais que suficiente para coroar de louros imarcessiveis a cabeça de um pintor.

Em seguida ao clarão do *Sete de Setembro*, recai na pintura filosofica, com que fecha a carreira gloriosa. *A noite acompanhada dos genios do Amor e do Estudo*, *Voltaire abençoando o neto de Franklin em nome de Deus e da Liberdade, Honra e Patria*, e *Paz e Concordia* assinalam o ultimo degrau da escada altissima que marinhou, à força de trabalho e génio, o pequeno desenhista da expedição Brunet.

Sintetizando: Pedro Americo foi um romantico, grande entre os grandes.

Na pintura heroica não pede meças a nenhum mestre.

Capaz de rasgar sendas novas, conducentes à criação duma arte genuinamente brasileira, desdenhou essa vereda aspera e fez-se europeu.

Não obstante, o consenso unanime da critica tem-no como o nosso pintor maximo. Foi-o inegavelmente — até Almeida Junior. Daí para deante já as opiniões divergem.

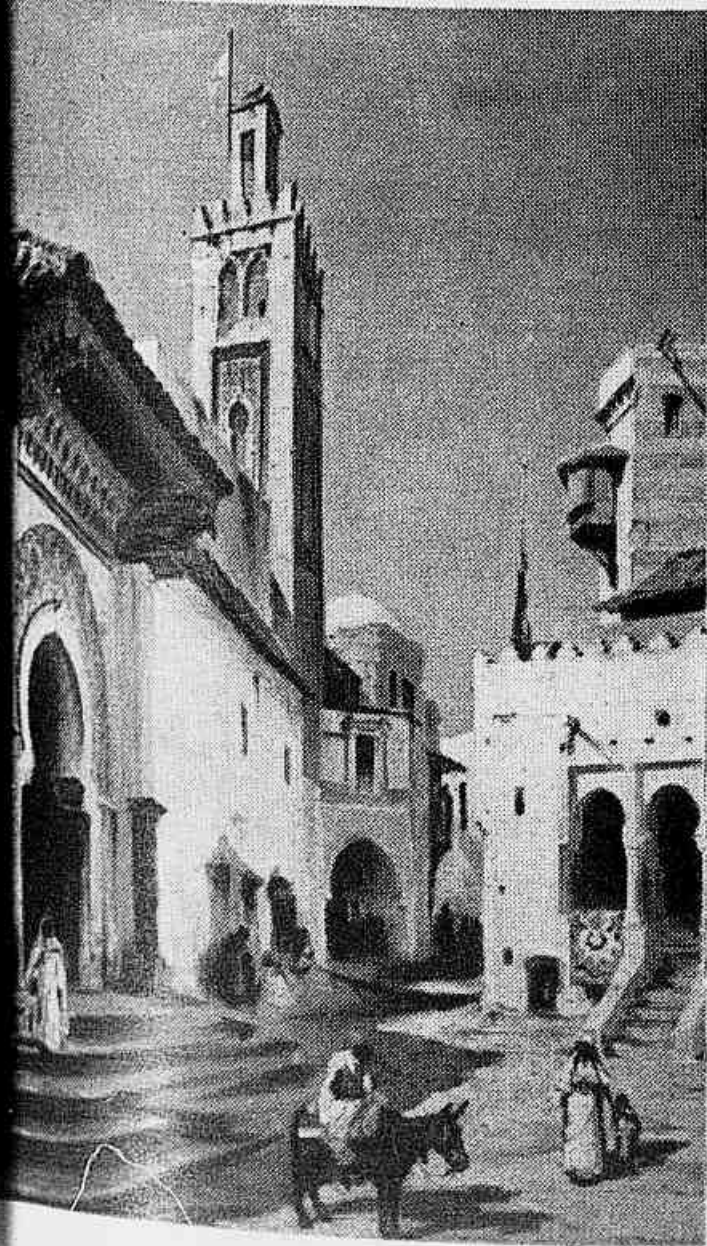
Um quadro singelo do pintor paulista, uma brasileira humilde que chora — *Saudades*, abalisa o momento em que, pela criação duma arte profundamente racial, brotada da terra como inofreavel planta indigena, cintila uma luz nova.

Se não empalidece a estrela de Pedro Americo, perde a unicidade.

São duas, d'ora avante, a brilhar nas mesmas alturas, cada uma com brilho proprio, rutilantissimas ambas.



Visão de Joana d'Arc — Museu Nacional de Belas Artes.



Uma rua de Tanger — Museu Nacional de Belas Artes

GONZAGA DUQUE FOI INEGAVELMENTE O NOSSO MAIOR CRÍTICO DE ARTE DE TODOS OS TEMPOS. POR OCASIÃO DA MORTE DE PEDRO AMÉRICO, O ADMIRÁVEL ESCRITOR DE "GRAVES E FRÍVOLOS" E DA "ARTE BRASILEIRA" LHE DEDICOU A PRESENTE CRÔNICA, EM QUE A OBRA DO IMORTAL FILHO DA PARAIBA É ANALISADA COM UMA SERENIDADE E UMA SEGURANÇA DE GRANDE MESTRE DA ARTE E DE GRANDE ARTISTA DA PROSA.

NÃO é um estudo da individualidade do grande artista falecido o que o leitor tem diante dos olhos. Já o humilde autor destas linhas pretendeu fazê-lo num livro, cuja edição está esgotada — *Arte Brasileira*, 1888. O espaço que hoje cabe ao desmerecido escritor lhe não consente delongas, com as quais só perderia a paciência dos complacentes atendedores deste artigo, nem convém que, abusando da gentileza duma elegante revista de arte, o plumitivo se embarafuste por colunas e colunas de prosa compacta, d'ares eruditos e não menos pedantescos, usando do aterrorizante sistema do *continúo*, à guisa de rosário de penitência.

O que se pretende nestas linhas caturras é uma homenagem, dentro dos moldes da sua possibilidade e, talvez, no desajeitamento da sua presumida originalidade, posto que se lhe não deva levar a mal o meneio presunçoso que é consequente de louvável interesse de se transviar do corriqueiro costumário.

E bem merece esta homenagem o morto ilustre porque, nesse largo espaço de mais de trinta anos, o seu talento irradiou gloriosamente na profissão que adotara e nas cultas cidades da Europa culta, afirmando, por isso, a importância da mentalidade brasileira na conquista de conceitos e de prêmios.

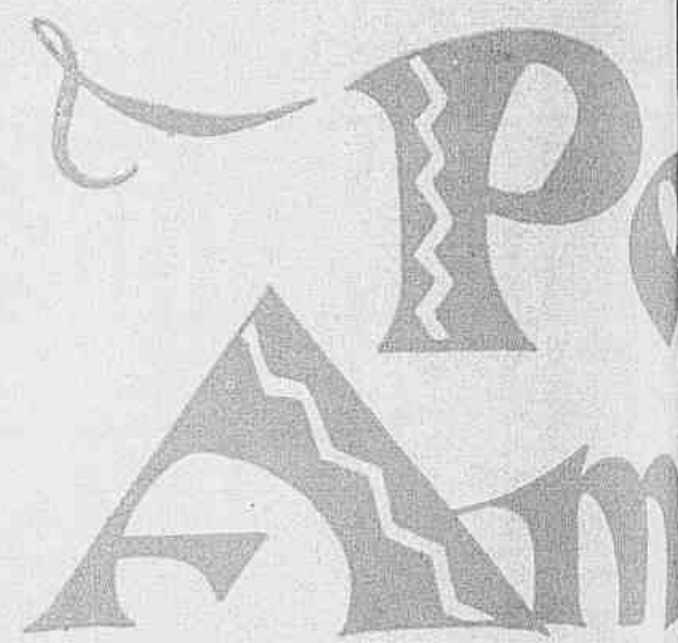
A sua notável e trabalhosa existência, uma das mais resplandescentes nas letras e nas artes, depois da de Manoel de Araújo Porto Alegre, representa, de maneira clara para o investigador d'alma alheia e analista das fases do personalismo, uma individualidade integral de homem e de artista.



Batalha de Arica

E essa ambição de glórias, em que o seu talento se expandiu ardentemente, reflete o seu temperamento vinculado à consaguinidade tapúia e ao atavismo arctico. Se o pai foi músico como seu avô também o fôra, a ardência meridional fazia-lhe borbulhar o sangue dando-lhe impulsos, levando-o a ímpetos cuja válvula era a inteligência.

Na época em que as crianças mais se apegam às meiguices caseiras, ele se desprendia dos afagos paternos para seguir uma comissão científica como seu desenhista. E' um arrebatamento, provavel-



A mulher de Porto Alegre



Judite e Holofernes
— Museu Nacional
de Belas Artes.





de Belas Artes.

POR
GONZAGA
DUSQUE

mente um impulso atavico de nomade, mas é tambem um golpe de audacia em que transparece a sua aptidão para a vida; já o fato de, tamanino, ter a habilitade imitadora desenvolvida e capaz de se desobrigar duma incumbencia como essa, prova a precocidade da sua cerebração. Pouco depois essa prematuridade acentuava-se nos bancos do imperial collegio D. Pedro II, para onde veio estudar. Ali e na então imperial Academia de Belas Artes a sua passagem foi brilhante. Em 1850 o imperador D. Pedro de Alcantara mandou-o completar seus estudos de pin-

tura na Europa, aproveitando o entusiasmo que o animava. Pedro Americo saía do Rio de Janeiro, onde a influencia de Porto Alegre nas artes parecia galvanizar uma profissão que definhava à mingua de todos os recursos; o seu prestigio de intelectual iluminava a carreira das belas artes e, mais do que isso, a sua imaginação, a sua eloquencia, o seu variado saber, difundiam-se pela mocidade do tempo, enobrecendo-a nas suas aspirações.

Americo animado, pelo ilustre patricio que dirigia a Academia de Belas Artes, inflamara-se, o seu temperamento tinha encontrado nessa convivencia o meio propicio à sua expansão. Quando chegou a Paris a cenografia apoteosica do segundo imperio estava no seu deslumbramento. O romantismo dominava. Saira dum ribeiro para desembocar num oceano. Outro, menos afuto que ele, teria se aturdido. Americo recobrou alento. Da iniciação de um pequeno romantico passou à influencia de outros romanticos mas, esses, grandes e celebres. Seus mestres foram Leon Coignet, Hyppolite Flandrin, o afamado Ingres, o endeusado Horacio Vernet. A esse faltavam as honras principescas que lhe deve a corte de Luiz Felipe, contudo era uma tradição viva, respeitava-se-o, ainda mais, venerava-se-o. E' facil de prever o resultado. A indole imaginosa de Americo exaltou-se. Não lhe faltou a conquista dos segredos da sua arte, desejou mais, procurou as honras de um pergaminho, bacharelou-se na Sorbona e, depois, doutorou-se na Belgica. Veiu-lhe a crise da grandeza, que se reproduziu por diversas vezes na sua vida, levantando-o d'escantilhão por serenidades de oficina e por desasossegos de viagens; ora agrilhoando-o n'agonia do trabalho literario, com que sonhava sucessos estrondosos, ora empurrando-o para exhibições publicas da oratoria. Foi assim que percorreu a Inglaterra, Escocia, Alemanha, Holanda, Dinamarca, Sicilia, Grecia, Turquia e Marrocos. Foi assim que se fez graduar numa Universidade e trocou o ensino do desenho por uma cadeira de historia das artes e da estetica. Foi assim que viajou numa prôa de paquete e jornadeou pela Argelia como desenhista de uma comissão científica. Foi assim que se ocupou de numismatica no Museu Nacional, e se fez politico com assento na Constituinte da República. A grandeza ofuscava-o. Tivera dois mestres que foram cumulados de honrarias: Porto



A Visão de Hamleto
— Coleção Cardoso
de Oliveira.





David e Abizag — Muséu Nacional de Belas Artes.



Jacobed e Moisés — Muséu Nacional de Belas Artes.

Alegre, pintor, arquiteto, orador oficial de um Instituto de sabios, arqueologo, consul, titular do imperio; e Horacio Vernet, a quem os Orléans consentiram a farda de general e vivia na intimidade dos principes, cercado de admiração e farto de regalias. Americo quis tambem a gloria em vida, e algumas vezes sentiu-a de perto. O peito de sua casaca resplandecia de condecorações nacionais e estrangeiras, teve o seu retrato nos *Uffizi* entre as celebridades da pintura. Florença recebeu-o magnificamente, preparando-lhe um *atelier* na biblioteca municipal para que ele ali pintasse a Batalha de Avaí, e não satisfeito o artista fez-se escritor, compôs obras literarias e de filosofia, leu sobre o seu merito centenas de publicações em diversas linguas, viu seus quadros adquiridos por monarcas e privou com aristocratas, foi endeusado, combatido, amado e repellido. Sem permanecer longamente na sua patria teve da sua patria ovações; a mocidade da Academia de Belas Artes prestou-lhe publicas solenidades de apreço, e o teria imitado servilmente nos seus processos artisticos se ele a tivesse guiado com ass duidade: os jornais patricios] jamais lhe disputaram elogios desmedidos, a alta sociedade o acolhia, o Erario Publico nunca regateou o valor das obras que os governos [lhe encomendaram... Sentiu a gloria muito de perto.



O Rabequista árabe — Muséu Nacional de Belas Artes.

Não obstante isso, a sua ambição desejava mais, fantasiava muito mais! Era um insaciável pelo excesso imaginativo.

Se se limitasse à profissão escolhida teria enaltecido a sua glória, porque seria extraordinário. Mas os desregramentos da imaginação, a ousadia, a tendência nomada, conduziam-no por altos e baixos, precipitando-lhe os passos onde devia seguir sereno, e daí as suas incorreções, os seus defeitos, as suas sublimidades e os seus rastejos até à cópia e, mais do que copia, até à reprodução, sem dúvida impercebida, de obras que vira.

E que artista incomparável não estava naquele organismo! A *Carioca*, a sua mais notável das primeiras composições, recorda o Ticiano e o Veronez. A mão que a executa é privilegiada. Ele a fez na Itália sob a impressão da Renascença. Tinha vinte e um anos. Ter vinte e um anos para a arte vale mais do que os ter para o amor. A *Carioca* bem no prova. É uma revelação, em que se encontra a alma apaixonada dum moço, em cujas linhas se percebe o calor dum sangue que referve, e nela tudo é grandioso na beleza, tudo equilibra no ardimento, na audácia, no inesperado.

O artista, vibrado pela suntuosidade dos aureos tempos de renascimento, pretendeu fazê-la nas proporções das obras imortais mas, sem querer, deu-lhe a sua alma brasileira. Foi empresa arrojada; a audácia, porém coroou o seu cometimento porque, oferecida ao seu protetor, o sr. D. Pedro II, encontrou na Europa quem a adquirisse, e esse *alguem* chamava-se Guilherme, rei da Prússia. A sua *boa estrela* (porque ele a teve) vingou-o do estulto moralista. Isto foi o quanto se tornou necessário à sua glória. Mas, essa, não era um simples acaso da Fortuna. Americo revelava-se um artista preparado para as maravilhas da palheta, firmava o seu nome como raramente se tem visto, e poderia, por seu talento cultivado, honrar a sua patria nos mais exigentes meios espirituais.

E não mais desluziu da fama conquistada, durante longo tempo de constantes trabalhos. A beleza da forma que a *Carioca* possui, a flexibilidade de suas curvas, a segurança de seus contornos, a exuberância de suas massas musculares, ficaram como características de um estilo, a que o colorido veio completar com uma turbulenta riqueza de tons crus. Essa riqueza porém, sem desmerecer na sua intensidade, perdeu um pouco da ousadia e ostentação. Quando, anos depois, Americo interpretou o *Combate de Campo Grande*, a que chamamos comentadamente, em 1888, de *episódio* (o que já foi repetido) a crueza dos tons menos irritou. Não se lhe modificara, no entanto, o vigor do desenho, que nesse quadro, por condições do assunto, atingia a maior ardidez. E na *Batalha de Avaí* a força do traço, a sinuosidade das linhas, a expressão dos contornos, assumiram proporções que se poderiam dizer desvairadas, se no excesso não estivesse a grandeza empolgante do assunto.

Neste processo de exprimir, no qual reside a eloquência pinturesca de Americo, houve falhas resultantes da preocupação de dar ao desenho toda a intenção do pensamento. É o mesmo, invertidos os papeis, o que se dá com os simbolistas que, a poder de esculpir as palavras, as envolvem numa obscuridade. As falhas, que apontamos, mais se acentuaram na lenta decadência do grande artista. Em *David e Abizag*, temos-las frisantes no deslocamento dos olhos de Abizag, que intuitivamente, se compreende ser um movimento das alvas. Na *Noite*, temos-las no busto e nos pés da figura; no *Voltaire*, temos-las na articulação do tronco com as pernas... falhas que, se não fosse o visível esmorecimento das forças do artista, estariam vantajosamente compensadas pelos arrojos do movimento, por aquela febre de fazer viver que só ele teve genialmente na nossa pintura.

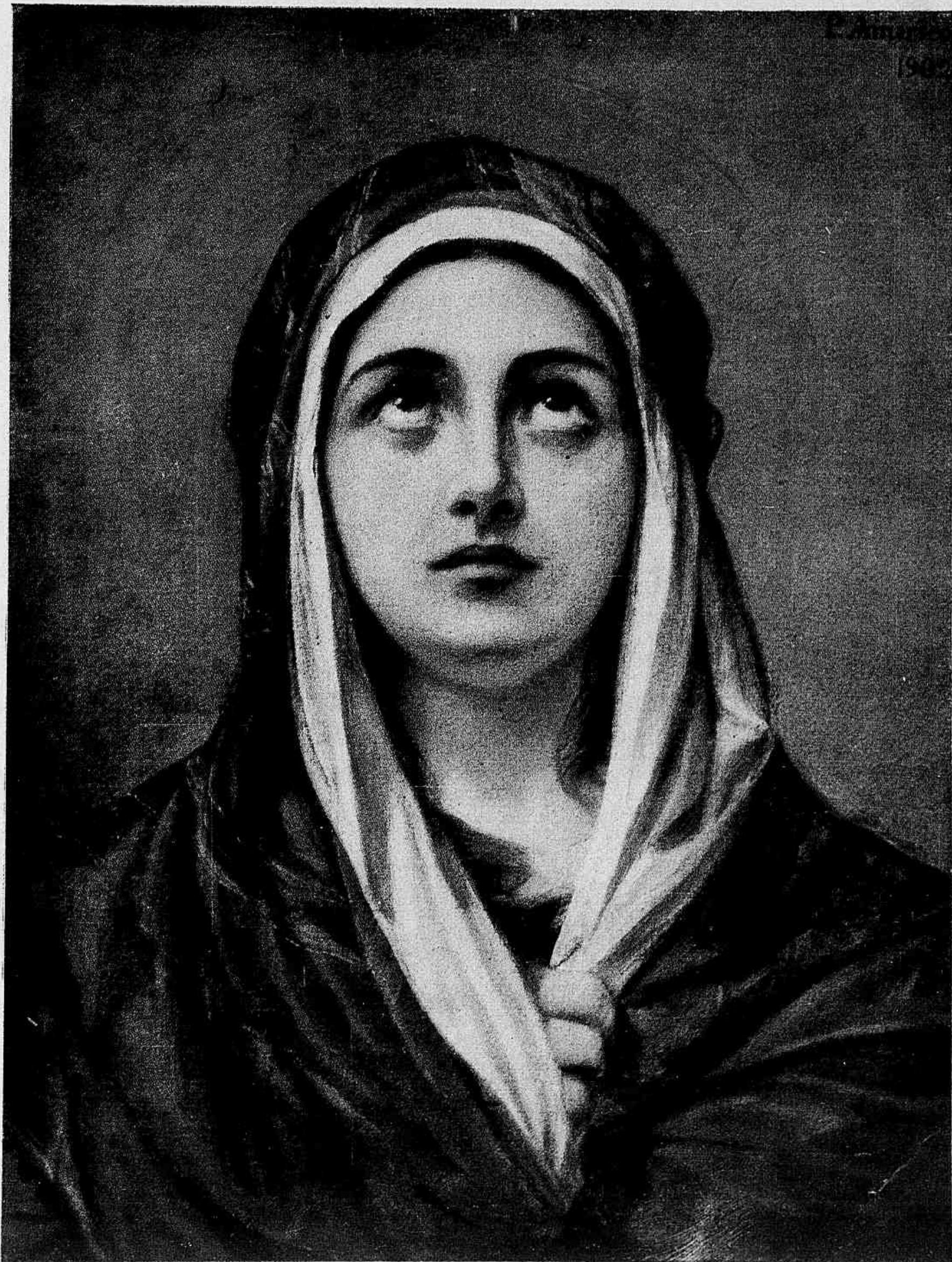
Quanto à cor, esta ele a manteve nas melhoras obtidas pela prática da palheta e nos processos em uso no seu tempo. E, se não entra precisão no chamá-lo um modelador, nin-

guem lhe negará o merito de um colorista. Quando mesmo se lhe quisesse contestar esta qualidade, bastaria o quadro de *Avaí* para confirmá-la, porque ali encontramos as mais extraordinárias gamas, que podem ser arrancadas à matéria corante empregada na pintura a óleo, a variedade das tintas, a difusão das nuances e a multiplicidade dos tons, que são duma opulência admirável.

Mas, no que Pedro Americo mais sofreu da parcialidade dos seus criticos foi, decididamente, o que ele possuiu de mais notável — a composição. Desejando-se-lhe diminuir o valor pela recordação de agrupamentos, até de figuras, esqueceram-se da beleza de suas linhas de arabesco, do desenvolvimento logico dos seus conjuntos. Cederemos no que respeita à acusação de figuras e grupos *recordados*, posto que tenhamos motivos para o não reprimir; mas esquecer o que há de inventivo nos seus grandes quadros, só por lhe surpreender imitações ou reproduções, é exigir demais, no que não é possível pedir muito.

Infelizmente, o grande artista perdeu a sua época, conservando inalteráveis todos os principios que adquirira. Envelheceu com a sua escola, e essa velhice arreudou-o um pouco do plano iluminado em que estivera. A decadência prenunciou-se com o *Voltaire abençoando o neto de Benjamin Franklin*, e chegou ao seu prelúdio definitivo com a tela *Paz e Concordia*. Foi esta um esforço em que ele pretendeu recuperar a primazia de que gozava. Era tarde. A concepção iludiu-o mais do que a mão tremula do anoso. E pensando produzir uma obra prima apenas conseguiu esboçar o esbatimento dum desvairado sonho que se extinguia.

Morto o grande artista, é chegado o momento de se dizer a verdade sobre o seu merito sem o amargurar. Ah!... a critica foi o seu pesadelo... Ela o irritava... E de toda a volumosa publicação, que o seu talento fez sair dos prelos, do muitíssimo bem e muitíssimo mal que dele se disse, é preciso apurar o quanto servirá para o Futuro, porque os grandes mortos têm por lapida o pensamento escrito dos seus contemporaneos.



Mater Dolorosa — Coleção Cardoso de Oliveira



DECORAÇÕES MODERNAS

CLARO-ESCURO Aposentos profundos, que são inevitáveis em tantas construções modernas, onde a luz entra com parcimônia; ou largos, com grandes janelas, que a claridade tropical invade impiedosamente, constituem os dois extremos do problema que, ou faz naufragar a tantos "curiosos" em ornamentações ou são a pedra de toque da perícia e da técnica dos bons decoradores.

Para decidir quanto é preciso "clarear" ou "escurecer" e qual a medida certa dos atributos de uma decoração ou dos móveis a empregar — atendendo ao

mesmo tempo, às "preferências" do cliente, sempre respeitáveis e valiosas — um bom decorador não terá dificuldades...principalmente quando o orçamento é amplo, porque ele tem, como arquiteto que é, a faculdade de prever e antecipar, nos menores detalhes, os "resultados" dos trabalhos que planeja e executa.

Observe-se como estes "princípios" foram observados no exemplo de hoje, em que se nota o predomínio da linha moderna na combinação harmoniosa que resulta do contraste violento das madeiras "palissandre" e freixo e do tom escuro do "velveton" com que foram revestidos os estofos.

MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA 67

NÃO VERBOS ANEXO NEM FILIAIS

NOTICIÁRIO ELEGANTE



Na Igreja de São Cristóvão, realizou-se, no dia 19 de Março p. p. às 18 horas, o enlace matrimonial da senhorita Lília de Lima Ferreira, filha do sr. Deocleciano Chrysostomo de Lima e de sua esposa d. Izabel Ferreira de Lima, com o sr. Lourival Hipólito, do comércio carioca. A foto acima representa um flagrante dos noivos, cercados por suas damas de honor após a cerimônia religiosa.



Senhorita Maria de Lourdes Mesquita, no dia de seu casamento com o sr. Sylvio Pinto Monteiro Sobrinho. Na foto, vêem-se, além da noiva no seu traje nupcial, as meninas: Angela Maria de Carvalho e Maria Mesquita.

ANIVERSARIOS

Dia 24 — Jornalista Nenê Macaggi; ministro Carlos Maximiliano.

Dia 25 — Senhora: D. Berta Otero de Oliveira, esposa do industrial Dr. Carloman da Silva Oliveira. Srta. Maria Eulina de Brito.

Senhores: Dr. Eronides de Carvalho, ex-interventor federal em Sergipe. Cel. Mário Hermes da Fonseca; Cmte. Melciades Alves; Dr. Artur Henock dos Reis.

Dia 26 — Senhorinha Maria Madalena Pentes, filha do Dr. José Lopes Pontes.

Senhora: D. Maria de Lourdes Fortuna Gonçalves Barata, esposa do Dr. Rubem Gonçalves Barata.

Senhores: Dr. João Guimarães, ex-deputado federal; Cmte. Antonio Pedro de Cerqueira e Sousa.

Dia 27 — Senhorinha Celeste Bacelar.

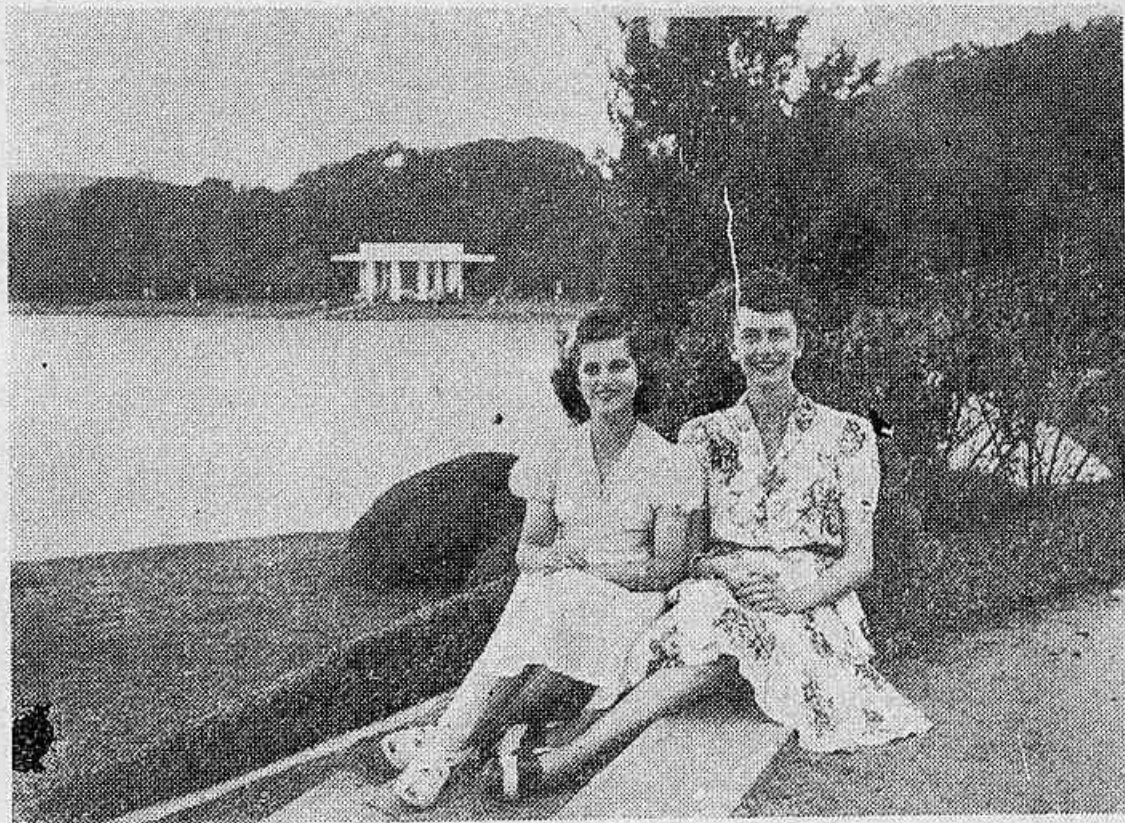
Senhora: D. Maria Jacobina Rabelo, esposa do Sr. Cesar Rabelo. Senhores: Gal. Heitor Augusto Borges; Gal. Tertuliano Potiguar; Cmte. Oto de Faria; Dr. Carlos Viana Guilhem; Jornalista Augusto Porto.

Dia 28 — Senhoras: D. Carmem de Castro Barbosa de Araújo, esposa do Dr. Cesar de Araújo. Senhores: Cmte. Aureliano José Jorge Filho; Dr. José de Albuquerque; Cel. Fausto Garrido de Menezes.

Dia 29 — Senhorinha: Eliete Cunha, filha do Tte.-Cel. Maciel Monteiro Pereira da Cunha. Senhora: Viúva Gal. Colatino de Góis.

Senhores: Contra-Almirante Raimundo Viana Bandeira; Henrique Monteiro Amaral; Dr. João de Castro.

Dia 30 — Senhoras: Almerinda Campanela, esposa do sr. Miguel Campanela; D. Almeida Passos, esposa do sr. Oscar Passos; Ministro Eduardo de Albuquerque; Dr. Aloisio Vital Barreto; Pío Benedito Ottoni; Cmte. Frois da Fonseca.



As senhoritas Maria Aparecida e Emilia Ceribeli Guimarães, da sociedade carioca, num flagrante apanhado no Parque de S. Lourenço.



DEPOIS DE LONGO PERIODO DE AFASTAMENTO VOLTAM A ESCREVER PARA O THEATRO DOIS VITÓRIOSOS COMEDIOGRAFOS — Seu Mario Domingues, com "Copacabana" levaremos os outros teatros á glória e a conquistaremos para o Serrador, tal a multidão que vai aplaudi-la". Esta frase foi dita por Mário Magalhães, sempre alegre e "blagueur", batendo no ombro do seu parceiro, logo após terem terminado a sua encantadora comédia que a graça estonteante de Eva Todor e seus inteligentes artistas fazem realçar no Teatro Serrador.

CASAMENTO

Em Campos, casaram-se ha dias o sr. Américo Nogueira Diniz e a srta. Lêda Póvoa Gonçalves, tendo o acontecimento a maior repercussão na sociedade local, de que os nubentes são membros destacados. Serviram de padrinhos no civil e no religioso, respectivamente, por parte do noivo, o sr. Inácio Jorge Nogueira e a sta. Herminia Nogueira, dr. Alfredo Neiva e sta. Maria da Glória Nogueira Diniz. Por parte da noiva, sr. Hélio Herval Moll e sra. e o dr. Gumercindo Xavier Gonçalves e senhora.

MARYLA JONES NAS "ONDAS MUSICAIS"

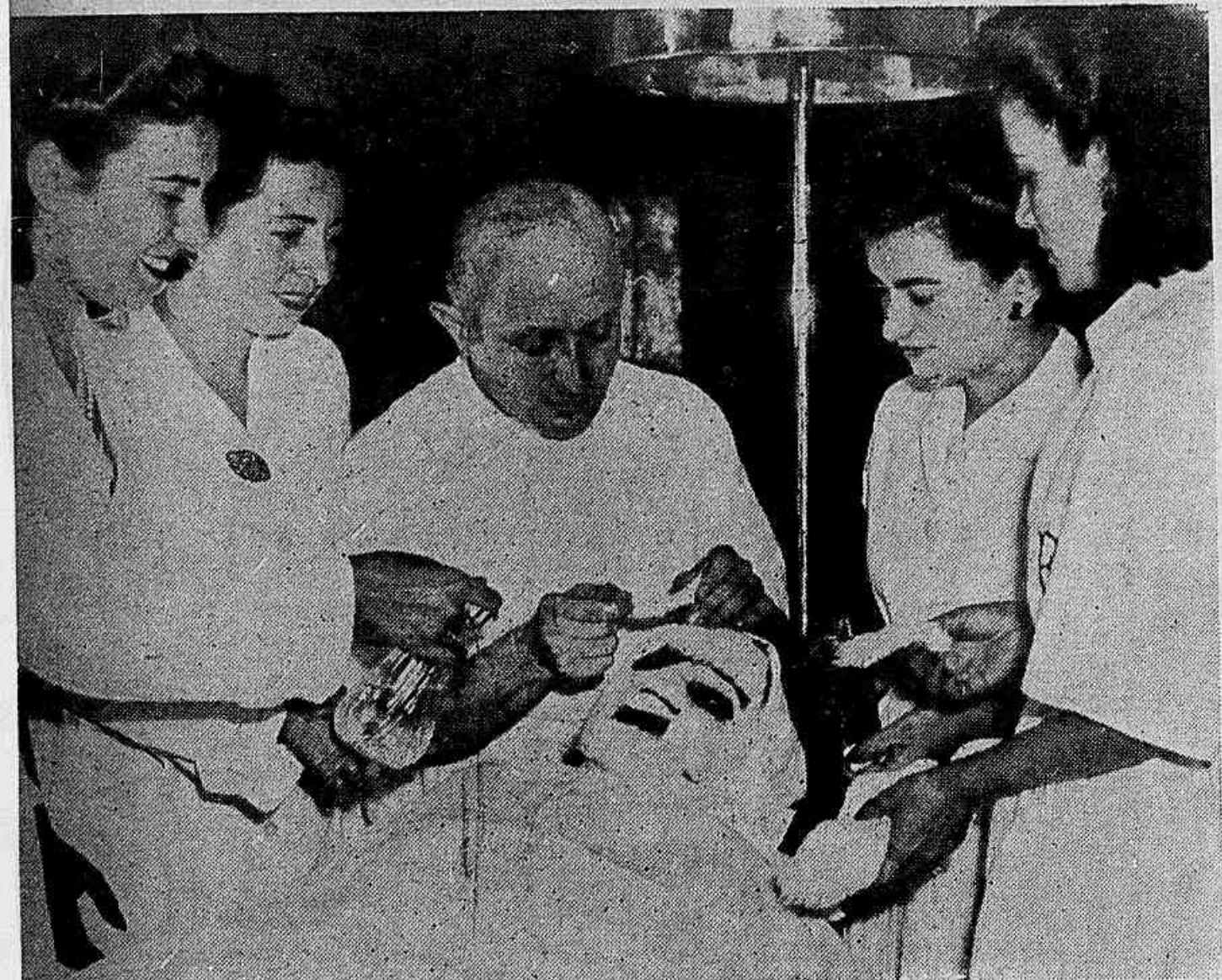


As Ondas Musicais, magníficos programas radiofônicos apresentados pela Cia de Carris, Luz e Fôrça do Rio de Janeiro Ltda., estão oferecendo durante este mês, aos seus inúmeros ouvintes, belissimos recitais de piano, a cargo da consagrada virtuose Maryla Jones, artista polonesa detentora de grande renome perante as mais cultas e exigentes platéias da Europa e America do Sul, e que está participando da atual temporada oficial de concêrto do nosso Teatro Municipal. Os referidos recitais, como era de esperar, estão sendo coroados do maior êxito, o que comprova mais uma vez a nobre intenção da Cia. supracitada, em propugnar pela cultura musical do nosso povo.

FLOR DE ESTUFA

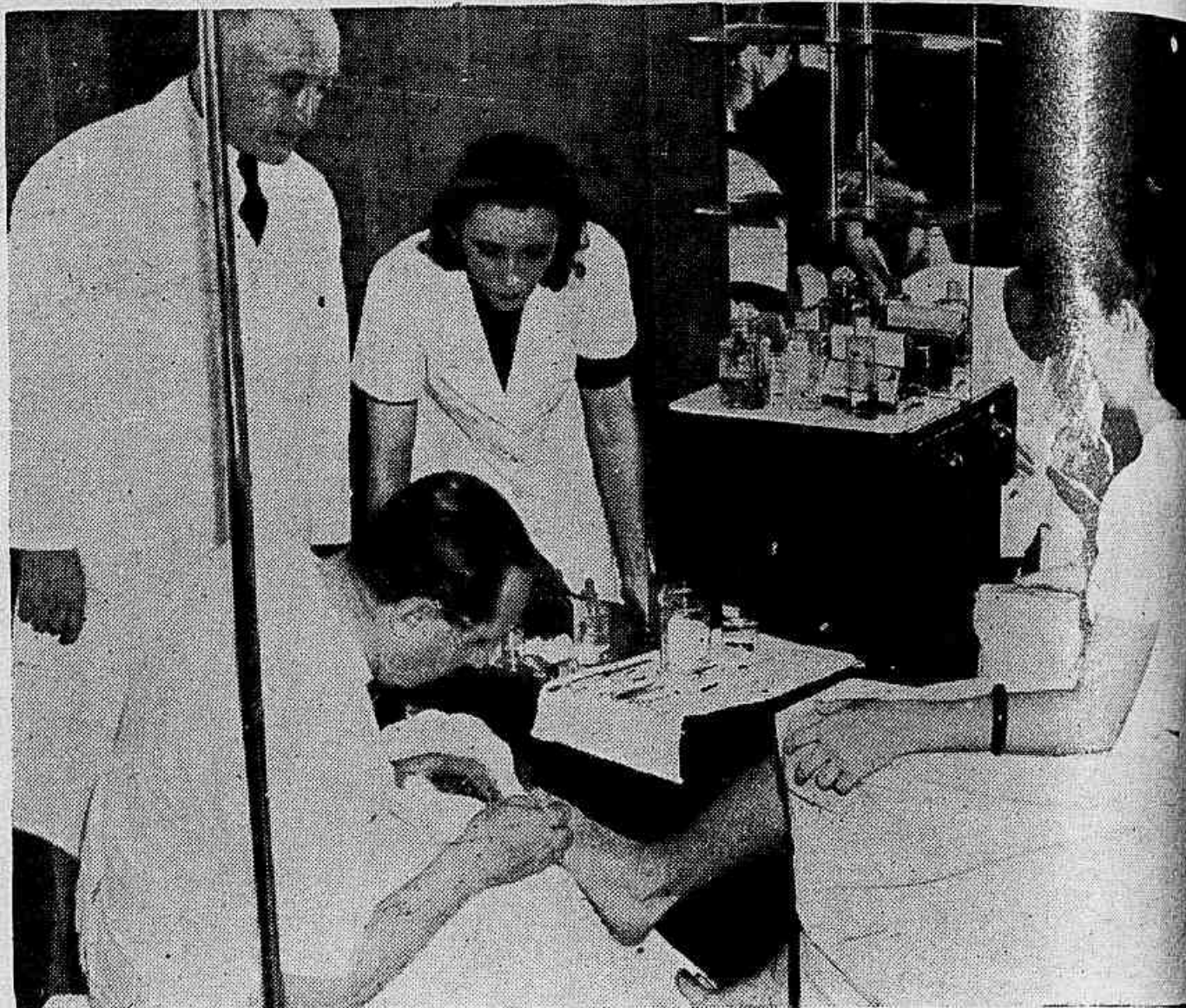
A beleza da mulher moderna participa da ciência e da arte
... Aprendendo os segredos técnicos do "it"

Reportagem de SARAH MARQUES
ESPECIAL PARA A REVISTA DA SEMANA



Noutra posição, seria um desses bonecos de neve erguidos nas estradas brancas de inverno.

Cherchez la femme! Adão, oculto nos bosques adolescentes do Paraíso, digerindo a maçã e o remorso, criou a frase gaguejada a medo. O francês, galante, traduziu-a numa homenagem ao poder feminino. E o rabo de saia escondido em todos os grandes acontecimentos virou a chicote "queimado" das brincadeiras de infância, procurado pela bisbilhotice do povo, denunciado pela indiscreção dos crônistas e historiadores. Entretanto, há uma injustiça em tudo isso. Não é só a mulher que se deve procurar em casos semelhantes. Mais culpados que ela, pelas tempestades de paixão que os seus pés levantam na areia movediça do coração dos homens, são os criadores de beleza — essa beleza criada, talvez superior à outra por ser uma arte e uma ciência. Flôr de estufa mais bela e mais rara do que as trepadeiras silvestres enroscadas nas sébes. Cleopatra, sem a arte sutil de Iras — a pequena fenícia que conhecia os mistérios invioláveis do perfume — talvez não tivesse



Ela caminhará como as deusas, pisando de leve a terra dos homens. E o pé miúdo levantará tempestades de amor.

vencido o rancor recalcado de Marco Antonio numa luminosa manhã do Oriente. Talvez não fossem tão longe as galeras e as legiões romanas se as patricias e as bailarinas não tivessem aprendido com as escravas asiáticas a pintar o cabelo, os olhos e as unhas. Nem seria tão forte a influencia americana na vida moderna, se Hedy Lamarr, Lana Turner, Joan Crawford não tivessem milhares de imitadoras de penteados, sobranceiras, atitudes, *toilettes*...



A importância dos criadores de beleza se revela, integralmente, naqueles salões cheios de espelhos, no velho sobrado da rua Mayrink Veiga. Dezenas de moças rodeiam o professor — professor de todas as artes relacionadas com a beleza feminina. A chegada da reporter interrompe uma preleção. Depois, a meu pedido, ele prossegue:

— "Não é tão fácil como parece fazer uma limpeza de pele, um *make up* conveniente. Não é, apenas, passar no rosto do cliente uma série de soluções de álcool ou éter ou óleos perfumados, e depois cremes, adstringentes, tintas, pós... O encanto feminino é uma semente delicada que não pode ser lançada ao chão sem um estudo completo e minucioso do terreno. A qualidade, estrutura e resistência da pele devem ser conhecidas e observadas antes de qualquer intervenção da cosmética, do vapor, das massagens."

Entretanto, não teria eficiência essa primeira escola técnica de beleza se as aulas se limitassem a preleções. Cada aluna é, também um modelo vivo. Ilustrando a dissertação, o professor escolheu ao acaso uma garota; fez-a sentar-se na cadeira rodeada de espelhos. Seus dedos experientes tatearam a pele; passou a lente, vagarosamente, observando cada centímetro do rosto. Um engenheiro examinando o funcionamento de um motor não seria mais minucioso.

— "Pele seca" — concluiu. E, com a autoridade dos seus 18 anos de clínica especializada receitou: — "Banho de óleo!"

Lá foi a pequena estendida numa espécie de mesa de cirurgia. Pouco depois, o rosto coberto de compressas de algodão, parecia um monstro branco, nascido nos gelos eternos quando as formas da vida emergiam do caos. Retirada a máscara, apagados os traços do óleo, a pele brilhava, nova e limpa, como a de uma criança sadia.

Agora, o professor se dirige à jornalista:

— "A pele é um boletim médico e um relatório psicológico. Olhando-a, agora, eu posso dizer como funciona o seu fígado; se dorme bem ou mal; vejo o estado de todas as suas vísceras."

Aproximou-se mais; seus olhos fixaram-me atentamente:

— "Posso saber se está triste ou alegre; se é melancólica ou entusiasmada; se..."

Os olhos do professor verrumavam segredos. Reccei desabertas indiscretas. Interrompi-o e voltei o rosto como se me atraísse o jogo de cores de um estojo de esmaltes em todos os tons de vermelho.

— "O importante é não mentir. Não prometer à cliente que ela ficará sem sardas e sem rugas antes de saber se essas rugas e essas sardas são uma consequência de distúrbios internos, uma simples lembrança do sol, ou do tempo, ou marcas características de uma fisionomia ou de um organismo. É possível sem operações e sem cortes mudar a forma de um rosto; fazer mais longos ou mais curtos os dedos; arredondar ou alongar o queixo e o nariz. Mas não se pode prometer esses milagres sem saber se a matéria prima está em condições de permitir a sua realização. E... naturalmente, sem conhecer a fundo os segredos da massagem e da cosmética. O descredito dos institutos de beleza vem da levandade das promessas feitas."

Esta escola, a lição primeira é a honestidade profissional. Após três meses de curso, minhas alunas saberão que podem prometer. E saberão cumprir o prometido."

Hedy Lamarr.



As aulas se realizavam nos varios salões da escola. Uma dezena de meninas aprendia a arte difícil de obter a cor do esmalte e o formato das unhas, adaptados aos diversos tipos de mãos. Outras embrenhavam-se no estudo dos penteados. Ouvi uma frase do professor:

"O penteado deve ser a continuação harmoniosa do rosto e da expressão. Por mais belo que seja, parece a superlucra de baile à fantasia se entra em desacordo com a personalidade."

Debruçadas sobre o pé gentil de uma aluna modelo, outras aprendiam a manejar a lima, o alicate e a tesoura para impedir aos clientes o uso dos sapatos durante uma semana.

O interessante dessa escola — a primeira do gênero no Brasil — é ser criação de um sindicato profissional. A classe dos cabeleireiros e barbeiros realiza, naquele sobrado sonoro de risos e conversas femininas, a etapa mais seria do progresso técnico



No rosto moço como numa terra fecunda, a lente procura a semente adormecida da beleza.



Joan Crawford (Metro).



profissional, unico elemento que dá aos proletarios o direito sagrado às reivindicações sociais.

Inutil encarecer a sua importancia. Quando as mulheres teimam em conquistar a beleza é melhor dirigi-las cientificamente, impedindo o charlatanismo de tantos e o empirismo dos conselhos das amigas.

Mesmo porque essas, de proposito, falseiam as receitas e esquecem sempre o nome do creme milagroso. Historia muito velha. Mais velha ainda que as jumentinhas mansas que nas estradas batidas de sol de um Lacio ainda cheio de sombras divinas, precediam a liteira de Pompéa, levando nos úberes fartos a promessa da mocidade imortal. O curso aberto pelo sindicato tem métodos mais simples... Mas a teoria é difícil. Tanto que são médicos de real destaque os seus professores.

E não se acoime de futil a finalidade do curso. Povoa a cidade de rostos amaveis, crear pacientemente a beleza efemera de um rosto mortal é, em ultima análise, moldar em argila fragil a mascara dos marmores eternos.

O buril caminha sobre a estátua viva.



O EMBAIXADOR NOEL CHARLES HOMENAGEADO PELA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

No dia 15 do corrente a Associação Comercial do Rio de Janeiro prestou significativa homenagem ao embaixador inglês sir Noel Charles, em sessão solene realizada no seu salão nobre. O caráter altamente expressivo da manifestação levou à sede da Associação uma assistência numerosa, que testemunhou ao ilustre homenageado o alto apreço em que é tido em todas as esferas sociais. O sr. João Daudt de Oliveira, presidente da entidade, falou inicialmente com alusão ao ato, dando então a palavra ao orador oficial, sr. Rodrigo Otavio Filho, que proferiu longo discurso, ao qual agradeceu, em brilhante oração, sir Noel Charles. As gravuras mostram aspectos da solenidade.



INAUGURADO O PAVILHÃO DE ANATOMIA PATOLÓGICA DA SANTA CASA



Com a presença de diversas autoridades, realizou-se no dia 17 ultimo a inauguração solene do Pavilhão de Anatomia Patológica da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Durante o ato usaram da palavra varios oradores, exaltando mais este grande empreendimento, obra humanitaria que contou com o apoio de diversos filantropos.

A reportagem fotografica da REVISTA DA SEMANA, durante a solenidade, colheu o flagrante acima, no qual aparece o dr. Ari de Almeida, presidente da Santa Casa, quando pronunciava o seu discurso. Cercando o orador, vêem-se, entre outras altas autoridades, o representante do Presidente da República, almirante Aristides Guilhem, ministro da Marinha, o representante do Prefeito do Distrito Federal e o sr. Manoel Ferreira Guimarães, ex-presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro.



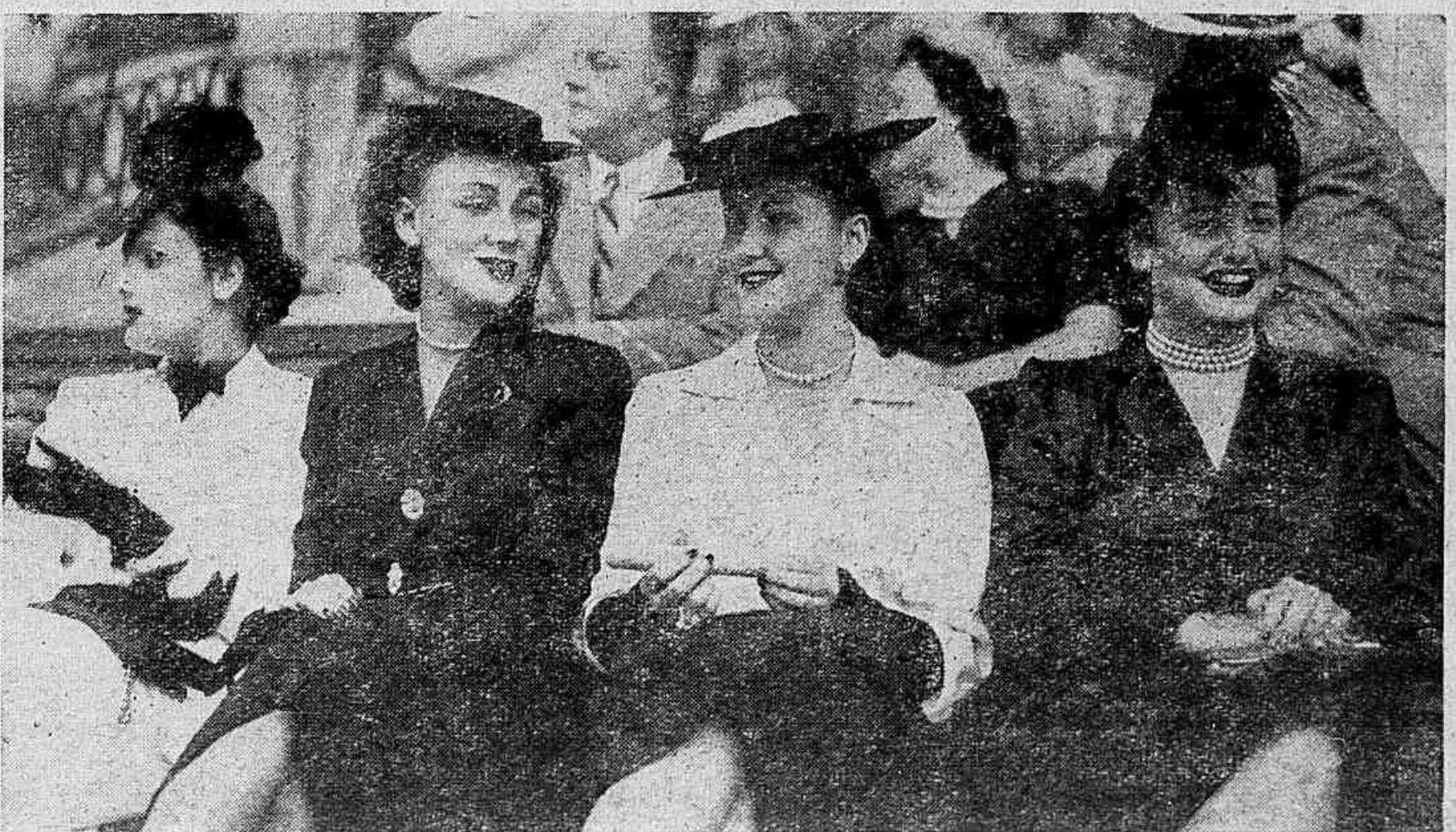
Num ambiente que primou pela distinção e elegância, realizaram-se as corridas de domingo no Hipódromo da Gávea, em prosseguimento à temporada oficial de Turf do Jockey Club Brasileiro.

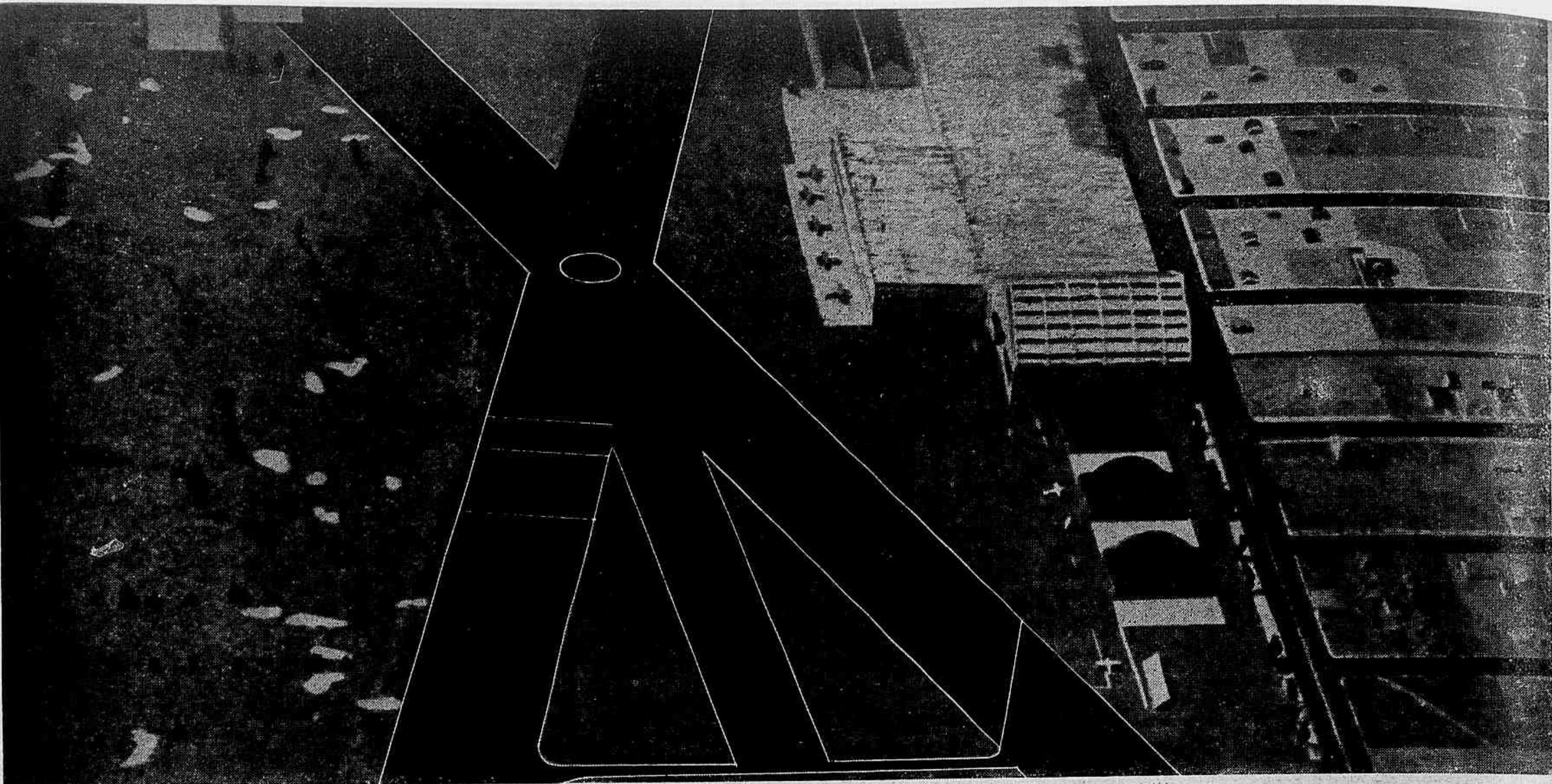
Assistidas pelos mais representativos elementos da sociedade carioca, desenrolaram-se as carreiras, sob os entusiásticos aplausos dos milhares de aficionados do elegante esporte.

Foram colhidas no Prado do Jockey Club, durante a tarde do último domingo, as fotografias que ilustram esta página.



JOCKEY CLUB MUNDANO





A difícil arte da camuflagem

A camuflagem, arte de ocultar e iludir, vem sendo hoje praticada em todas as frentes de batalha, desde as jangadas da Nova Guiné às estepes geladas da Rússia. Baterias de canhões, campos de aviação, "tanks", os próprios soldados são camuflados. E, atrás das linhas, o perito em camuflagem se desdobra em expedientes para mudar a aparência de depósitos de munições e de fábricas de largas áreas urbanas. Nunca até agora esta velha arte da guerra se desenvolveu a tal ponto.

A camuflagem pôde obter-se por qualquer destes métodos:

1 — Escondendo completamente o objetivo, pela construção de uma cobertura ou de tapagens laterais.

2 — Fazendo com que um objeto se torne indistinto das coisas circundantes, pela deformação de seu aspecto e de sua sombra. Este método é particularmente valioso quando o terreno é acidentado, quando há, por exemplo, colinas, vales, bosques, que criam uma cobertura natural.

3 — Fazendo um objeto parecer com outro, por exemplo, dando a um hangar uma aparência de um celeiro; utilizando manequins para enganar o inimigo quanto à posição real das tropas e desviar assim a sua atenção.

Seja qual for o método utilizado, é necessário que a camuflagem seja perfeita, em condições de iludir e despistar não somente os olhos do observador terrestre ou aéreo, mas a própria agudeza rigorosa da máquina fo-

tográfica dos aviões. Desde que a reprodução fotográfica é a branco e preto, embora a cor verdadeira seja importante, muitas vezes vale menos do que o valor fotográfico da cor — a cor de ardósia, por exemplo substitua perfeitamente o verde mediano da relva. Pôde acontecer também que a pintura reproduzindo a cor natural, quando vista de perto de mil metros, reflita a luz de tal modo que destrua a ilusão.

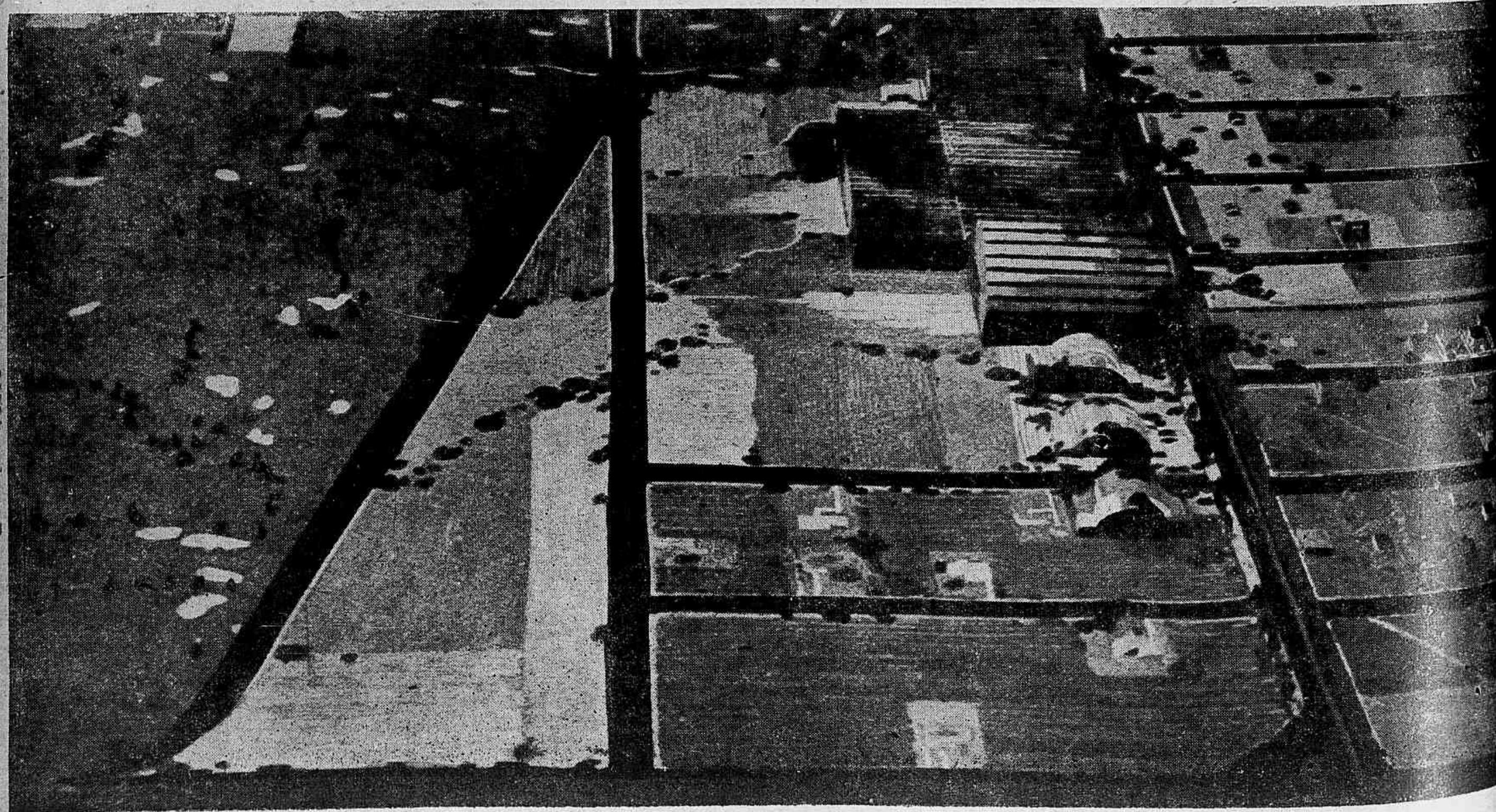
O uso de folhagens é excelente para esconder qualquer objetivo próximo a um bosque. Mas, o corte de árvores na vizinhança pôde também despertar suspeitas ao observador aéreo.

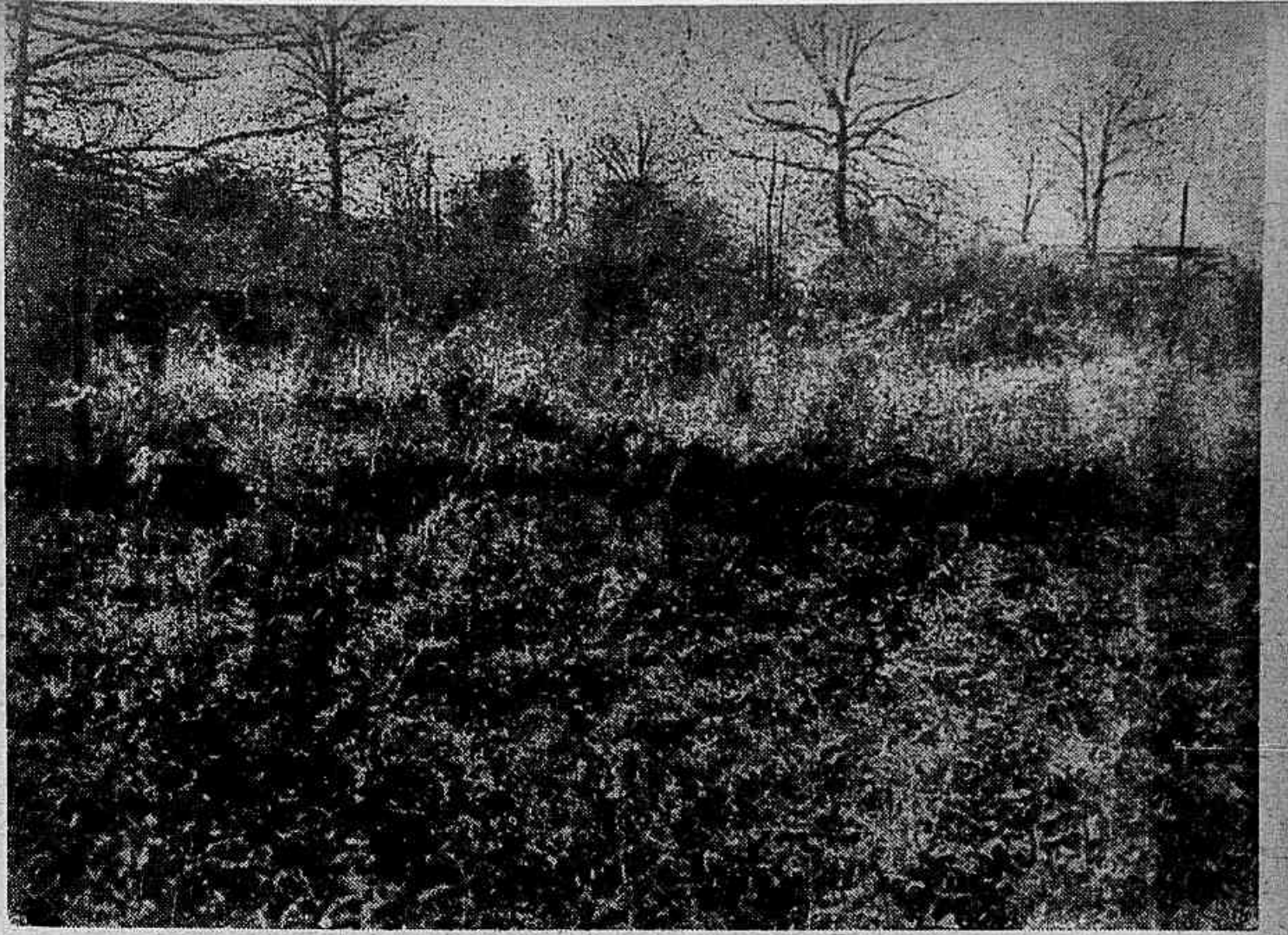
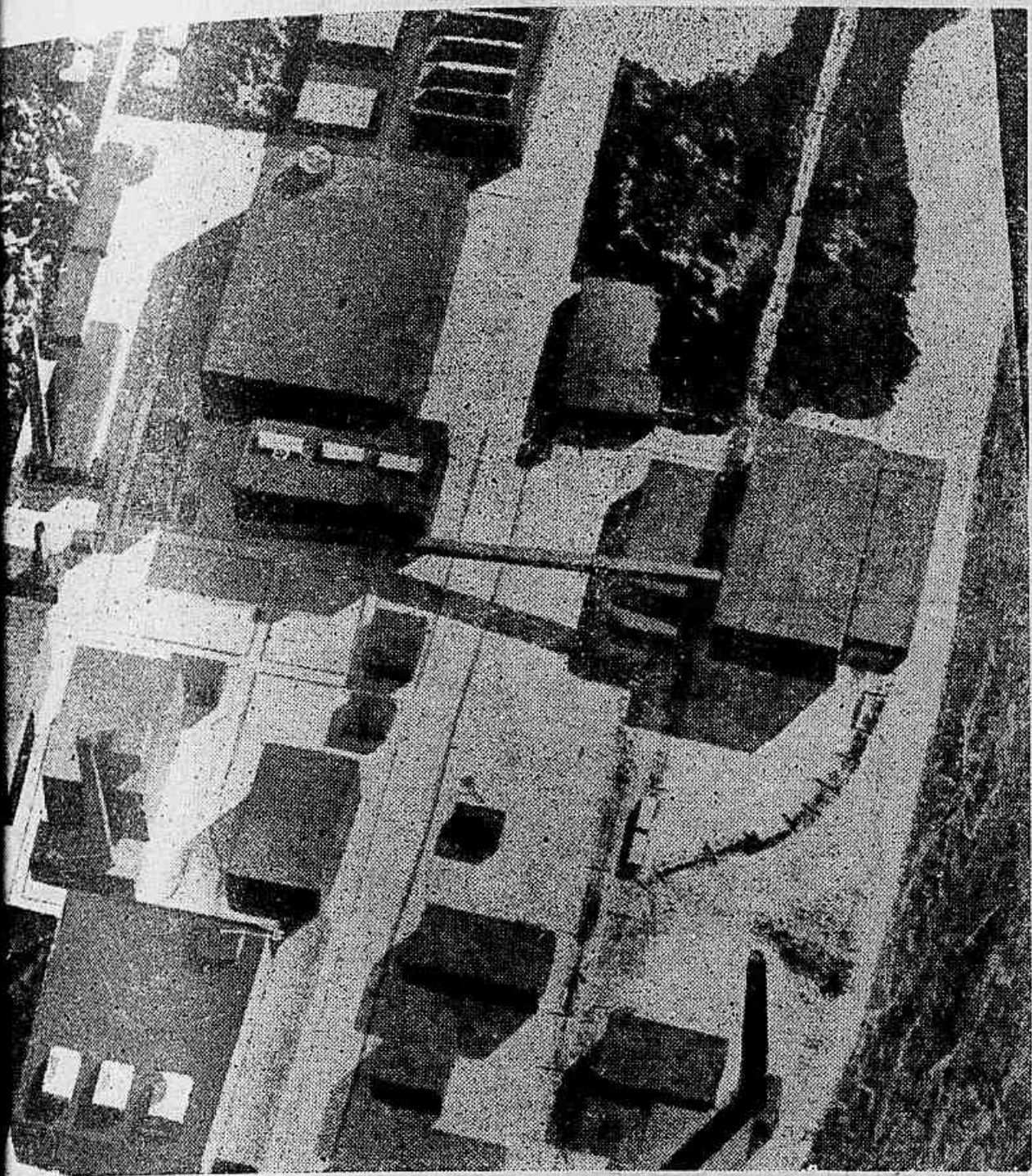
A cobertura artificial é portanto muito vantajosa. O uso da rede de pescar, ou da tela de galinheiro, "guarnecida" como os "camoufleurs" dizem, com tiras de pano, penas de galinha, lã ou sarrafo dá os melhores resultados, permitindo que ninhos de metralhadoras, canhões, postos de observação e até mesmo postos de estacionamento de transportes se tornem inocentes relêvos da paisagem.

Quando Macbeth viu o bosque de Birnam se mover no rumo de Dunsinane, estava apreciando uma forma de camuflagem de movimento de tropas que os alemães têm usado frequentemente para disfarçar colunas mecanizadas.

Os japoneses na Malaia deram a cada soldado uma rede que lhe cobria

Uma área ocupada por uma fábrica e um hangar, vista antes e depois da camuflagem, quando simula uma tranquila herdade.





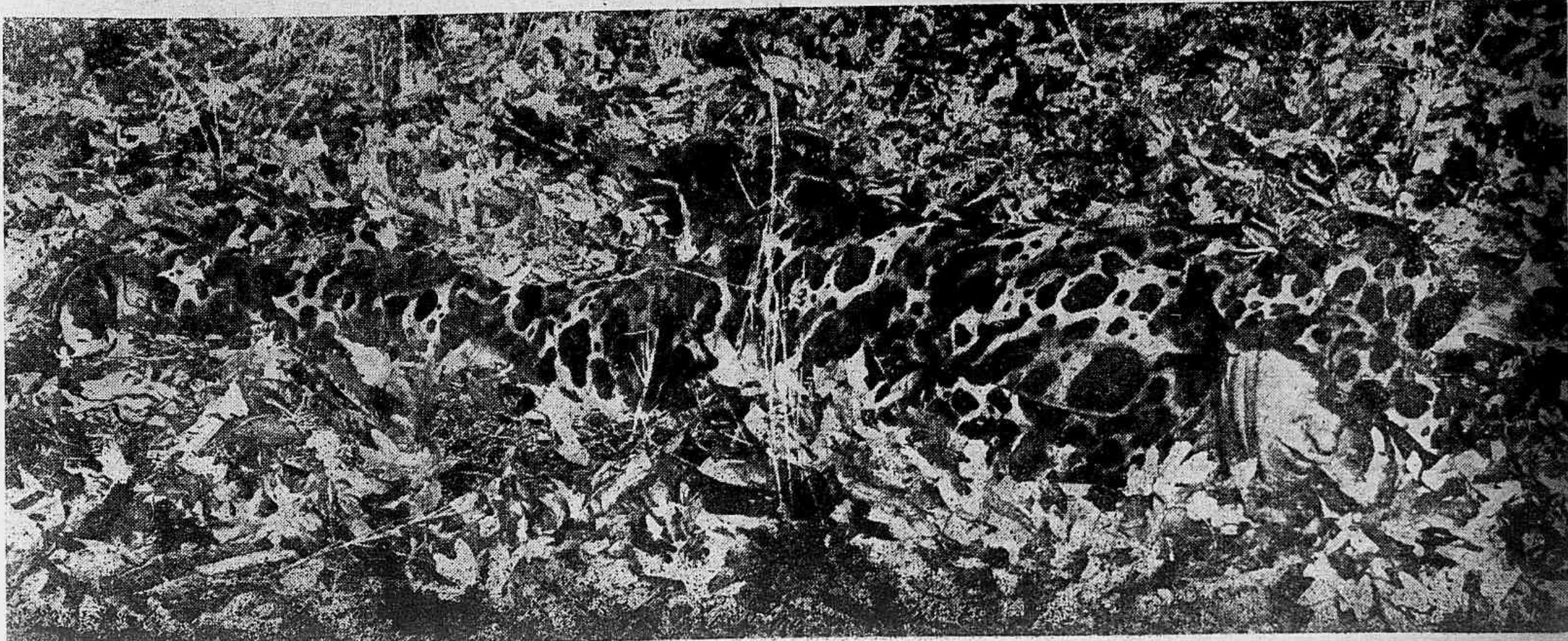
Um pequeno bosque, que parece deserto, e os soldados que vêm avançando por ele, inteiramente inobservados pelo inimigo.

todo o corpo, tornando-se assim capazes de deslizar inobservados pelos americanos, com uma incrível facilidade de infiltração. As forças americanas usam agora uma equipagem que torna o portador invisível a 8 metros de distancia.

Quando se trata de proteger uma área, essa é fotografada de diversas altitudes, de maneira a mostrar todos os relêvos do sólo. A camuflagem baseia-se no estudo da combinação do mapa fotográfico resultante.

As linhas duras e regulares duma fábrica são mascaradas para simularem uma área suburbana.

Um soldado rastejando pelo mato, completamente confundido com as folhas.



OS BOLEROS



Os boleros, como é sabido, são de origem espanhola como a dança de igual nome. Atualmente voltam à moda as pequenas vestes por influência mexicana e aparecem em coleções apresentadas por costureiros americanos encarregados de orientar a Moda segundo o momento. Vemos não somente boleros, mas ainda os clássicos chapéus da Carmen: certas flores naturais do país de Montezuma — papoulas, amores perfeitos silvestres, *poinsetias*-rubras, chales. Nesta página predominam boleros. Com eles irão as leitoras transformar *toilettes* da última estação, dando-lhes graça e *salero*...

NESSAS TARDES DE OUTONO...

Nessas tardes de Outono, as mulheres parecem mais bonitas. Têm um todo de fruto amadurecido e a leve displicência da folha que se desprende.

No entanto, o vento frio e irritante faz com que procurem o encanto morno das "boites", acorram aos concertos e aos salões de pintura ou se reúnem para o doce "tête-à-tête" de um "cock-tail" na Brasileira ou de um "five-o'clock tea" na Americana.

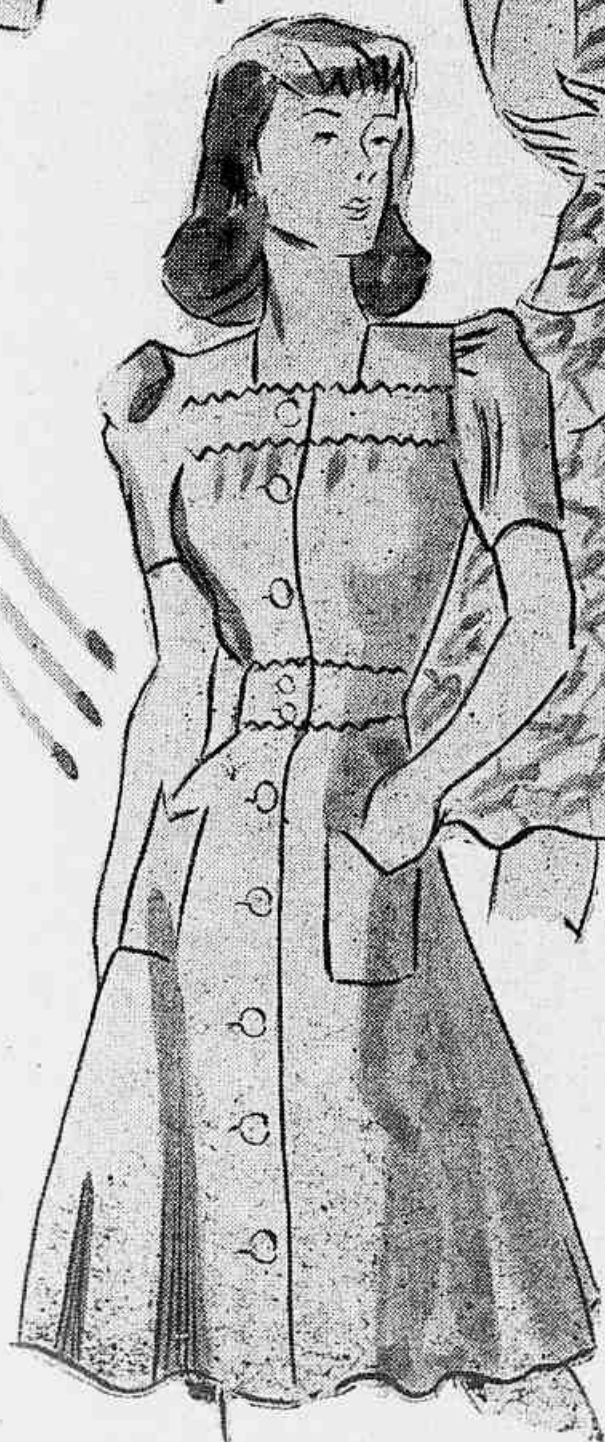
E justamente para as mulheres que, nessas tardes de Outono, nos parecem ainda mais bonitas, com um todo de fruto amadurecido e a leve displicência da folha que se desprende, oferecemos esses lindos e econômicos modelos.

S. R.

1 — Para a Universidade. Juvenil clássico, abotoado até a cintura. Sáia muito graciosa com pregas laterais.

2 — Encantador vestidinho em fustão branco. Sáia em fôrma, com dois bolsos recortados em V. E' abotoado por inteiro.

3 — Vestido simples e elegante de "rayon" estampado, abotoado por inteiro e cujo unico enfeite é a renda que orla a pala.



4 — Lindo modelo em sêda pesada negra com dois bolsos verticais.

Blusa traspassada. 5 — Vestido de rayon negro. Blusa com recorte tipo boléro, drapeada. Sáia pregueada e justa nas cadeiras.

6 — Em sêda negra, também. Sáia de panos franzidos saindo de uma guarnição de fitas "cirées" do mesmo tom.

7 — Vestido de crepe "marocain" negro, guarnecido com uma frente de batista plissada. Gravata e cinco de fita de veludo preto.

8 — "Tailleur" de lã fina e colorido cambiante dos mares. Blusa esportiva com um bolso. Sáia de cinco panos.

Elegantes...



Vestido azul-marinho em crepe com aplicações de bordado branco. O cinto é fechado com *éclair*.

Ao lado :

Toilette de noiva executado em renda branca, tom perola, sobre forro de crepe setim. E' um modelo de alta elegancia.



Para Menino



Demos a receita de um vestido de "tricot" para menina; aqui têm as leitoras, por hoje, a réplica com este calção para menino da mesma idade — ano e meio a dois anos.

MATERIAL NECESSARIO: lã rosa pálido, agulha 5 1/2 e crochet 3 1/2. Ponto empregado — sanfona fantasia: 1.^a carreira: 2 m. à direita, passar a agulha sobre o trabalho para tricotar pelo direito a 4.^a malha e voltar depois para tricotar a terceira. Tricotar a 6.^a malha e depois a 5.^a, 2 malhas pelo direito; 2.^a carreira toda pelo avêso, etc.

CALÇA: Tomar 72 malhas; fazer 4 carreiras de sanfona; 5.^a carreira 12 malhas, fechar 4 malhas; 18 malhas, fechar 4 malhas, 18 malhas, fechar 4 malhas; 12 malhas.

6.^a carreira: 12 malhas, 4 correntinhas, 18 malhas, 4 correntinhas, 18 malhas, 4 correntinhas, 12 malhas, 4 carreiras de ponto sanfona. Tricotar depois 50 carreiras de ponto sanfona.

51.^a carreira: 24 malhas de sanfona, mais 24 malhas de sanfona fantasia e mais 24 malhas de sanfona.

55.^a carreira: fechar as 24 malhas de sanfona, tricotar 24 malhas de sanfona fantasia e 24 malhas de sanfona.

56.^a carreira: fechar as 24 malhas de sanfona e continuar a tricotar 24 malhas de sanfona fantasia durante 8 carreiras. Nesse ponto tomar 24 malhas de corrente à direita e à esquerda, de modo a fazer em sentido contrário a segunda metade da calça que é terminada com a sanfona do cinto. As costuras do lado são então terminadas.

BLUSA: Toma-se 72 malhas. Faz-se 10 carreiras de sanfona, 34 carreiras de sanfona fantasia. Diminui-se depois 3 malhas de cada lado durante 2 carreiras para a cava, e continua-se até à 40.^a carreira.

41.^a carreira: começar o corpo com o mesmo ponto fantasia, cruzando sempre todos os pon-

tos, sem ponto de "jersey" para separar as sanfonas. Fazer assim 14 carreiras.

Na 15.^a carreira: 20 malhas, fechar as 20 malhas seguintes para a gola. Continuar com essas 20 malhas durante 10 carreiras. Na 11.^a carreira

fechar 6 malhas e tricotar as 14 seguintes. Na 12.^a carreira: 14 malhas, 6 correntinhas e tricotar essas 20 malhas em 10 carreiras. Deixar de lado e fazer o segundo ombro igual ao primeiro.

Fazer depois 20 malhas; apanhar as 20 que ficaram de lado e trabalhar sobre 60 malhas em 14 carreiras. Recomeçar a sanfona fantasia durante 6 carreiras. AJuntar as 6 malhas das cavas e trabalhar sobre essas 72 malhas durante 34 carreiras, 10 carreiras de sanfona e fechar. Tomar 28 malhas em volta de cada cava. Fazer 6 carreiras de sanfona e rematar.

A gola é terminada com um ponto de crochet. Fazer uma alça e colocar um botão de rosa em cada ombro para servir de botão. A blusa leva 6 botões para prender a calça.

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS

Numeros atrasados desta

Revista em Sergipe

Procurar a LIVRARIA REGINA

Rua João Pessoa, 137 — Aracajú

O algodão se

Com o desfile de modelos ingleses começou, para nós, o predomínio do algodão. Viu-se como era lindo trabalhado em fábricas estrangeiras e com isso as nossas começaram a despertar maior interesse...

São todos em tecido de algodão os costumes desta página. Modêlos apresentados por —



SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.



O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNEA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr.\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PELE

impõe

Greed, Altman, Mauric e Rentner, Wendell. Claros (com maior favor do cinza) escuros, estampados, estes costumes, gênero alfaiate, ou fantasia, fechados com os 3 botões tão do agrado das elegantes, prestam-se para moças e senhoras e valem como uma, duas e três peças, transformando-se de acordo com o momento...

V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Inconfestavelmente as
melhores.



CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

UM TOUCADOR ELEGANTE NÃO DISPENSA A PRESENÇA DESTA COLEÇÃO DE ELITE!

Orbleu
DE BAZIN

LOCÃO Nº 1120
Nº 1121
Nº 1122

EXTRACTO Nº 1110 C/CR.
Nº 1117 C/CR.

PO Nº 1150

BRILHANTINA Nº 1112

SABONETE Nº 1180

EXTRACTO Nº 1111 S/CR.
Nº 1111 C/CR.
Nº 1111-M

Nº 1100
Nº 1101
Nº 1102-F

T. TARQUINO

A VENDA EM TODO O BRASIL

Lingerie Elegante

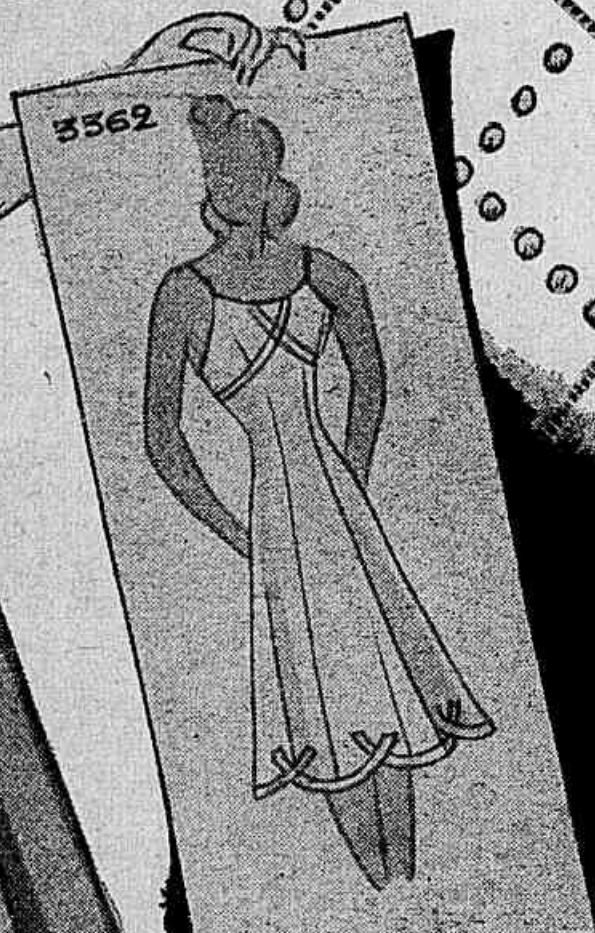
Em *voile triple* de tons delicados, ou em cambraia, ou crepe serão estas peças de lindo efeito.

Teem as leitoras idéia perfeita pelas figuras. O bordado surge emprestando valôr, beleza.

A combinação n. 1 é em crepe rosa com vista de filô.

2 — *Déshabillé* para manequim 48 ou maior... E' muito elegante e o corte afina sobremodo.

As variantes aparecem em desenhos menores. Por eles se inspirarão as leitoras para obter maravilhas.



A arte
de pintar cabelos

Este livro util para todas as
senhoras é oferecido pela

**TINTURA
FLEURY**

O rejuvenescedor dos cabelos

Solicitem-no à Rua 7 de Setembro, 40 sob. - Rio de Janeiro

PERFIS WORTH

A dinastia Worth conta mais de um século.

Um antepassado de Jacques Worth de nome Frederico Jacques Worth foi o costureiro da Imperatriz Eugenia; também trabalhou para a Princesa Metternich, a Paiva, famosa, e tantas outras rainhas de sangue autentico e elegantes do III Imperio.

A mulher moderna deve a Worth a perfeição requintada da costura. Sabemos que na França, ele salvou as fabricas lionesas num periodo difficil, vestindo suas freguezas com modelos que requeriam metros e metros de seda. Foi Worth quem pela primeira vez utilizou "modelos vivos". Até seu tempo, os manequins eram bonecas daquelas de que falia Mme. de Sevigné... bo-



WORTH

necas pequeninas vestidas de acôrdo com a ultima novidade...



Estas duas pequenas estão vestidas em estilo da California. São vestidos para reuniões intimas. O vestido comprido é de "rayon" negro, em duas peças, com enfeites de galões vermelhos. O outro é vermelho, com o bolero bordado em branco e azul-turquesa.

Um Inigualavel nutriente



CREME NOVENA PARA NOITE

(NOVENA NIGHT CREAM)

DE *Helena Rubinstein*

SEUS ricos óleos balsâmicos e nutritivos cuidarão da beleza da sua pele durante o sono. O CREME NOVENA PARA A NOITE corrige rugas e linhas, evitando a aparência tensa e sêca do seu rosto. Deixa a pele assetinada.

Helena Rubinstein

SALÃO NO RIO, EDIFÍCIO BRASÍLIA

Av. Rio Branco 311 — Fone 42-1442

Nova York — Londres — Paris — Buenos Aires

A Casa Worth era dirigida pelos dois irmãos, um deles se ocupando da parte artistica e o outro da parte industrial. Jacques é casado e sua mulher se tornou um elemento prestigioso para a firma. E' ela quem viaja para colher notas originais, quem depois faz todo o reclamo. Um pôr de sol, um vitral serve-lhe de

inspiração... Suas cores favoritas são o azul noite, o roxo avermelhado, o roxo rosado. Adora joias, perfumes raros...

Como nota original: no começo da escadaria da Casa Worth vê-se o retrato do fundador. Worth foi um precursor, uma individualidade marcante na arte da costura.

CURIOSIDADES

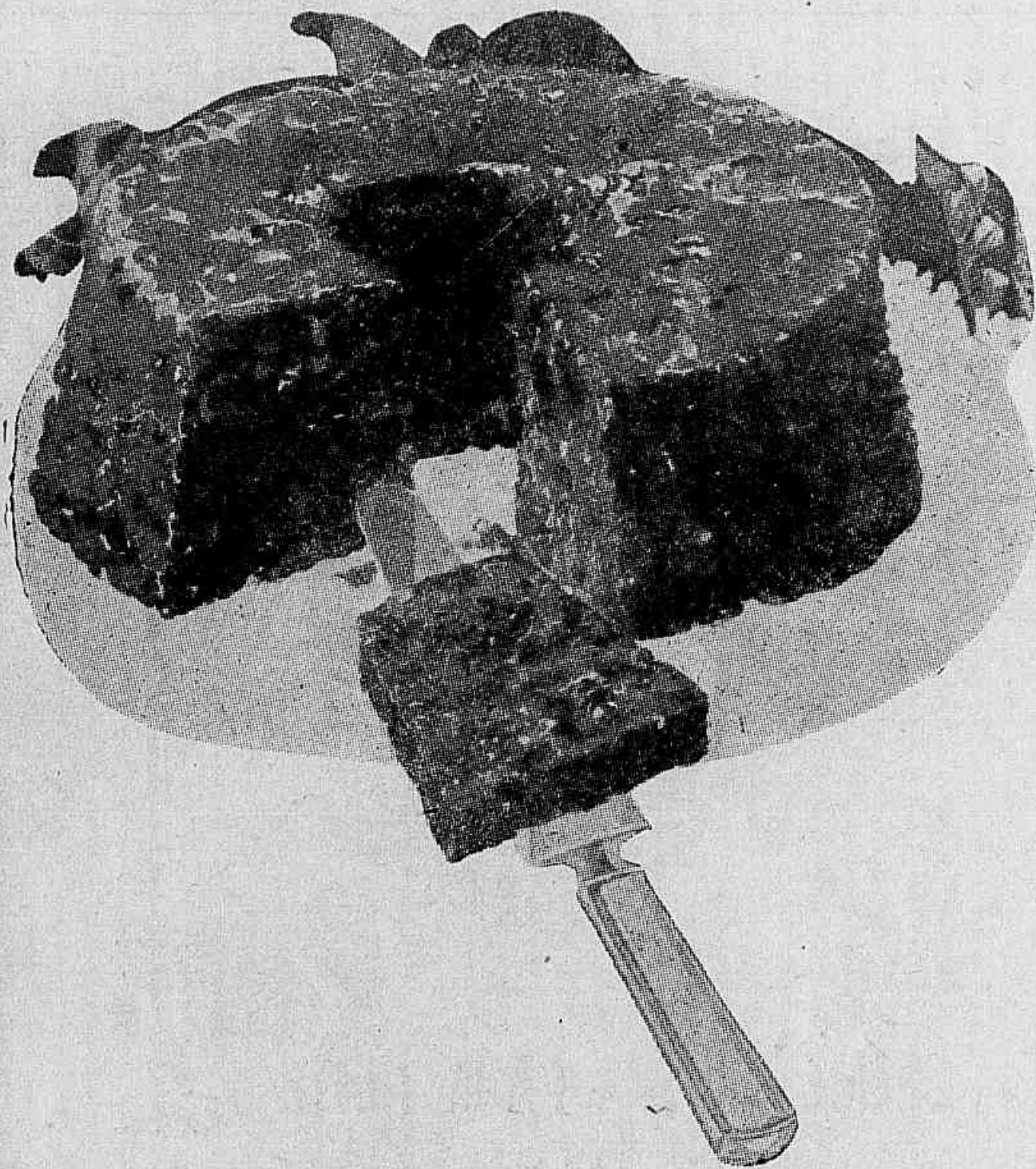
Si non é vero... Um record que nem toda mulher poderá bater é o de miss Elisabeth Hoyland... Sabem em que consiste?

Em fazer *tricot*! Não zombe a leitora...

Essa miss Elisabeth Hoyland tricota para soldados desde 1899; trabalhou para os soldados que tomaram parte na guerra da Criméia. Depois, na guerra

dos Boers. Passados quinze anos, em 1914, trabalhou para os *Tommies*.

Finalmente, em 1939, com seus dedos trémulos de quasi centenaria — ela ainda fez *tricot* para os atuais soldados que se batem pela causa da Civilização. Quer isso também dizer que miss Hoyland viveu bastante para saber de quatro guerras no espaço de um século. Que mais admirar em miss Hoyland: saúde, perseverança ou bondade?



O arroz (oriza sativa) foi introduzido no Brasil pelos primeiros colonizadores. Segundo consta, a denominação — arroz provém do árabe "aruz", tendo sido os árabes os primeiros a levar sementes desse cereal para a península ibérica.

A primeira cultura do arroz feita entre nós se deu no século XVI, na Capitania de S. Vicente. Prestaram o clima e o solo do Brasil, maravilhosamente, para a cultura dessa gramínea, dando origem a numerosas variedades, que caracterizaram as zonas de produção.

Conta o arroz 15 mil variedades, das quais 10 mil são cultivadas na Ásia. Sua produção no mundo é de 90 milhões de toneladas. Entre os países que mais produzem se destacam a China, com 75 milhões de toneladas; o Japão, com 12 mil; Birmanian, com 8 milhões; Índias Holandesas, com 6 milhões; Coreia, Índias Britânicas com 36 milhões. O Brasil tem, nesse quadro, um lugar bem modesto — apresentando apenas 1 milhão e 400 mil toneladas, mas com tendência para considerável aumento.

É o arroz riquíssimo em vitaminas e sais minerais. Tem a particularidade de ser fácil e rapidamente assimilado. É um recurso excelente no "menu" cotidiano, forma a base da alimentação humana.

Do arroz são obtidos inúmeros produtos líquidos: aguardente, álcool próprio para perfumaria, vinagre, acetona, ácido butílico. No Oriente, é altamente apreciado como alimento e para fabrico da bebida fermentada a qual chamam "choum-choum" na China e "saké" no Japão.

É extraído do arroz o pó delicado de que se servem as mulheres em todo o mundo, como elemento indispensável de higiene e de embelezamento. Serve ainda o pó extraído do arroz para o fabrico de cola, trabalhos finos, brinquedos, botões, etc.

Da casca do arroz se obtém a celulose para papel, "rayon". Com a palha são feitos finos chapéus, sandálias, rédes, coberturas, capas de garrafa, utensílios de uso doméstico em que os índios são verdadeiros artistas.

Do arroz são tirados a celulose e seus derivados que servem para filmes, papel couro, tecidos impermeáveis, objetos que imitam marfim, madrepérola, coral...

Entra o arroz em grão em inúmeros pratos salgados e doces. É preparado de variadíssimas formas conforme o país. Com ele se harmonizam o frango preparado à brasileira com o chamado "molho pardo"; o peixe cozido, mexilhões, camarões refogados, etc. Pode o arroz ser preparado e ir depois ao forno com recheios variados, levando uma leve cobertura de gema e pão torrado. Temos ainda o arroz em:

SALADA ESPANHOLA: 150 grs. de arroz cozido simplesmente com água e sal. Deixa-se arrefecer e junta-se camarões, lagostas, ervilhas, palmitos, couve-flor. Arruma-se num prato de vidro e coroa-se em roda camarões cozidos e azeitona. Um molho é servido em separado.

NINHOS: Prepara-se um picado de carne, junta-se arroz cozido, um ovo, sal e pimenta. Tira-se depois pequenas quantidades que são envolvidas em folhas de parreira, amarradas de forma adequada. São passados em azeite bem quente. Serve-se depois com creme.

CROQUETES DE ARROZ: Cozinhase uma chicara de arroz em água e sal. Deixa-se esfriar. Junta-se depois 3 colheres de queijo, um ovo, algumas azeitonas picadas. Forma-se depois os croquetes que são envolvidos em pó de pão e fritos. Esta receita serve para aproveitar sobras de arroz e admite, para variar, um pouco de massa de tomates.

TORTA DE ARROZ: Cozinhase 2 chicaras de arroz com água e sal. Deixa-se esfriar, junta-se 3 ovos, um pouco de salsa, cebola bem picada. Arruma-se a torta num prato que vá ao forno alisando-se antes com um pouco de manteiga.

Receitas de arroz em doces: "Soufflé" com damasco: cozinhase 1 chicara de arroz numa garrafa de leite e adoça-se com 3 colheres de açúcar. Arruma-se num prato que possa ir a forno — uma camada de arroz e uma de compota de damasco, cobrindo-se no final com outra camada de arroz. Reveste-se o doce de clara batida com um pouco de açúcar...

PUDIM À BRASILEIRA: Num litro e meio de leite cozinhase 375 grs. de arroz, juntando-se um pouco de limão ralado, 125 grs. de açúcar, 60 grs. de manteiga e deixa-se esfriar. Mistura-se 60 grs. de castanhas do Pará, 60 grs. de passas, 2 gemas e 2 claras batidas em ponto de neve. Esta massa vai ao forno em forma amanteigada e com pó de pão. O doce é servido com suco de frutas.

DOCE EXCELENTE: Faz-se um angú com 3 chicaras de creme de arroz e leite e uma pitada de sal. Deixa-se esfriar e mistura-se 1 chicara de manteiga, um côco ralado, açúcar quanto adoce, 3 ovos. Forno regular.

BOLO DE PASCOA: 4 ovos, duas chicaras de açúcar, duas chicaras de creme de arroz, uma chicara de farinha de trigo, uma chicara de manteiga. 3 colheres

A utilidade do ARROZ

de côco ralado. A mistura vai ao fogo em forma amanteigada e revestida de papel impermeável. Coloca-se pouco depois 2 prendas e intercala-se (retirando o doce do fogo) nozes picadas, passas, amendoas, doces cristalizados também em pedacinhos. O bolo é coberto com açúcar e chocolate em "glacé".

COCKTAIL-COBBLERS: Estes "cocktails" se distinguem dos demais pela guarnição de frutas. É admissível o emprego de qualquer qualidade de frutas. São cortadas de modo caprichoso, em discos, cubos, etc. Os "cobblers" são servidos com a palha e uma colher para as frutas. Os cálices são cheios só até a 3/4 com gelo picado. Não se misturam os ingredientes no "shaker"; os licores são misturados com o gelo no próprio cálice, antes de colocar as frutas.

AMATEUR COBBLER: 2/3 de gelo picado; 2 gotas de suco de limão, 1/2 copinho de Cordial Medoc, acabando de encher com vinho tinto. Misturar bem e guarnecer com frutas frescas.

BRASIL COBBLER: 2/3 de gelo picado, 2 gotas "orange bitter", 1/2 copinho de creme de cacáu. Acabar de encher com vinho branco (meio doce). Guarnecer com morangos e fatias de laranjas.

MANDARIM COBBLER: 2/3 de gelo picado, 1/2 copinho de grenadina, suco de uma tangerina, 1 copinho de licor mandarinete e guarnecer com fatias de frutas frescas.

CHICAGO COBBLER: Encher 2/3 do copo com gelo picado, 1 colherinha de xarope grenadina, 4 gotas de Angostura "bitter", 1 copinho de "cognac", um pouco de sifão, fatias de laranja.

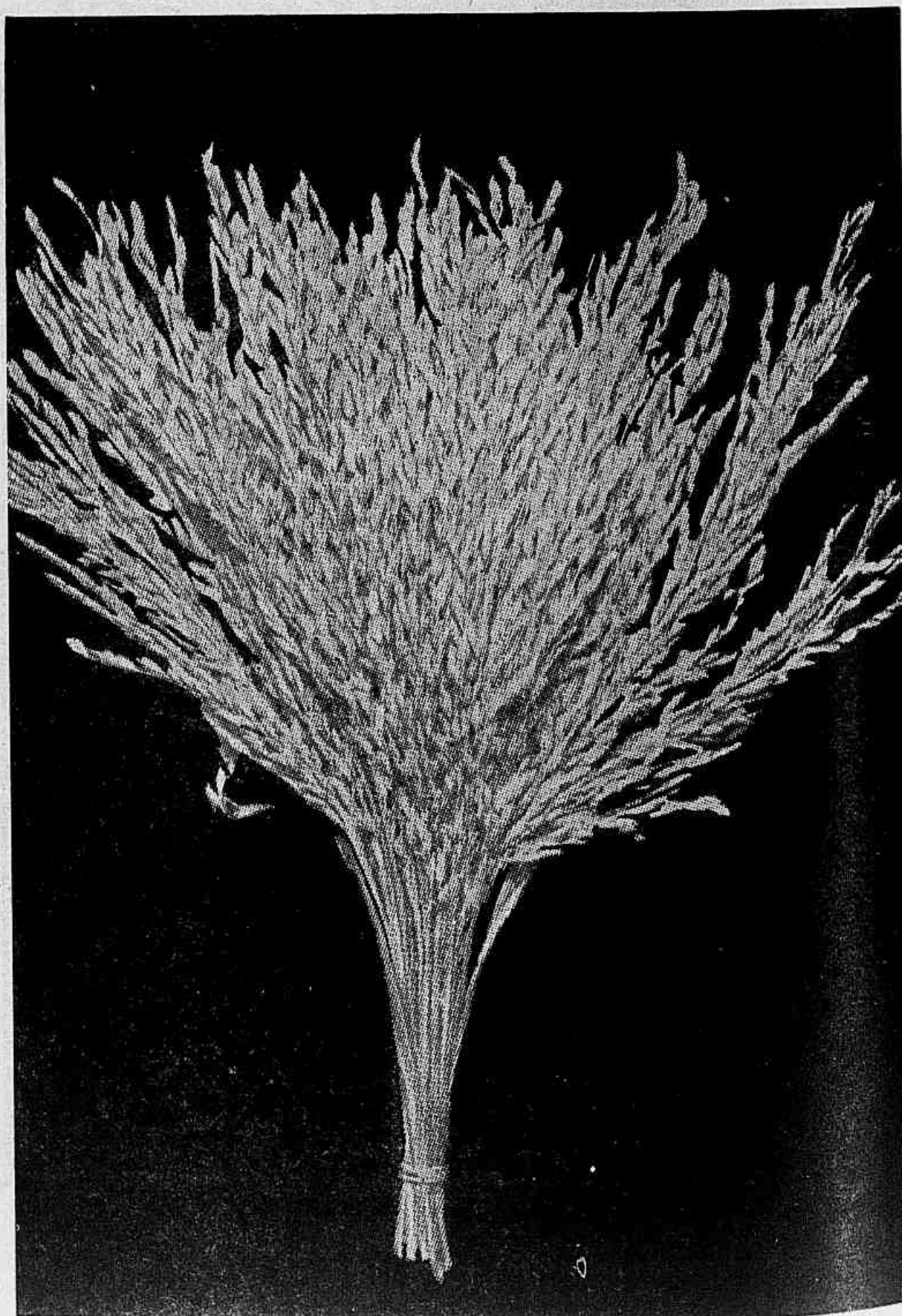
ABACAXI COBBLER: Encher 2/3 do copo com gelo picado, 1 copo de xarope de abacaxi, 1/4 do copo de "champagne", guarnecer com pedacinhos de abacaxi fresco.

(N. B. — Receitas do "A. B. C." de F. Wunsch)

Miss CAKE.

A maçã difere em princípios alimentícios: em miligramas por cada 100 grs.

COM CASCA		SEM CASCA	
Potassa	35.68	Potassa	31.35
Sódio	26.09	Sódio	
Calcio	4.08	Calcio	3.85
Magnésio	8.75	Magnésio	
Ferro	1.40	Ferro	
Fosforo	19.39	Fosforo	13.59
Enxofre	6.09	Enxofre	
Silício	4.32	Silício	



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



PARA CASA

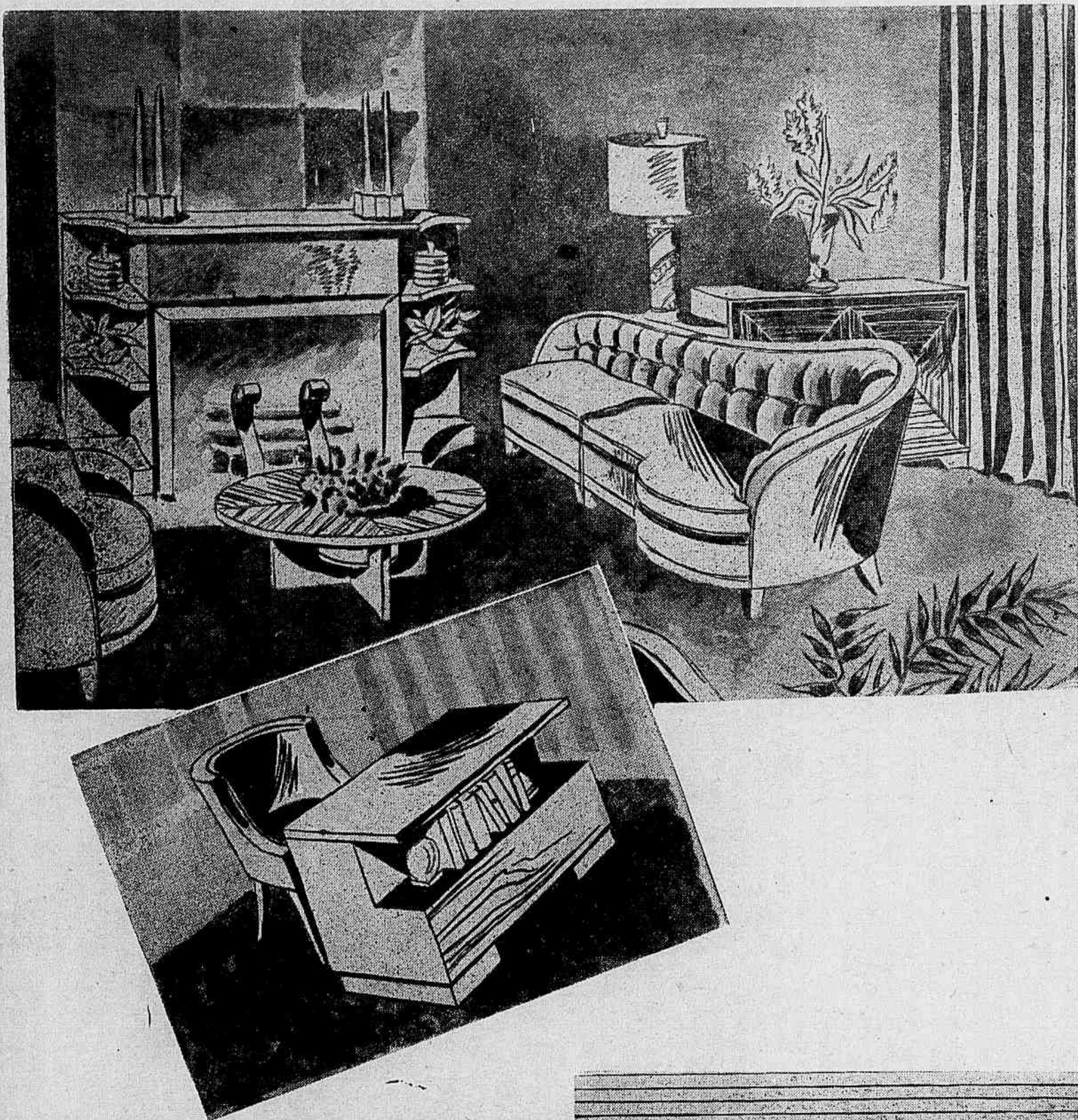
O traje ideal para manhã continua sendo o *quimono*. O *quimono* para ser também confortável deve ser executado em seda bem espessa. Continua em grande moda o *matelassé*; este último é mais indicado para o inverno. Quanto às sedas lembraremos preferência pelas floridas.

- 1 — *Ligeiro roupão em veludo cor de ametista. Tem galões bordados no corpo e na saia formando bolsos. Botões fantasia.*
- 2 — *Quimono gênero japonês. Confortável para usar pela manhã e à noite.*
- 3 — *Em faille preta com flores. O movimento gracioso da gola e dos dois bolsos dão originalidade ao modelo.*
- 4 — *Em crepe-selim marinho com poinsetias, rica estampa que lhe dá muita vida, este quimono tem ainda requintes de confecção.*



Casa MUNDIAL
MALAS
Artigos para Viagem
PASTAS • CINTOS • CARTEIRAS
R. CARIOCA, 63 - T. 22-2948
OS MELHORES ARTIGOS - PELOS MENORES PREÇOS

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE



O CON- FORTO NO LAR

Destacam-se neste "living-room" o conforto do mobiliário moderno, transformável à maneira americana. O sofá-cama, com acolchoado separável, servindo a parte de baixo para depósito de roupas e utensílios. A lareira, que é também aparador. A graciosa mesa de madeira, condizente, que tanto pôde servir para mesa de jogo como de chá. O "bureau" serve de estante e pode ser feito por um artista curioso.

Para refeições ligeiras

Pensando nas casas minúsculas destinadas a "week-end", em geral compostas de dois a três compartimentos — quarto, "living-room" e cozinha — sugerimos o arranjo de um recanto destinado às refeições.

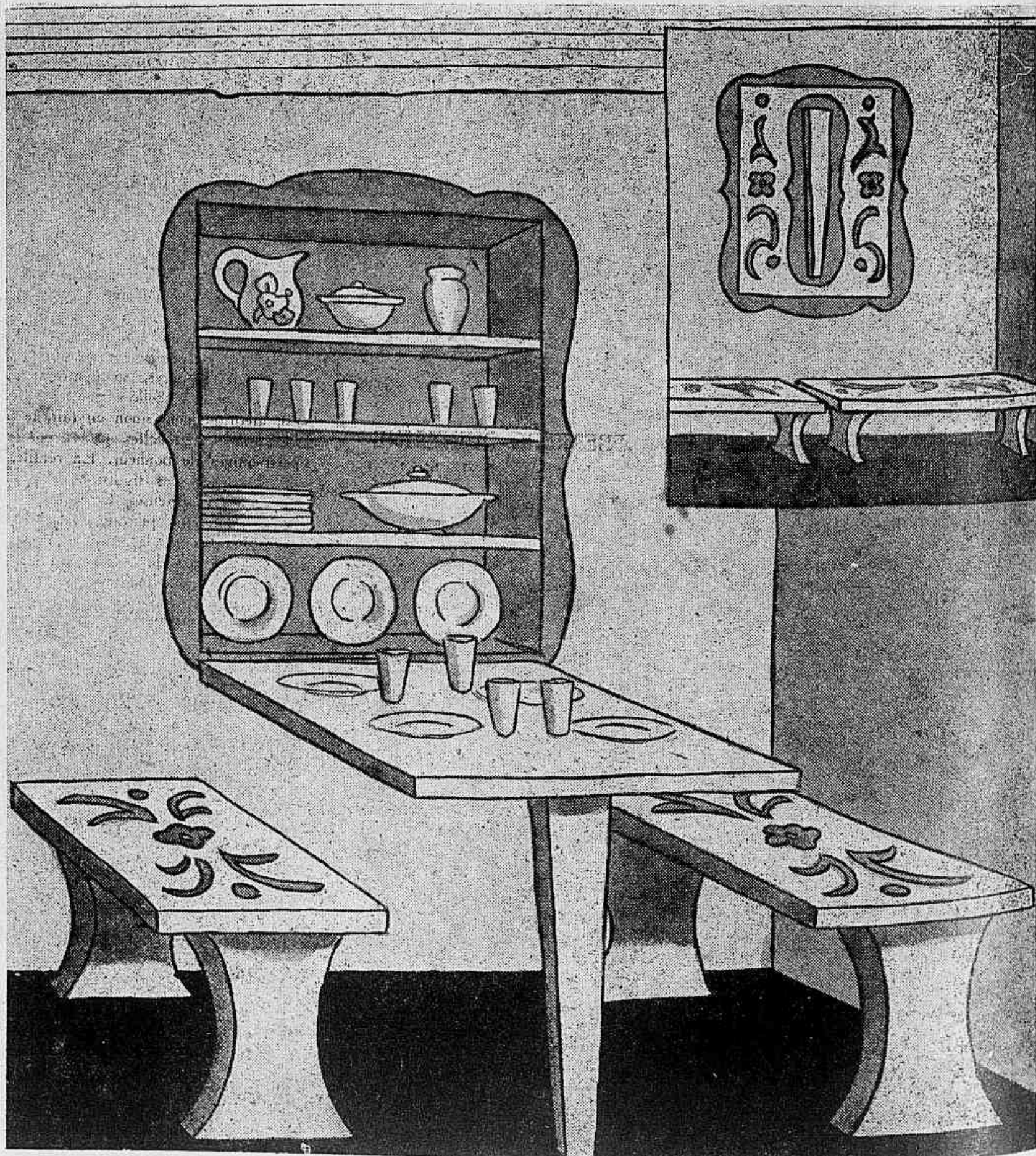
Nessas casas de boneca, em geral, o problema das refeições é o que fica por último.

Ora, onde conforto sem um recanto apazível para a apresentação dos pratos saborosos feitos pela cidadina em férias, para a apresentação das flores do jardim, da granja?

Possuindo uma cozinha bem arejada, ou um "living-room", poderá a leitora colocar esta mesa-armário com a maior facilidade bem ao centro, ou num canto. Dá a mesa de 1m. e 20 para 6 pessoas. Os dois bancos para 3 de cada lado. A mesa fecha completamente e fica metida dentro do armário nos momentos em que não é necessária. Trabalhada por um carpinteiro inteligente e sob a direção da "ménagère", será depois laqueada com a cor da parede para ficar de acordo e leva umas pinturas ligeiras.

Esta mesa se destina a refeições ligeiras, mas servirá para as demais e, muita vez, até de escrivaninha.

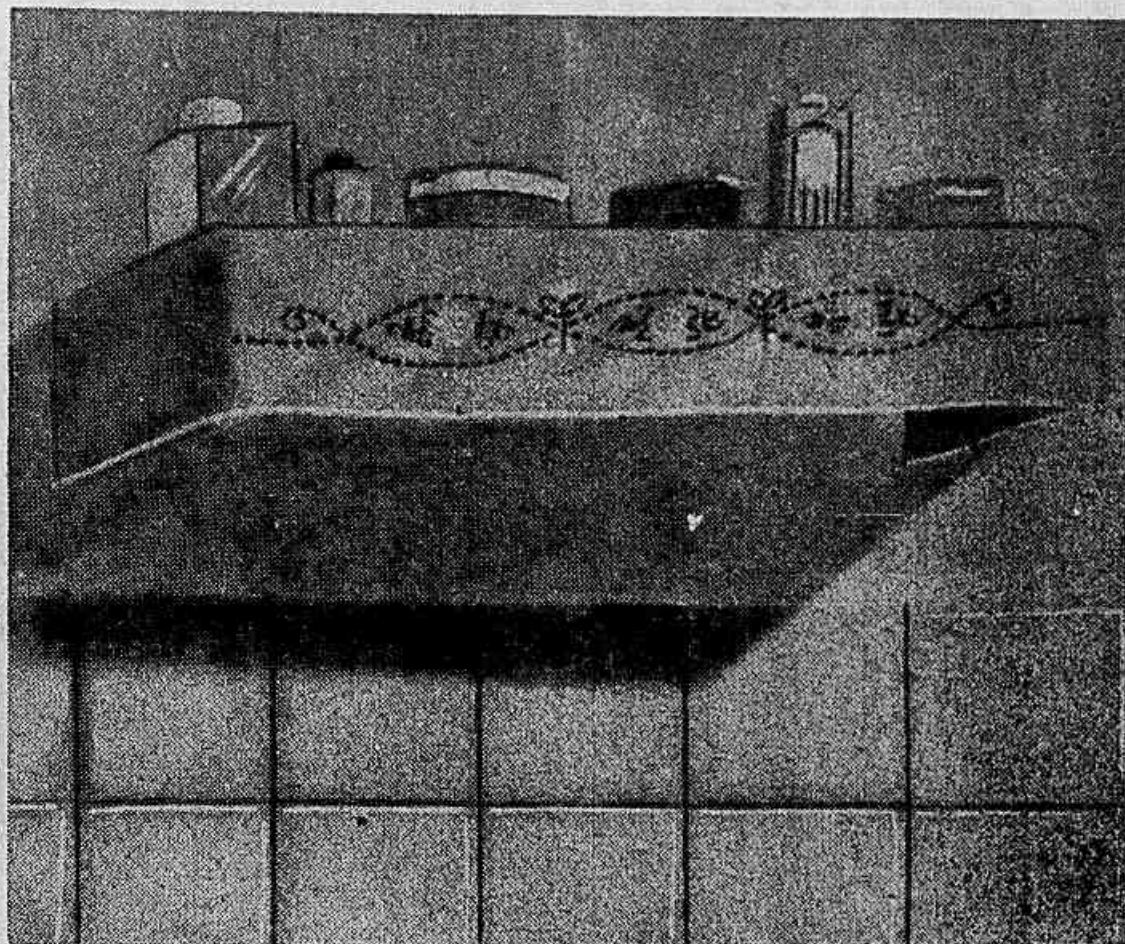
Observe a leitora com cuidado o "cliché"...e poderá fazer móveis iguais ou ainda mais originais.



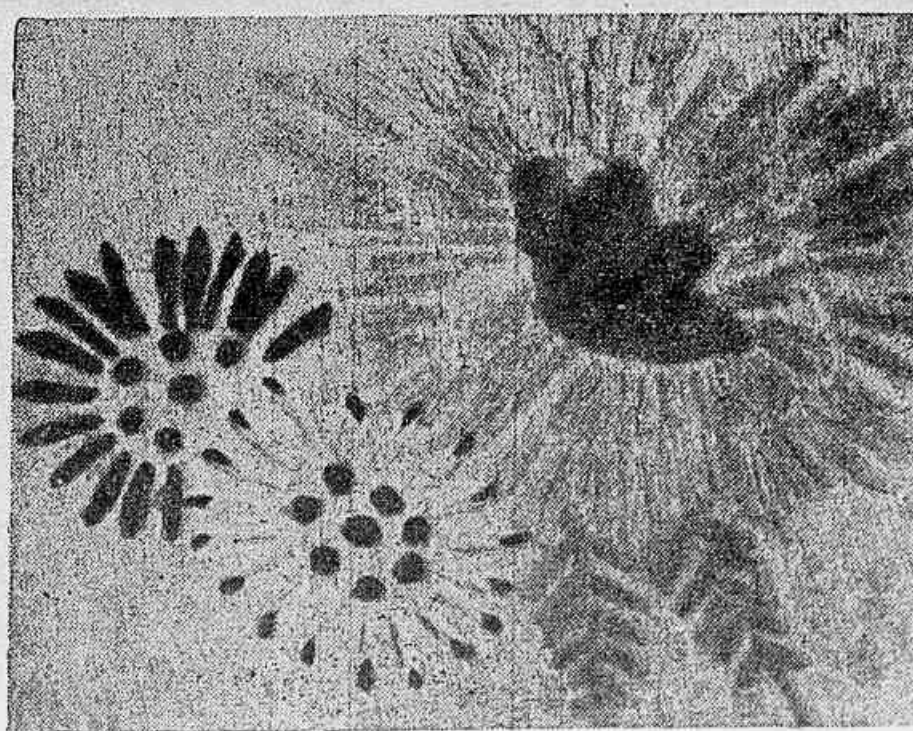
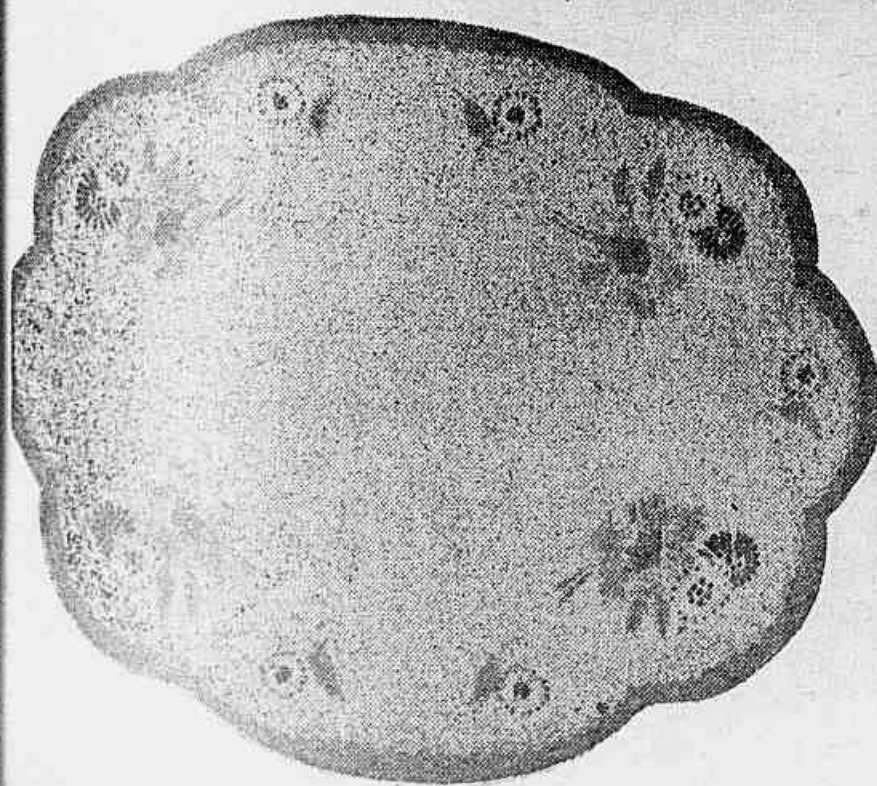
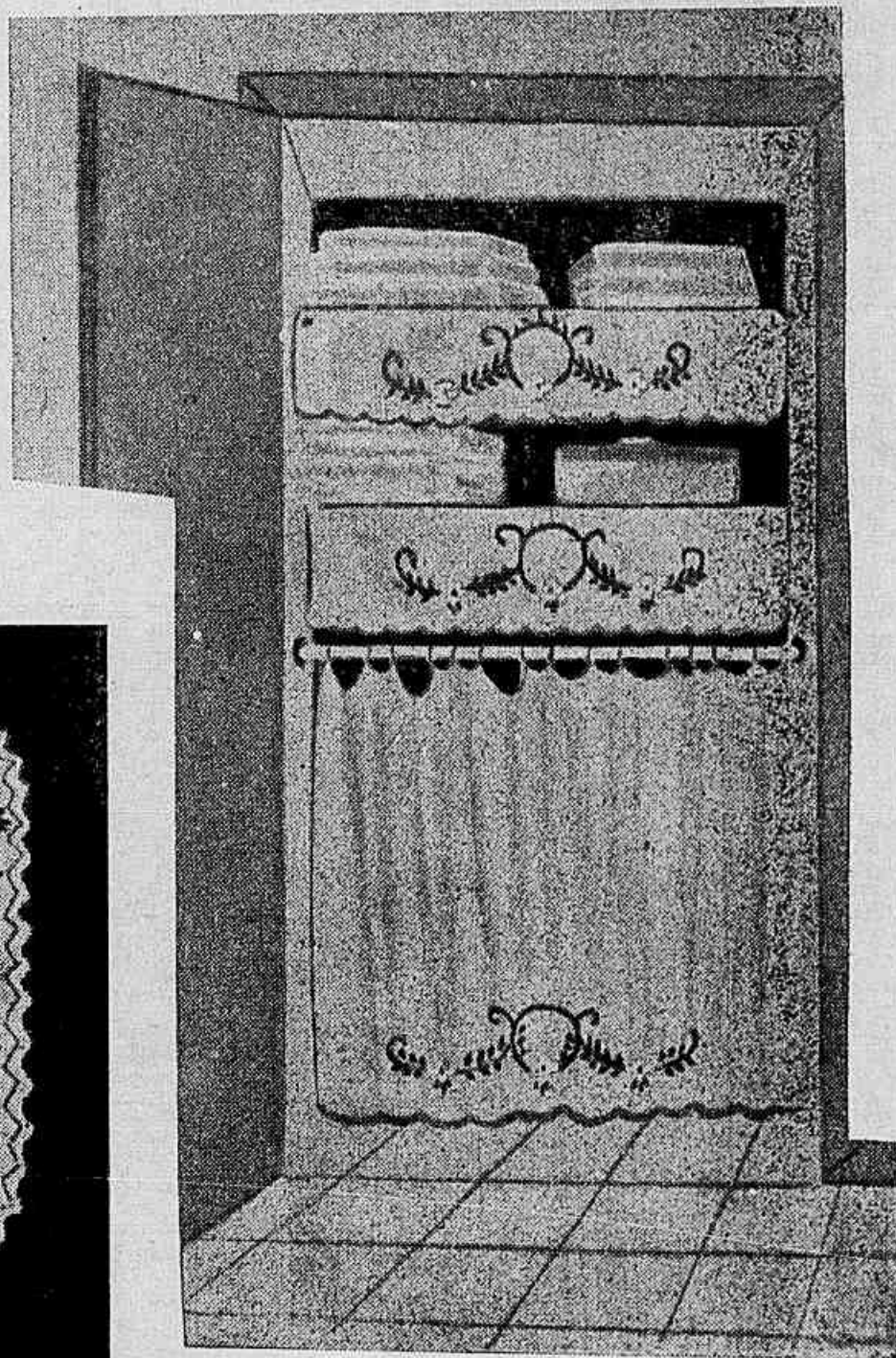
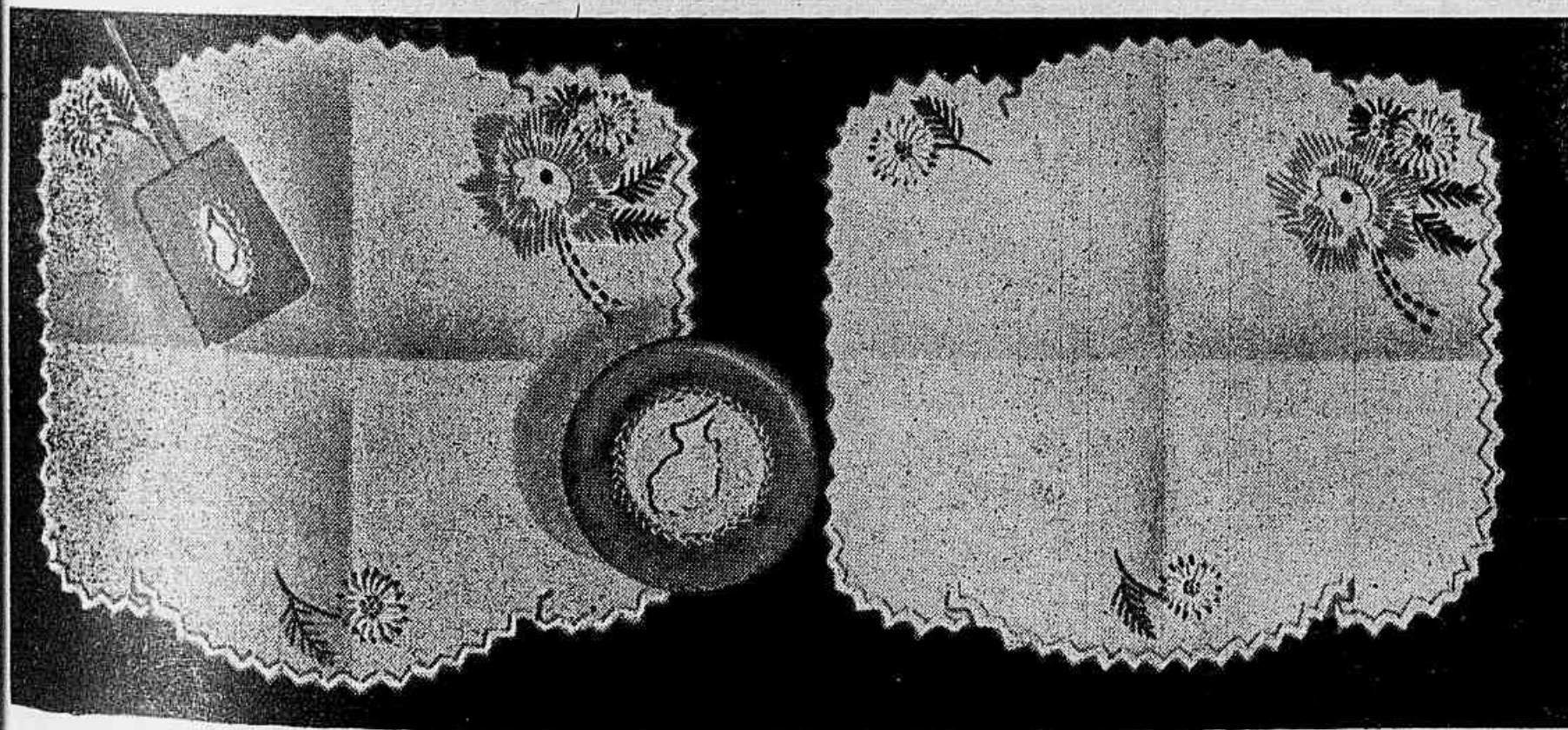
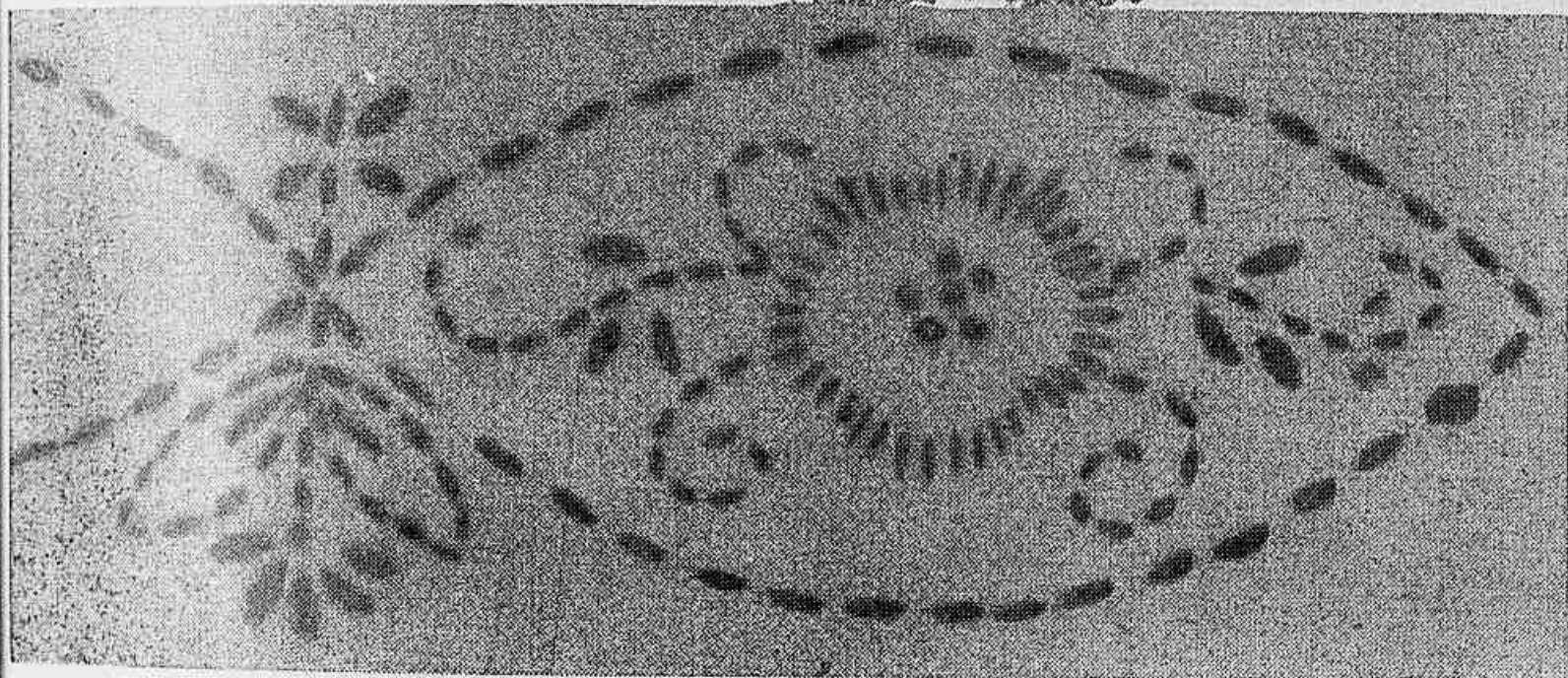
O Lar

Bordado ligeiro

Com este singelo bordado a lã é possível obter guarnição completa para roupa de uso e de casa como o demonstram os "clichés". Temos um avental, toa-lhas para mēsa, e ainda para sala de banho. A variação estārá nos tecidos e lãs a empregar. Os pontos sãO muito ligeiros, de alinhavo, como o chamam.



Senhoras
Capsulas
MENAGOL
PARA A FALTA DA MENSTRUACÃO



MOBILIARIOS PARA ESCRITORIOS

A Fábrica de Moveis "Lamas" em seus grandes mostruários anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residências e Escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionarios, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente secção de desenho para projetos e orçamento, facilitando em certos casos o pagamento.

Os moveis "Lamas" sãO vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

O passado veio do mar

(Continuação da página 15)

Uma onda enorme cobriu o rochedo, molhando-lhe as vestes. A dor continuava torturando-lhe o peito; não obstante lembrava-se como sua cabana se transformara. Construíra-a de grossos troncos de amendoeira, perto do mar, isolada de todas. Afinal ele sempre vivera na solidão. Não conhecera o pai, perdera a mãe muito cedo, antes mesmo de fixar-lhe o semblante. Desde menino, rolara como uma pedra marinha. Um dia bateu naquela praia. Deixou-se ficar. Até quando? Não o sabia. Aqui e ali, onde quer que estivesse, a Terra girava e havia um canto para dormir ao sol. Em toda parte a vida era a mesma. A diferença estava nas paisagens. E justamente porque só as paisagens diferiam é que seus olhos gitanos amavam os caminhos novos. Entretanto gostara daquele lugar: era tão bonito com o coqueiral ondulante e o vento soprando continuo! A' noite, o farol piscava branco e vermelho e o quebrar-se das ondas nos rochedos conquanto soasse umas vezes como um canto bárbaro, em outras embalava como uma canção de berço. Os pescadores refletiam o ambiente: pareciam sinceros e ingênuos, com os breves dependurados ao pescoço contendo orações á Virgem dos Navegantes.

Pouco depois da sua chegada, rira-se deles abertamente na tendinha do Samuel Catraieiro. Quem era aquela Virgem dos Navegantes? Alguem já a vira? Já lhe falara sequer? Bobagens... Ele, por exemplo, não acreditava em nada. Por que? Razões não lhe faltavam: em pequenino a Virgem nunca lhe dera comida quando tinha fome; se não trabalhasse como um escravo ficava mesmo de barriga vazia. Depois de homem a situação não se modificara; apenas, agora, bastava-se a si próprio: não precisava alimentar ilusões e crer em bentinhos e outras baboseiras. Nessa altura, Pai Balbino, que todas as noites bebia até o nariz se lhe tornar vermelho, resmungou qualquer coisa semelhante a "sacrilegio", persignou-se lentamente e saiu sem se voltar. Daí, nunca mais lhe falou. Nunca mais até o dia em que o encontrou muito unido a Jovinha, saindo da igreja onde fôra se confessar para o casamento. Então, Palmeou-lhe o ombro delicadamente e murmurou num sorriso largo que lhe descobria as gengivas sem dentes:

"Pelo que vejo, meu filho, esse anjo o levou ao encontro de Deus".

E era verdade. A mais surpreendente e deslumbrante das verdades. Apoiado na doçura e na crença de Jovinha ele caminhava ao encontro de Deus.

O vagabundo não sabia explicar se fôra a simples lembrança de Deus que amainara o vento e afugentara a dor que estava sentindo. Certo é que se sentia possuído de uma inefável ventura. A mesma que experimentara ao ouvir o cantico dos religiosos no dia do seu casamento. Engraçado como tudo aquilo sucedera! Ele que nunca pensara em casar! Não que odiasse ou temesse as mulheres. Pelo contrario: não conhecia nada melhor que os beijos quentes de uma mulher bonita. A sua vida estava cheia delas: Sabininha, a cearense de olhos verdes, a Veronica, a Titila e tantas outras... Todas de vida facil, alegrias efêmeras, amores que se olvidam. Pra que andar namorizando mocinhas timidas, e casadoiras se não queria casar? Tinha graça. Casar! Perder a liberdade... sustentar mulher e filhos... Qual! definitivamente não dava para marido. Custava muito daquela vida de vagabundo. Um belo dia cansava de um lugar, punha a mochila ás costas e partia em busca de recantos novos. E entretanto — o destino tem cada coisa! — fôra ele quem propuzera casamento a Jovinha. Se quizesse poderia torná-la sua á força ou explorando a gratidão infinita que ela lhe tributava. Mas não o fez. Queria que ela o amasse. E depois, aquilo era tão esquisito! diante dela sentia a mesma sensação que experimenta um adolescente diante da primeira namorada. Como um adolescente, namorou-a. E, sob um crepusculo de Setembro, na ponta daquele rochedo, falou, estreitando-a contra o coração:

— Repare, Jovinha: há muitas arvores grossas por aqui. Se você quizesse poderíamos aumentar a cabana e pintá-la de branco. Poderíamos fazer tambem uma pequena cerca e enfeitar o jardim com pedras marinhas. Quando estivesse tudo pronto pediríamos ao padre Assis que nos casasse. Depois viríamos aqui para agradecer á Virgem dos Navegantes a felicidade que nos concedeu. E, adivinhe, você estaria linda (sob a tarde) com seu vestido branco e o véu enfeitado de botões de laranjeira.

Ela estremeceu nos seus braços.

— Mas... é verdade, Tião? Você quer mesmo casar comigo?

— E então, Jovinha?

— Você se esquece... eu... eu já tive um filho... não devo, não posso usar véu... isso, Tião, isso ofenderia a pureza de Nossa Senhora...

E desatou num pranto convulso.

Que desastrado tinha sido! Então não se lembrara "daquilo"? Jamais perderia a sua estúpida distração... E, pensando bem, quanta tolice existe em certos preconceitos morais e sociais... De fato Jovinha já pertencera a outro, sabe Deus em que circunstancias tristes. Ele porém tinha certeza, poderia jurá-lo até: não havia no mundo alguem mais pura, melhor, mais digna do que aquela po-brezinha de Cristo que chorava de encontro ao seu coração.

— Pequenininha, consolou beijando-lhe os cabelos anelados, pequenininha, me perdôe...

E abraçados, em silencio, retornaram á cabana.

Casaram-se num domingo de sol, um mês depois.

Ondas enormes lavavam o rochedo. A escuridão tornava-se mais densa. Ti-

ritando, a respiração opressa, o vagabundo repetiu "Verei ainda uma estrela?" Coincidencia... Isto fôra tambem a ultima vontade de Jovinha na madrugada em que morreu. E para a longa e misteriosa viagem seguiu acompanhada do filhinho de ambos. Tinham feito tantos projetos acerca da criança. E ele proprio confeccionara o bercinho. Confeccionara-o com tanta alegria e para que, Senhor? Para atestar como uma chaga dolorida a ausencia de alguem que, sem chegar a viver, extinguiu uma vida. Aliás, duas porque a dele tambem acabára na fria madrugada em que Jovinha morreu. Abandonou tudo: a cabana, o trabalho, os amigos. Não aceitou condolencias, dispensou pêsames, insulando-se ferozmente na sua dor. No dia seguinte, occultamente como um criminoso, iniciou o seu destino de vagabundo; agora, não pelo simples prazer de fixar novas paisagens mas pela necessidade de fugir... fugir sempre... até de si mesmo. Pensara no suicidio, mas prometera a Jovinha seguir a trilha de Deus afim de encontrá-la na outra vida. Quanto tempo durou sua peregrinação e sua tortura? Não o saberia precisar. O essencial é que voltara. Voltara para morrer. Sentira o fim proximo e desejava expirar ouvindo o barulho incessante das ondas no rochedo e olhando o farol piscar branco e vermelho na ilha deserta. Tentou levantar a cabeça para vê-lo mais uma vez. Não o conseguiu. O vento zuniu chicoteando-lhe a carne e as ondas, crescendo ameaçadoramente, envolveram-no num turbilhão.

De repente...

Tudo se transformou. Miriades de estrelas multiplicavam-se no céu limpo e ele se sentiu jovem e rijo como nos tempos da primeira mocidade. Uma luz estranha, a principio uma restea, expandiu-se no horizonte de tal maneira que as orlas das ondas pareceram um rendilhado de luar. Deslumbrado, percebeu, caminhando no oceano, uma pequenina mulher que trazia ao colo uma criança. O vestidinho justo e os pés descalços identificaram-na. E sem conseguir explicar o milagre, sentiu-se suavemente impellido ao seu encontro.

— Jovinha...

— Tião...

Olhou espantado para a criança que sorria, estendendo-lhe os bracinhos:

— Não se parece contigo? E' o nosso filho...

Em êxtase tomou o menino aconchegando-o ao peito.

— Esperei tanto, Jovinha. Pensei até que... que nunca mais... Entretanto não envelheceste nada... Estás jovem e linda como sempre te conheci.

— Tu tambem, Tião.

E apontando a estranha luminosidade que o fascinava, sugeriu simplesmente:

— Vamos...?

— Sim... mas, para onde, Jovinha?

— Ao encontro de Deus.

Dias depois os pescadores acharam, vagando ao sabor de marola, o corpo irreconhecível do vagabundo.

O Juiz de Colmar

(Conclusão da página 7)

— Está aí Bismarck... E' Bismarck...

E o juiz de Colmar pensa dolorosamente:

— E' grande a honra, senhor Conde, mas, se eu tivesse aqui o meu caçula, o meu Miguel...

Uma gargalhada geral o impede de continuar, gargalhada louca, escandalosa, barbara, inextinguível.

— Mas que tem eles, que aconteceu? a si mesmo se pergunta o juiz, atarantado.

Ergue-se, olha... E' a sua almofada, a sua almofada de vento em forma de salva-vidas, que o Sr. de Bismarck religiosamente acaba de depor sobre o túmulo. E a singular corôa tem à volta esta inscrição: *Ao Juiz Dollinger, honra da magistratura. Preito de saudade.*

Dum extremo ao outro do cemitério toda a gente ri, toda a gente se torce com a violência do riso; e essa grosseira alegria prussiana ressoa até ao fundo da sepultura, onde o morto chora de vergonha, esmagado sob uma eterna irrisão.

**AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES
DESTA REVISTA**

Rogamos indiquem sempre com as suas
remessas de dinheiro, nome, endereço
e fins a que as mesmas se destinam.

WILLIAM SHAKESPEARE

Richard Carr do B. N. S., exclusivo para a REVISTA DA SEMANA

Em 23 de Abril de 1564, nascia em Stratford-on-Avon um menino que viria a ser o maior poeta e dramaturgo da língua inglesa. Era o filho mais velho de um luteiro, John Shakespeare e de sua esposa Mary Arden.

Seus primeiros anos são os fatos relacionados com a juventude desse grande poeta, que a História não registra. Com efeito, da sua infância muito pouco se sabe. É também ignorada a extensão dos ensinamentos recebidos no curso do período da sua educação. Esteve no "King's College School", de onde parece haver sido retirado aos 12 anos de idade. Quanto ao resto, não passam de suposições que se têm publicado sobre o grau de cultura desse dramaturgo incomparável. O que é certo, no entanto, é que a sua instrução deve ter sido bem acima da elementar, pois na obra que nos legou se revelam não só dotes poéticos, de uma profundidade raras vezes igualada, como conhecimentos generalizados de ampla envergadura.

Creio não exagerar ao afirmarmos que a obra shakespeariana jamais foi superada. Nela vamos encontrar tudo que há de mais belo no espírito humano. Alexandre Dumas, referindo-se ao grande mestre, afirmou que nos seus tra-

balhos havia maior poder dramático do que nas peças de Corneille; mais humorismo do que em Molière; mais originalidade do que em Calderon; mais alma do que em Goethe; mais paixão do que em Schiller.

Há ainda na obra de Shakespeare um espantoso estudo da psicologia humana. As suas personagens vivem como se tivessem existência real e não fossem apenas a criação de um só autor. É curioso como, apesar da subjetividade dos seus versos, tão pouco revelam eles dos próprios sentimentos de quem os criou. São figuras que pen-

sam por si, essas que Shakespeare nos apresenta em seus dramas. Pensam e falam exteriorizando sentimentos de uma assombrosa profundidade e demonstrando uma exuberante riqueza de idéias.

E, em vista da magnitude da sua obra, Shakespeare tem provocado inúmeras controvérsias acerca da cultura que animava o seu cérebro genial.

Em 1582, desposou Anne Hathaway. Do casal nasceram três filhos.

Com a idade de 23 anos, Shakespeare deixou a sua cidade natal, indo residir em Londres. Ali iniciou a sua carreira teatral, tornando-se ator.

Data de 1592 a primeira referência, dentre as que chegaram até aos nossos dias, sobre a habilidade literária de William Shakespeare e a concorrência que já fazia aos seus colegas de renome. Com efeito, o escritor Robert Greene, que alcançara uma fama considerável pela excelência das suas peças de teatro, veio a falecer. Pouco depois da sua morte foi publicado um trabalho seu no qual aconselhava aos seus amigos e companheiros de profissão que não mais escrevessem para o teatro. Havia entre os atores, asseverou Greene, um indivíduo que se julgava tão competente como os dramaturgos formados nas Universidades. Acrescentou que os trabalhos desse pretencioso plagiador eram os preferidos dos homens de teatro, e que os seus colegas acabariam na miséria se não escolhessem uma nova profissão.

Ora essa explosão de inveja e despeito, motivada pelo êxito de um escritor, que, pela insosfismável clareza das várias alusões contidas no texto original de Greene, não podia ser senão o próprio Shakespeare, não deixam dúvidas sobre o fato de que a estrela do mestre já se achava em vertiginosa ascensão.

Em Abril de 1593 foi publicado pela primeira vez o poema "Venus and Adonis", que alcançou fama rapidamente. Em Maio de 1594 veio à luz a sua segunda composição em versos, "The Rape of Lucrece". E, nos três anos que se seguiram, surgiram as primeiras das suas mais destacadas peças — "Romeo and Juliet", "Midsummer Night's Dream", "Richard II" e "The Merchant of Venice".

Não tardou Shakespeare a ser reconhecido com o maior dos dramatas ingleses. Nessa ocasião escrevia as peças "As You Like It", e "Julius Caesar", seguidas logo depois por "Troilus and Cressida", "The Merry Wives of Windsor", "Hamlet", e "Twelfth Night".

O Rei Jaime I, sucessor da Rainha Elizabeth, protegeu consideravelmente os artistas teatrais, sendo Shakespeare e os seus companheiros admitidos para o seu serviço pessoal. As peças seguintes do grande poeta foram "All's Well That Ends Well", "Measure for Measure", "Othello", "Macbeth", "King Lear", "Anthony and Cleopatra", e "Coriolanus".

Nos primeiros anos do século XVII, Shakespeare abandonou o palco, indo então residir definitivamente em Stratford. As suas últimas peças foram "Pericles", "Cymbeline", "The Winter's Tale" e "The Tempest".

Os derradeiros anos da sua vida parecem ter sido venturosos. Levava uma vida pacata e, segundo tudo indica, desprovida de maiores preocupações. Desfrutava uma confortável situação econômica, e era conceituado entre os seus concidadãos.

Finalmente, no dia 23 de Abril, data do seu aniversário, Shakespeare falecia na cidade onde nasceu, legando à posteridade uma obra literária de incomparável beleza e valor.



Monumento de Shakespeare, em Stratford-on-Avon, deante do Teatro Shakespeare.



do famoso Cottage de Anne Hathaway, que foi a esposa de Shakespeare,

